

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — H. BUSTAMANTE

Secretario — T. A. ARARIPE

Gerente: A. CHAVES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DO OUVIDOR, 31

ANNO XVI

Brasil — Rio de Janeiro, Setembro de 1929

N. 189

Edição de 64 paginas

SUMMARIO

EDITORIAL

A ORGANIZAÇÃO DA GUERRA.....	467
------------------------------	-----

COLLABORAÇÃO

ASSUMPTOS NAVAES — <i>A situação Naval-Remodelação da Esquadra</i> — Com. Ferraz e Castro.....	468
<i>Palavras de Fé</i> — Cap. Mar e Guerra Frederico Villar.....	470
<i>As operações de desembarque</i> (trad.).....	472
<i>Recordações do Marechal Petain sobre a batalha de Verdun</i> (trad.) Ten. Se- gadas Vianna.....	475
<i>O Sorteio Militar na 1.ª C. R.</i> — Maj. Ascendino d'Avila Mello.....	481
<i>A segunda parte (O combate) do Regulamento francez de Infantaria de 1928</i> — Cap. T. A. Araripe.....	484
<i>A collaboração do official medico na eficiencia das unidades de infantaria</i> — Cap. Mario Travassos.....	487
<i>Corrector de rumos Gago Coutinho</i> — Maj. Newton Braga.....	493
<i>A motorização da Cavallaria</i> (trad.).....	499
<i>Notas sobre Explosivos — Destruições — Minas</i> — Cap. Benjamin R. Galhardo.....	502
<i>A aviação em ligação com a infantaria</i> (trad.) — Cap. A. J. Bellagamba.....	509
<i>Estudo da progressão da infantaria sob o fogo da Artilharia</i> (trad.) — Cap. Portocarreiro.....	511
<i>Emprego da Artilharia na zona de acção eventual</i> — Ten. X.....	516
<i>Affinidades dos serviços em campanha</i> — Matança do gado — Matadores de campanha — Aproveitamento dos sub-productos e suas applicações — Ten. Vet. M. Bernardino da Costa.....	517

DA PROVINCIA

13.ª Batalhão de Caçadores — Programma de instrucção para o 1.º pe- riodo do anno de 1929-1930.....	521
--	-----

DA REDACÇÃO

<i>A actividade da Aviação Militar Argentina</i>	494
<i>A Villa Militar em abandono</i>	515
<i>Bibliographia</i>	526

EXPEDIENTE

"A Direcção de A DEFESA NACIONAL cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emitirem em seus artigos" (art.º 5.º § 2.º dos Estatutos.)

ASSIGNATURAS

Semestre	9\$000
Anno	18\$000
Avulso	2\$000

Permanecem em vigor as reduções para alumnos da E. M. e Sargentos. (5\$000 por semestre).

As assignaturas terminam nos mezes de Junho e Dezembro, podendo ser iniciadas em qualquer época; neste caso o assignante pagará os mezes restantes do semestre a razão de 1\$500 por mez.

Os pedidos de numeros atrasados devem ser acompanhados da importancia respectiva, isto é, 2\$000 por exemplar. (Preço de venda avulsa).

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Os annuncios e quaesquer publicações pagos, tratam-se com o Director de Publicidade: Sr. José Marques.

Toda a correspondencia para a Caixa Postal 1602 ou Travessa do Ouvidor n. 21 (1.º andar).

Mudança de residencia

Para evitar faltas pedimos aos interessados que comuniquem a gerencia suas mudanças de Corpo, pois dobrando assim a ligação feita por intermedio dos Representantes não deixarão de receber a revista.

ASSIGNATURAS AVULSAS

Prevenimos aos Srs. assignantes avulsos que iremos incluí-los nos grupos dos respectivos Corpos ou Estabelecimentos pois as remessas por intermedio dos representantes, são registradas.

Aos demais assignantes avisamos que não nos responsabilizamos pelos extravios no Correio, salvo se indemnizarmos a importancia equivalente ao registro respectivo.

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa direcção prezamos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á collaboração, sugestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importancias deve tratar-se com o *Gerente*;
- 3) Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazel-o ao *Director*.

AOS NOSSOS REPRESENTANTES

1) As guias de remessa da revista devem ser devolvidas como signal de que foi recebida a expedição. N'ellas deverão vir anotadas as alterações sobre os assignantes.

2) Pede-se aos Srs. representantes que todas as vezes que se ausentarem da sede da guarnição queiram deixar um substituto interino. Em caso de transferencia deverão propor um official, para substitui-lo definitivamente na representação.

AOS NOSSOS COLLABORADORES

Pedimos encarecidamente aos nossos prezados collaboradores o seguinte:

- apresentar os originaes sempre legíveis e se possível dactylographados;
- só escrever em uma das paginas das folhas do papel que utilisem;
- se se tratar de assumpto tecnico usar somente as abreviaturas regulamentares e não esquecer as demais regras prescriptas pelo R. S. C. (qualquer edição) a respeito da graphia dos nomes de localidades e estradas, orientação etc.

Fazemos tal solicitação com o duplo fim de facilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das vezes têm que soffrer completa remodelação, e para evitar a sobrecarga que nos tóca se os seus autores não tomam a si, como de direito, a tarefa de apresental-os em condições.

Ver em outra página o aviso Venda de livros

A Defesa Nacional

GRUPO MANTENEDOR

H. Bustamante, T. A. Araripe, Alexandre Chaves (Directores) — Muniz Barretto (repres. naval) — Frederico Duarte (repres. civil) — Mario Travassos, Bina Machado Humberto Castello Branco, A. J. Bellagamba, Sevilha, Ajalmar Mascarenhas Lamartine (da Redacção) — Toscano, Lage Sayão, E. Dornellas, Amaury Krueh, A. Ancora (da Administração).

CORPO DE REPRESENTANTES

No Rio de Janeiro

*M. G. — 1º Ten. Jair.
E. M. El. — Cap. Pery Bevilacqua.
2º Grupo Regidos — Cap. Aché.
Q. G. 1ª R. M. — Cap. Edgard Oliveira.
D. G. — 1º Ten. Nilo Chaves.
D. M. B. — Cap. Waldemar B. Aquino.
D. J. G. — Cap. Silva Barros.
Dir. A. — Cap. Aguiar de Castro.
Ars. Guerra — Ten. Antonio A. Borges.
Fabr. Cartuc. — 1º Ten. Sebastião M. Barreto.
M. M. F. — 1º Ten. Sacramento.
S. G. M. — Cap. Heraldo.
E. E. M. — 1º Ten. Barros de Castro.
Ser. Basílio da Silva.
E. A. O. — Cap. Octávio Paranhos.
E. C. — 1º Ten. Pietz Espindola.
E. Az. M. — Cap. Bellagamba.
E. M. — Cap. Cyro de Rezende.
Alumno João Bina Machado.
E. Int. — 2º Ten. Ferricho.
C. M. — 1º Ten. Milton Souza.
E. S. I. — 1º Ten. Ignacio Rofin.
1ª R. I. — 1º Ten. Armando Gonçalves.
2ª R. I. — 2º Ten. Fábio de Castro.
3ª R. I. — 1º Ten. Barbosa Pinto.
1ª R. C. D. — 1º Ten. F. A. Reis.*

*15ª R. C. I. — 1º Ten. Pietz Espindola.
1ª Dist. A. C. — Cap. François.
1ª G. A. Mh. — 1º Ten. Virgílio de Carvalho.
1ª R. A. M. — 2º Ten. Antonio H. A. Moraes.
2ª R. A. M. — 2º Ten. Antonio Marau.
1ª G. I. A. P. — 1º Ten. Hugo Alvim.
Forte de Copacabana — 2º Ten. Faria.
Fortaleza Santa Cruz — 1º Ten. Faustino.
Forte Vigia — 2º Ten. Moyses.
Fortaleza da Lage — 1º Ten. Frota.
I. B. E. — Cap. Adalberto Albuquerque.
1ª Cia. F. Viaria — 1º Ten. Nylson.
C. C. C. —
1ª Cia. E. — 1º Ten. Carneiro da Cunha.
F. S. D. — 2º Ten. Waldemar Fretz.
1ª Cia. Adms. — 2º Ten. Othon Barbosa.
Inspeção de Fronteiras — Cap. Lima Figueiredo.
1ª C. R. M. — 1º Ten. Costa e Silva.
Regimento Naval — Cmt. Santa Cruz.
Av. Naval — Cmt. Appel Netto.
Flot. St. — Cmt. Christovão de Figueiredo.
P. M. D. F. — Cap. Souto Mayer.
Corpo Bomb. C. P. — 1º Ten. G. Amado.
Club Off. Ras. — Cap. Valença.
C. P. O. R. — 1º R. M. — 1º Ten. Sevilha.*

Fôra do Rio de Janeiro

*Q. G. 2ª D. J. — São Paulo — 1º Ten. Costa Lima.
Q. G. 3ª D. J. — Porto Alegre — Cap. Teixeira Braga.
Q. G. 4ª D. J. — Juiz de Fôra — Cap. Pinto Pacca.
Q. G. 5ª R. M. — Curitiba — 2º Ten. Bunes.
Q. G. 6ª R. M. — Bahia — Cap. Nobrega Filho.
Q. G. 7ª R. M. — Recife — Cap. João Facó.
Q. G. 8ª R. M. — Cap. Verissimo.
Q. G. Circums. — M. Grosso — Campo Grande — 1º Ten. Jandyr.
Fab. de Polvora — Estrella —
Ars. de Guerra — P. Alegre — Cap. A. Correia Lima, D.
C. M. — Porto Alegre — 1º Ten. Marques Santiago.
C. M. — Ceará — 1º Ten. Tulio Belleza.
4ª R. I. — Quitauna — 1º Ten. Leniberto.
5ª R. I. — (sede) Lorena — Cap. Eloy.*

*5ª R. I. — II Bth. — Pinda — As. Bayard.
6ª R. I. — Carapava — 1º Ten. Arlindo Nunes.
7ª R. I. — Sta. Maria — Cap. Frederico Botelho.
8ª R. I. — Cruz Alta — Cap. Juvenal Antunes.
9ª R. I. — Rio Grande — Ten. Octavio Silva.
10ª R. I. — Juiz de Fôra — 1º Ten. Armando B. Moraes.
11ª R. I. — S. João d'El-Rey — 2º Ten. Hugo Faria.
12ª R. I. — Ponta Grossa — 1º Ten. Leonardo de Campos.
1ª B. C. — Petropolis — 2º Ten. Amílcar Dutra.
2ª B. C. — S. Gonçalo — 2º Ten. Francisco P. Quedes.
3ª B. C. — Victoria — 2º Ten. Pio Borges.
4ª B. C. — S. Paulo — 1º Ten. Saboya.
6ª B. C. — Ipameri — Ten. João C. Gross.
7ª B. C. — Porto Alegre — Cap. Jeronymo Braga.
8ª B. C. — S. Leopoldo — 2º Ten. A. Vianna.*

(Continúa)

9º B. C. — Caixias — Cap. Maciel.
 10º B. C. — Ouro Preto — Cap. Mariano Chaves.
 13º B. C. — Joinville — Cap. Cezar Gonçalves.
 15º B. C. — Curitiba — Ten. Domingues dos Santos.
 16º B. C. — Cayabá — Major Rabello.
 17º B. C. — Corumbá — 2º Ten. A. Xavier.
 18º B. C. — Campo Grande — 2º Ten. Alves de Lima.
 19º B. C. — Bahia — 2º Ten. Joaquim Monteiro.
 20º B. C. — 2º Ten. Vieira de Azevedo.
 21º B. C. — Recife — 1º Ten. Oliveira Leite.
 22º B. C. — Parahyba — Ten. Carvalho Lisboa.
 24º B. C. — S. Luiz — 2º Ten. José Maria Rodrigues.
 25 B. C. — Therezina — 1º Ten. Moysés.
 27º B. C. — Manaus — Cap. Salgado dos Santos.
 28º B. C. — Atacaju — 1º Ten. Isaías.
 2º R. C. D. — Pirassununga — Cap. Alcides Lauridó.
 3º R. C. D. — Jaguarão — Cap. Aureliano.
 4º R. C. D. — Tres Corações — 1º Ten. Goulart Bueno.
 1º R. C. I. — Boqueirão — 1º Ten. Ortegall Novaes.
 2º R. C. I. — S. Borja — 2º Ten. Saldanha.
 3º R. C. I. — S. Luiz — 2º Ten. Franklin.
 4º R. C. I. — Sto. Angelo — Maj. Soares da Silva.
 5º R. C. I. — Uruguayana — 1º Ten. Sá e Souza.
 6º R. C. I. — Alegrete — 1º Ten. Cunha Garcia.
 8º R. C. I. — Rosario — 2º Ten. Pontes.
 10º R. C. I. — Bella Vista — Cap. Serra Henrique Rodrigues.
 12 R. C. I. — Bagé — 2º Ten. Emilio Medici.
 14º R. C. I. — D. Pedrito — Ten. Herojo Lemos.
 R. A. Misto — Campo Grande — Ten. Cid Oliveira.
 4º R. A. M. — Itu — Cap. Manoel Nobrega Ten. Sylvio Flemig.
 5º R. A. M. — Santa Maria — Cap. Léo Calvalcanti.

6º R. A. M. — Cruz Alta — 1º Ten. Frederico Drumond.
 8º R. A. M. — Pouso Alegre — 2º Ten. Clavis S. Barros.
 9º R. A. M. — Curitiba — 1º Ten. Oscar G. Amaral.
 2º G. I. A. P. — Quitáina — Ten. Horacio Gonçalves.
 3 G. I. A. P. — Cachoeira — 1º Ten. Orlando Geisel.
 5º G. A. Mth. — Valença — 1º Ten. Figueiredo Cardoso.
 1º G. A. Cav. — Itaquí — Cap. Euclides Sarmiento.
 2º G. A. Cav. — Uruguayana — Cap. Fabricio.
 3º G. A. Cav. — Bagé — 2º Ten. Baithazar.
 5 G. A. Cav. — Sta. Anna do Liv. —
 Forte de Itaipús — Santos — 1º Ten. Hugo.
 4º B. E. — Itajubá — Ten. Abreu Sobrinho.
 5º B. E. — Porto União — 2º Ten. Juracy Campello.
 1º B. F. Viario — Jaguarão — Ten. Paulo Leite.
 Forte de Itaipús — 2º Ten. Abelardo Marcondes.
 Guarnição de Bello Horizonte Ten. Coetho dos Reis.
 Guarnição de Florianopolis — 2º Ten. Orlando Gomes.
 Guarnição de São Gabriel — Cap. Geraldo Da Camino.
 Força Publica — São Paulo — Cap. José M. dos Santos.
 Força Publica — R. de Janeiro — Cap. Colares Moreira.
 Brigada Militar — R. G. do Sul — 1º Ten. Alcindo Nunes Pereira.
 1 Batalhão da B. M. — Porto Alegre — Aca-cio F. Oliveira.
 Força Estadual — Ceará — 1º Ten. R. Jourdan.
 Força Estadual — Sta. Catharina — 2º Ten. João Walheimer.
 Força Estadual — Matto Grosso — Major Aristides Prado.
 C. P. O. R. 3º R. M. — Porto Alegre.

DIRECTOR DE PUBLICIDADE — SR. JOSE MENEZES

AVISO IMPORTANTE

Aos nossos representantes e assignantes

A partir de 1º de Janeiro de 1930, os preços das assignaturas de "A Defesa Nacional" serão os seguintes:

INTERIOR

1º — Officiaes. —	
Anno	18\$000
Semestre	10\$000
2º — Alunos. —	
Numero Avulso	1\$200
3º — Sargentos. —	
Anno	15\$000
Semestre	8\$000
4º — Avulsos ou atrasados	2\$000

5º — Todos os assignantes que não pertençam a um dos grupos existentes; isto é, que recebam directamente a revista, deverão, além dos preços acima pagar a taxa relativa ao registro, caso queiram que esta se responsabilize pelos extravios do correio.

a) — As assignaturas deverão terminar sempre nos mezes de Junho ou Dezembro.
 b) — Caso iniciem em meio de semestre serão cobradas a razão de 1\$700 cada exemplar.

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — H. Bustamante

Secretario — T. A. Araripe

Gerente — A. Chaves

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — TRAVESSA DO OUVIDOR, 21

ANNO XVI

BRASIL — RIO DE JANEIRO, SETEMBRO DE 1920

N. 189

EDITORIAL

A organização da guerra

A ninguém deve causar estranheza o facto de constituir o phenomeno da Guerra assumpto natural e obrigatorio para todos os que exercem a nobre profissão das armas.

Esse direito cresce de vulto quando é encarado sob o ponto de vista nobre, grandioso e sagrado da Defesa Nacional. E é por isso que não nos constrangimos em pensar na Guerra, em lembrar a Guerra e em aconselhar a preparação para a Guerra — objectivo capital das Forças Armadas de qualquer Paiz. Querer uma Patria forte e prompta a repellar qualquer aggressão a sua soberania ou qualquer offensa a sua honra, não é desejar ou fomentar a Guerra. "Não é um impeto de alarma, um incitamento bellicososo, nem o prenuncio de guerra; mas o estímulo do preparo, no que respeita ao acondicionamento da Nação á contingencia de uma luta armada". E' tambem a maior aspiração e o maior dever de todos os verdadeiros patriotas.

Quanto mais estudamos os phenomenos da Guerra, tanto mais nos imbuimos de sua magnitude e da base scientifica em que os mesmos encontram apoio. Por isso, o estudo desses phenomenos constitue uma verdadeira sciencia — a Sciencia Militar — com horisontes cada vez mais amplos e perfeitamente entrelaçada com os outros ramos da sciencia humana.

Esta verdade manifesta-se com maior clareza quando se enfrenta o complexo problema da Organização guerreira do Paiz ou, em palavras mais simples, quando se cuida da Organização Militar, isto é, a parte da Sciencia Militar que realiza a preparação para a Guerra e que serve de base fundamental ás outras partes, da Tactica, da Estrategia e da Logistica, porque é ella que fôrma o instrumento a ser empregado por estas nos dias de luta.

No seu conceito amplo, a ORGANIZAÇÃO MILITAR tem por objecto crear, dosar e coordenar todos os elementos das forças navaes, terrestres e aereas; equilibrar os seus esforços segundo os objectivos politicos, os interesses do Paiz e as suas possibilidades economicas; e estabelecer, nesse sentido, bases simples, solidas e estaveis, de modo a assegurar a existencia de

um systema militar harmonico e, tanto quanto possivel, duradouro.

Mas não é bastante. Já se tem dito aqui, em occasiões diversas, que o estudo da ORGANIZAÇÃO MILITAR do Paiz não mais se pôde ater simplesmente ao aspecto technico-militar do problema, por isso que é do dominio vulgar que a luta envolverá, quer se queira ou não, todas as energias e todas as actividades nacionaes. Desse modo não mais se concebe semelhante Organização abrangendo unicamente os recursos militares disponiveis; ao contrario, sente-se perfeitamente a necessidade de contar-se, desde os remansos da paz, com todas as manifestações vitais da Nação, de ter-se dominio sobre essas manifestações para poder dellas lançar-se mão, em acções bem coordenadas nos momentos difficeis.

E' commum attribuir-se á ORGANIZAÇÃO MILITAR a imagem de uma machina com innumeras engrenagens e cujo funcionamento, impulsionado pelos sentimentos e virtudes nacionaes, deve fazer-se com normalidade, sem attritos e sem desfallecimentos. Porém, uma tal comparação não se particulariza ao organismo das Forças Armadas em si. Hoje, mais do que outr'ora, é indispensavel que as diferentes peças desses organismos se entrossem com os mais variados da vida civil, e isso desde os tempos de paz.

Todos comprehendem, por exemplo, a ligação intima que deverá existir entre as classes productoras do Paiz e os órgãos dirigentes das Classes Armadas para effeito da MOBILIZAÇÃO INDUSTRIAL, AGRICOLA e FINANCEIRA do Paiz, operações em que as relações entre o Estado e as entidades industriaes, agricolas e financeiras devem ser perfeitamente definidas. Essas operações e os dispositivos que as regularão só podem ser estabelecidos convenientemente graças a estudo de conjuncto e de cooperação de todos os elementos interessados, tanto militares, como, e principalmente, industriaes, agricolas e financeiros.

Mesmo o problema particular da MOBILIZAÇÃO MILITAR não pôde ser trabalhado sem se ouvir as necessidades civis da Nação, sem que

Assumplos Navaes

A situação naval - Remodelação da Esquadra

Pelo Commandante FERRAZ E CASTRO

A esteril e fastidiosa polemica, intensamente sustentada até aos primórdios da guerra de 1914, sobre o confronto entre submarinos e submersíveis a princípio, e depois sobre o valor comparativo dos submarinos e couraçados, teve por unico effeito desvirtuar o pensamento militar, de uma questão puramente technica, para encarralá-lo no terreno das fantasias. Prova é, quando chegou a grande guerra, as primeiras façanhas dos submarinos allemães causarem assombro e apprehensões; e só então se reconhecia que nada, absolutamente nada, fôra previsto e preparado contra a acção aggressiva do pequeno navio. Até o recurso da alta velocidade, para as unidades de guerra quando em cruzeiro, só foi providencia encontrada depois dos primeiros ataques, das primeiras victimas. Como isso, tudo mais que veio ideado e empregado como acção contra-offensiva, foi decorrente da propria luta, appareceu durante a guerra. A cada especie ou forma nova de insidia dos submarinos, buscavam então remedio apropriado.

haja preparação por parte dos órgãos responsáveis por essa vida civil.

Essa interferencia sóbe de muito quando se considera a MOBILIZAÇÃO MORAL da Nação, em que cooperam, mais do que as Classes Armadas, todos os elementos civis de escol.

Foi da verificação dessa verdade que nasceu em quasi todos os países o CONSELHO DE DEFESA NACIONAL, destinado a centralizar a cooperação civil e militar na preparação guerreira.

Entre nós a criação desse órgão constituiu verdadeira victoria, após mais de uma dezena de annos de propaganda levada a effeito pelos proprios Ministros da Guerra. Seu funcionamento, entretanto, ainda não foi inaugurado.

Ora, justamente quando se pensa em effectuar reformas nos diversos organismos do Exercito e da Armada é que se impõe a actualização do CONSELHO DE DEFESA NACIONAL, cuja principal função entre nós será de harmonizar as exigencias provenientes das necessidades militares com as conveniencias das necessidades militares da vida civil e com a carencia de recursos nacionaes.

Desse funcionamento resultaria para as Forças Armadas um beneficio immediato — a colaboração constante e intima entre os respectivos Estados Maiores — colaboração esta cujo primeiro fructo seriam AS BASES GERAES DO PROBLEMA MILITAR BRASILEIRO, assentadas de modo tão duradouro quanto possivel e graças as quaes se asseguraria a constancia de orientação através de varios periodos governamentais.

Outra vantagem immediata que se retiraria de tal órgão seria a da approximação ou concordancia das leis e organizações civis e militares nas questões e assumptos em que se podem prestar auxilio reciproco.

No outro campo, tambem a mesma imprevidencia. Duas applicações novas, favoraveis ao submarino, a guerra do curso e a minagem, só se effectivaram de modo pratico no decorrer da guerra. A ultima principalmente, que deu existencia real ao "submarino-mineiro", assumiu hoje, indistinctivamente, valor tão precioso, que tornou imprescindivel essa especie de navios a qualquer potencia, tal a sua vantagem. Como mineiros de superficie podem ser adaptados, satisfactoriamente, certos navios mercantes nacionaes; mas as tarefas que competem, aos submarinos-mineiros, de importancia tão relevante, não podem ser attribuidas aos mineiros de superficie.

Uma terceira missão, tambem adequada aos submarinos, não encontrou oportunidade na grande guerra; abrir hostilidades com um ataque de surpresa contra a esquadra inimiga, em sua propria base; repetições do que fizeram os japonezes em Porto-Arthur, mas por outro meio e com outra orientação.

A grande guerra, contudo, teve a virtude de

Assim, por exemplo, a Lei do Serviço Militar que deve ser uma lei tipicamente nacional, tem que estar em harmonia com diferentes outras leis e regulamentos, sem o que os seus preceitos serão "letra morta".

O apoio reciproco dos serviços de registro civil, de alistamento eleitoral, de cadastro policial, de registro commercial e do alistamento militar poderá proporcionar a este ultimo resultados surprehendentes.

Por outro lado, as sancções do serviço militar não devem ser fixadas somente nas leis militares; torna-se imprescindivel que todas ellas figurem com caracter taxativo nas leis e regulamentos civis e, se possivel, até no codigo penal.

Para attingir-se esse desideratum urge um trabalho demorado e seguro, não apenas de technicos militares como se tem feito até aqui, mas de especialistas nas questões interessadas pela lei que se deseja estabelecer.

Egnaes vantagens adiriam dessa cooperação para o soluçionamento do problema da viação, da estatística, etc.

Para o primeiro principalmente, dado o surto que as questões rodoviarias tem tomado nos ultimos tempos, é urgente o entendimento do Estado Maior com o Ministerio da Viação, de modo a se attender ás necessidades dos transportes militares em casos de guerra. E todos sabemos que nesse assumpto ha quasi tudo por fazer.

Mais uma vez, repetimos: o problema de Organização da Guerra, que constitue o Problema Militar em si, deve ser enfrentado segundo um plano de conjunto e esse plano só o Conselho de Defesa Nacional, com a sua autoridade indiscutivel, pôde estabelecer e verificar-lhe a execução.

Urge, portanto, fazer funcionar o Conselho de Defesa Nacional.

colocar os factos em seus justos termos, e demonstrar, também, quanto pueris haviam sido aquellas discussões e comparações anteriores. Assim se verificava que a cada especie de navios competia uma especie de trabalho. Era o trabalho que cumpria dividir e reclamar instrumento proprio, e não este que se subdividia, capaz de todas as applicações. Do trabalho especializado de cada especie de navios, vinha facilitada a tarefa, a grande tarefa, da esquadra de batalha.

Cessada a guerra, entretanto, discussões congeneres voltaram á tona. De uma analyse falseada das occurências e episodios succedidos, opiniões se firmaram proclamando a ascendencia, — ou a fallencia — desta ou daquela especie de armas ou de navios em confronto. Os leigos, principalmente, extremaram preferencias. A aviação e o cruzador-submarino ideado, foram e são os principaes argumentos da nova polemica. Nas épocas, como a actual, de franca transição da tactica naval, as divagações sempre foram profusas.

Em nosso meio tal controversia não formou apaixonados. A questão, entretanto, vem sendo apreciada sob outro aspecto, tendo por causa exclusiva a situação precaria tanto de nossas finanças como de nossa esquadra na actualidade. Commenta-se por isso, constantemente, qual a especie e classe de navios que mais convém á reconstrução de nossa marinha, visto que os recursos financeiros que nos concederem serão evidentemente escassos, e sabido que o poder naval que ainda possuímos, está completamente decabido de valor militar em relação á época.

Semelhante indagação não tem por base encontrar solução satisfactoria definitiva, mas reunir um certo nucleo de navios novos aos existentes ainda em estado de prestar serviços. Isto será falsear o criterio da homogeneidade, imperativo para a marinha. O que interessa é adoptar uma solução transitoria, — repousando suas combinações nos elementos em serviço, sufficiente ou não capaz de attender ao mais urgente capaz de não nos deixar tão desarmados como estamos; e assim, progressivamente, irmos procedendo ás substituições, até ficar concluída a obra definitiva da remodelação da esquadra.

Se não nos promisse a situação economica, a solução seria expedita: encomendar incontinentemente tudo novo. Mas, prevendo possibilidades de dotações orçamentarias annuaes ou periódicas, — assim entenda o Governo — o caso se resume em conseguir por etapas a mesma substituição integral, e de modo que, em qualquer occação, antes de sua conclusão nós possamos dispor sempre de um poder naval diminuto mas effectivo, e não obsoleto e desprezível.

Quer se comece pela construção de couraçados ou de esclarecedores, de torpedeiros e submarinos, o pensamento militar impõe a homogeneidade. E' elle que determina o numero de unidades absolutamente iguaes, de cada especie de navios, que será necessario construir ao mesmo tempo, para substituir, por outra nova, a força em serviço composta de velhas unidades. Com effecto, é por forças homogeneas, e não por unidades isoladas, que se deve proceder ao rejuvenescimento do poder naval. Agindo diversamente, só conseguiríamos transformar a esquadra na-

quillo que vulgarmente se chama um "museu de amostras".

O agrupamento é a base do poder militar. Por maior que seja o valor de um navio isolado, elle representa apenas uma unidade de combate; e se precisa de "forças" para ter superioridade. O agrupamento das diversas unidades da mesma especie, constitue a força das divisões; o agrupamento dessas divisões constituindo a esquadra, materia da noção do poder naval. O criterio que determina o numero de unidades de cada especie que devem compor a força naval, não pode, evidentemente, ser arbitrario. Elle deriva, obrigatoriamente, dos principios da guerra e da experiencia, — considerações de ordem strategica e tactica — coordenados aos objectivos nacionaes.

Seria absurdo, afirmar pretentemente que o poder naval de uma nação não continue representado pelo seu nucleo de couraçados. Esse nucleo é que constitue a parte fundamental da esquadra da batalha; "o corpo principal", ou o "grão das forças", como o chamamos em linguagem tecnica. Os outros navios que entram na composição da esquadra de batalha, — esclarecedores, torpedeiros, submarinos de ataque, e á parte (mas igualmente imprescindiveis) os submarinos mineiros — são elementos auxiliares indispensaveis, por altamente, valiosos, á acção combatente dos couraçados. Esses "navios ligeiros" como os designamos tecnicamente, ammiram hoje, indiscutivelmente, pelo valor da sua cooperação efficaz, em conjuncto ou mesmo independente, uma importancia relevante que nunca possuiram poucos annos atraz.

Os nossos dois "Minas Geraes", exemplares perfectos de sua época de construção, hoje são os mais debéis dos couraçados existentes, em serviço nas diversas marinhas do mundo. Urge pois substituil-os; mas por outro nucleo de couraçados, de poder militar de accordo com a época. Seria absurdo que se pretendesse reforçar os dois "Minas", adquirindo um novo couraçado, dotado de todos os aperfeiçoamentos. Ou este, para aproveitar-se de suas vantagens proprias, ver-se-ia na contingencia de combater sozinho o conjuncto couraçado inimigo, ou então, para ter o apoio do "Minas" e "S. Paulo", de sacrificar as mesmas vantagens proprias. Um caso e outro seriam inadmissiveis, o que comprova a imposição do criterio da homogeneidade na construção das unidades de qualquer especie, para a marinha de guerra. O criterio da homogeneidade nas novas construções impõe-se fundamentalmente, para evitar o aleijão de uma esquadra constituída, em seus diversos nucleos, por navios heterogeneos.

Dado que nas fosse possível occorrer de prompto á construção de 3 couraçados modernos, fariamnos identicamente desarmados durante todo o prazo em que aguardassemos a sua promptificação. Si adquirissemos agora, 3 ou no minimo 2 couraçados modernos, promptos, que qualquer potencia amiga resolvesse ceder-nos, — caso contudo muito difficil devido aos accordos internacionaes — seria então o nucleo dos nossos navios ligeiros, actualmente em serviço, que tornar-se-ia inaproveitavel, inapplicavel, para o trabalho em cooperação com aquelles.

Realta, pois, á evidencia por onde devemos

começar a remodelação, tendo em vista os dois vínculos da questão: as dificuldades de ocasião de nossa situação financeira e o facto de não devermos ficar desarmado enquanto procedermos progressivamente à remodelação de nosso poder naval.

Si a evidencia, consequentemente, mostra a conveniência de iniciarmos a remodelação pelo rejuvenescimento dos navios ligeiros, compete a alta direcção da marinha estabelecer o numero e os característicos dos escaqueadores, torpedeiros e submarinos desejados, examinando-se cuidadosamente todos os dados militares do problema e os recursos de que poderemos dispor presentemente.

Para completar esta iniciação ou precisamente, para levar ao maximo efficaz o valor desse novo aparelhamento de navios ligeiros, não

nos esqueçamos do concurso indispensavel e inestimavel da minagem nos tempos de hoje. A incorporação de submarinos-mineiros e um elevado stock de minas é completamente imprescindivel ao aparelhamento indicado, para que elle possa apresentar resultados effectivos, para que nos possa servir de garantia. Em beneficio desse complemento, ha uma medida de economia a ser utilizada: em lugar da aquisição de navios mineiros de superficie, a adaptação para tal mister, de alguns navios de nossa frota mercante. Temos nítidos em condições de preencherem, cabalmente, o objectivo. Desde já poderíamos dar começo a semelhante adaptação, deixando contudo a requisição de taes navios, e sua incorporação é esquadra para quando opportuno. Medida complementar seria exercitar continuamente um pessoal numeroso, tanto no serviço de lançamento como no da dragagem de minas.

Palavras de Fé

Pelo Cap. de Mar e Guerra FREDERICO VILLAR

N. DA RED. — *A travessia realizada pelo novo submersivel "Humaytá" causou no seio da Armada Nacional intenso e justificado jubilo e deu lugar a que os officiaes de marinha não escondessem os seus applausos á guarnição da não recém-vinda.*

A nossa revista não pôde deixar de associar-se a esses applausos e homenagens, pois, sempre fez parte do seu programma a estimulação de todos os esforços que visem o engrandecimento do País e, especialmente, das Classes Armadas.

Para isso julgamos que o mais acertado é reproduzir as palavras vibrantes, cheias de fé e de patriotismo do nosso antigo collaborador, o Cmt. Frederico Villar, no almoço offerecido aos officiaes do "Humaytá", palavras cujo valor resulta por demais quando se offende que o Cmt. Villar acaba de regressar dos Estados Unidos da America, o paiz de maior dynamismo do universo.

"Senhores!"

Meus caros commandantes e officiaes do submarino "Humaytá"

Quando deixastes Spezzia com rumo ao Rio de Janeiro, trazendo-nos a valiosa unidade com que reforçamos a nossa Defesa Naval, toda a Marinha já estava absolutamente certa de que ao exito da vossa difficil missão no grande paiz mediterraneo, onde evidenciastes de modo tão brilhante o caracter e o valor profissional da nossa gente, iríeis juntar mais uma pagina memoravel ás muitas que já caracterizam com os louros dos vossos efficientes esforços e sacrificios.

Não nos surpreendestes, pois, com a belleza e elegancia do vosso inolvidavel cruzeiro, chegando a esta capital, após vinte e dois dias de viagem directa, com o navio prompto — como o fizestes — a tomar immediatamente parte das manobras da Esquadra e merecendo os justos elogios que recebestes dos nossos prezados almirantes e do illustre chefe da Missão Naval Americana no Brasil, que o fez nos termos mais lisonjeiros para os vossos creditos e para a Marinha Nacional.

Enchemo-nos de jubilo com o vosso exito. Não pela surpresa da novidade de semelhante acontecimento — embora indiscutivelmente notavel e "do qual qualquer pode bem ufanar-se" — mas pelo prazer de ver o continuar o justo e elevado conceito em que vos temos.

Nem poderia haver tal surpresa para quem conhece os vossos antecedentes e sabe o que vale de admiravel dedicacão de belleza civica e de

capacidade profissional entre nós! A flotilha de submarinos, a aviação e cada um dos navios das divisões de couraçados, cruzadores e contra torpedeiros, da mesma forma que os estabelecimentos navaes, como o Estado Maior a que tenho o honra de pertencer — são constantes scenarios desse mesmo labor intelligente, infatigavel devotamento e desinteresse pessoal de que destetão linda prova, graças aos quaes, através de todas as difficuldades, a Marinha existe e existirá eternamente, animada pelo sagrado fogo da nossa crença, qualquer que seja a idade e o consequente estado material das unidades que a compõem seja qual for a satisfacão das suas necessidades, conforme a maior ou menor possibilidade das finanças do Paiz, e a amplitude dos horizontes da nossa carreira.

Aqui nos reunimos, caros commandantes e officiaes do submarino "Humaytá", para demonstrar publicamente o nosso regozijo, proclamando aos olhos da Nação os altos meritos de tão queridos e dignos companheiros e dar-vos o mais vivo testemunho do nosso apreço. Demonstrastes, mais uma vez, saber como se pratica a miraculosa expressão do "You can", que os americanos semearam durante cem annos na alma da juventude, — por toda a vastidão do grande paiz do norte, nas escolas, nas universidades, nas officinas, nos centros desportivos, na marinha e no exercito, convertendo cada homem, cada mulher, cada criança, qualquer que seja a sua condição social, numa criatura ardente na confiança do seu proprio valor e no valor dos

seus compatriotas, confiança que é causa mater da grandeza nacional dos Estados Unidos!

"You can make of yourself everthing" — "tendes dentro de vos mesmos uma formidável fonte de energia que vos habilita a subir tão alto quanto quizerdes e a realizar tudo quanto nobremente idealizardes! Para comprehenderdes as vossas possibilidades — proclamam enthuisticamente — para dominardes e construides, basta que sejaes movidos por altos objectivos, nobres ideaes e justas ambições — conduzidos por uma firme decisão forrada por uma vontade de ferro! Cada um de nós, dizem elles, determina a sua propria vontade, a altura a que pôde attingir — basta querer e estar sincera e firmemente animado por sentimentos dessa natureza!"

"You can" — Vós podeis tudo! Graças a isso, mercê dessa miraculosa convicção solidamente enraçada na alma de seu povo, a America do Norte, uma grande nação, predestinada ás mais gloriosas conquistas da civilização e do Trabalho — uma terra incomparavel — um grande templo de fé no exito da sua gente! E a Marinha do Brasil é, certamente, o nucleo nacional que mais se approxima da mentalidade dos filhos da Norte America, o agrupamento mais perfeito de verdadeiros bandeirantes — optimistas inventiveis — animados por elevados ideaes e realizando, por isso, através sacrificios e desprendimentos extraordinarios, os milagres do patriotismo e do amor que a caracterizam e que constituem a sua força constructora, o espirito varonil e tenaz que tornou possivel a Liga de Sports da Marinha e os estupendos resultados colhidos nos magnificos trabalhos do Estado Maior, na Escola Naval de Guerra e nas manobras da esquadra!

Meu caro Lemos Bastos, meus prezados companheiros do submarino "Humaytá", nós vos felicitamos de todo o coração pela vossa brilhante travessia de Spezzia ao Rio de Janeiro mas o brevedo era de nosso dever mostrar á Nação o quanto nos orgulhamos dos vossos feitos para justo renome e prestigio da Marinha que através da nossa longa historia tem sido e será sempre a espinha dorsal da nacionalidade brasileira! Os nossos companheiros encarregam-me de dizer-vos quanto o vosso esforço e o brilho de toda gente — officiaes, sub-officiaes e praças — a bordo do submarino "Humaytá", nos enchem de alegria, e como nos sentimentos ufanos do vosso exito, fruto das grandes e nobres virtudes militares que definem o vosso caracter — reflexo do caracter da nossa corporação!

Senhores!

Desde que organizamos a esquadra brasileira, em 1822, em nosso longo passado, temos por vezes, atravessado varias crises em nossa Marinha, e aos dolorosos periodos de fallencia do nosso poder naval, de desanimo do pessoal, apesar da pobreza e decadencia do seu material fluctuante, temos visto épocas verdadeiramente miraculosas de aparelhamento, de manifesto progresso profissional, de elegancia, de garbo e de enthusiasmo na comprehensão civica do papel decisivo da nossa Marinha, nos destinos da nossa patria—assegurando a independencia e a unidade politica do Brasil, bem como o seu progresso e civilização, promovendo a expansão

dos seus recursos economicos; accelerando o desenvolvimento do seu commercio maritimo em tempo de paz, e permitindo, por fim, a segurança da mobilização e da concentração do Exército nas fronteiras do paiz, e, por essa forma, a solução victoriosa dos nossos problemas militares nos momentos mais graves da vida nacional!

A nação pôde estar certa de que não desanimaremos! Sentimo-nos unidos e reconfortados pela certeza de que, se circumstancias superiores não permittem agora ao Brasil possuir a Marinha de que tanto carece, uma melhor situação financeira do paiz e a visão dos homens de Estado não retardarão por certo a renovação material da nossa Esquadra e a reconquista da força e do prestigio internacional que nella iniludivelmente se estriba. Podemos olhar confiantes para a nação que não poderá jámais esquecer as nossas tradições gloriosas, os nossos feitos illustres, honrando-a e salvaguardando os seus mais sagrados direitos na paz e na guerra, durante mais de cem annos.

O procedimento da gente do "Humaytá" prova bem alto que jámais se offuscará o brilho dessas tradições, desviando-nos do caminho do extremo devotamento pelo Serviço Naval, dentro das normas salutaes da disciplina e da lealdade que jurámos na defesa dos mais altos interesses do Brasil — do Brasil que, á sombra dos fastos da sua Marinha, marcha, progride, enriquece e triumphal!

Animados por esses nobres ideaes, nos manteremos sempre exclusivamente absorvidos pelas preoccupações do constante aperfeiçoamento tecnico e da disciplina, sem as quaes todo o nosso prestigio, todas as bellezas Moraes e todas as elegancias da nossa carreira perderão o seu magnifico encanto.

Somos e queremos ser apenas isso que o "Humaytá" acaba de mostrar — o "back bone" a columna mestra — da Nação Brasileira — um nucleo de patriotas anonymos que esquecem todas as suas conveniencias pessoais, os beneficios materiaes que possam commodamente usufruir, tendo sempre em mente os destinos da patria, que repousam na força e na efficiencia da sua Armada e o pensamento que Sanches Toca burilou tão lindamente nas suas "Reformas Navaes", quando affirmou que **"não ha factor de ordem moral e economica que iguale em valia a expansão dos elementos navaes"**.

Senhores! Meus caros collegas!

Façamos da união o objectivo constante da nossa classe e a nossa maior preocupação, um habito que repouse na Fé das nossas proprias virtudes! Sejam fortes na admiração das unidades que caracterizam os nossos companheiros e acreditemos que o maior encanto da nossa vida reside na convicção de que, graças a esse espirito, a Marinha do Brasil não tardará em resurgir mais poderosa e efficiente do que nunca, para que a nação se sinta forte, unida, prospera e feliz, á sombra da sua força naval!

Lemos Bastos, Cochrane, Paiva de Azevedo, Mattoso Maia e Conceição, como os seus sub-officiaes e praças, alagaram de alegria o nosso coração e carregaram-nos para o fundo

de uma estima e de uma admiração de onde não sairemos jámais!

Senhores!

Repitamos como os americanos:

"You can make of yourself everything"!

"Do! The doer is the digger and the digger is the builder"!

"Do! The doer is the mover — and the mover is the winner"!

Sejamos unidos, confiantes e optimistas! A Marinha acredita sinceramente na clarividência

cívica dos homens responsáveis pelos destinos da pátria, cuja defesa e unidade política não podem deixar de ser os objectivos máximos dos seus estadistas e a constante preocupação dos que não ignoram a dureza das lições da história no castigo imposto aos povos marítimos que descuidam do seu poder naval, esquecendo as suas responsabilidades perante a civilização e o sacrifício dos mais sagrados interesses das futuras gerações brasileiras!

Senhores! Pelos nossos companheiros do 'Humaytá'! Pela Marinha! Pelo Brasil!

AS OPERAÇÕES DE DESEMBARQUE

Do Contra-Almirante VON DITTEN

Extracto pelo Cap. LOUSTAUNAU-LACAU — (Tradução de La Revue d'Infanterie)

N. da Red. — Nas *Chroniques des Revistas Militares do Estrangeiro* no n.º do Julho o Cap. Loustaunau-Lacau apresenta um interessante estudo do Contra-Almirante alemão von DITTEN, publicado na revista WISSEN UND WEHR. Julgamos interessante reproduzir esse estudo de um assumpto que parece pouco cuidado entre nós e que naturalmente despertará a attenção dos collegas da Marinha.

E' de esperar que provocados por semelhantes notas, estes officiaes, melhores conhecedores do problema, o esclareçam com trabalhos pessoais, que serão por nós do Exército recebidos com soffreguidão, pois, no campo da pequena tactica pouco ha estabelecido sobre a Cooperação Armada-Exército.

Diz o Cap. LOUSTAUNAU: Este problema ultrapassa o quadro limitado da infantaria. Porém, como nas operações de desembarque o papel da infantaria é dos mais difficeis de serem levados a cabo e como o auxilio das outras armas não pode então ser muito efficiente, julgamos de utilidade estabelecer as condições geraes em que terá que se haver a infantaria numa lucta desse genero.

Antes de seguir o Contra-Almirante DITTEN em sua discussão, recordemos as características d'um desembarque.

Nelle geralmente se distinguem:

— a phase de preparação, puro trabalho de estado maior meio-terrestre, meio naval durante a qual realisa-se o entendimento entre o exercito e a frota, prepara-se a execução do transporte, a reunião dos meios marítimos e effectua-se a busca de informações sobre o litoral inimigo visado pela operação;

— a phase do transporte marítimo, que é feito sob exclusiva responsabilidade da marinha e que se torna particularmente difficil devido a variação das condições atmosphéricas e a reacção das forças marítimas inimigas, principalmente de seus sub-marinos;

— a phase do desembarque propriamente dito, durante a qual a infantaria, só contando com apoio da artilharia naval (nao preparada para essa tarefa) e de certo modo da aviação, procura crear, apezar das reacções do inimigo, uma cabeça de ponte a cujo abrigo será desembarcado o grosso das forças expedicionarias;

— a phase da marcha para os objectos terrestres designados, acção que pertence ao quadro da guerra de movimento.

Essas phases naturalmente se interpenetram mutuamente, porque na guerra é raro que

as acções se desenrolem em camadas successivas e bem delimitadas, uma vez que o inimigo tambem procura aproveitar o tempo. Mas é evidente que o desembarque é funcção da operação que se pretende levar a effeito em terra e que o transporte depende da escolha do ponto de desembarque. A phase da preparação consiste então em fazer viver a operação em sentido inverso e em considerar as reacções de uma phase sobre as outras.

Dito isso, passemos a analysar o estudo do escriptor alemão:

DIVERSAS ESPECIES DE DESEMBARQUE

O autor distingue:

— a operação de objectivos limitado, cujo exemplo mais conhecido é o de ZEEBRUGE, em Abril de 1918;

— e as operações de grande estylo com objectivo strategico, como a dos DARDANELLOS executada pelos Alliados, a conquista das Ilhas balticas e a expedição da FINLANDIA executadas pelos Allemaes.

E' evidente que a presença ou a ausencia do inimigo na zona de desembarque imprime a essas operações caracteres muito differentes. Nos DARDANELLOS o inimigo estava decidido a defender a sua costa; em OESEL as resistencias foram muito mediocres; e na FINLANDIA não houve resistencia de especie alguma.

PREPARAÇÃO D'UM DESEMBARQUE

Só se pôde concordar com o autor quando colloca no inicio deste paragrapho a palavra surpresa. Na hora actual, sendo a metralhadora a

arma do pobre, todos os exercitos do mundo são capazes de estender ao longo de suas costas e em face dos pontos favoráveis a um desembarque, pontos que aliás são muito raros, uma cortina de armas automaticas que torna a tarefa do assaltante mais difficil do que outrora. Já expuzemos na chronica de Janeiro de 1928 a experiencia adquirida pela infantaria americana nas ilhas HAWAI e que mostra o que espera a infantaria no momento em que toma pé em terra. Ao contrario, pelo mesmo motivo, uma infantaria que conseguiu desempenhar tem muitas probabilidades de se manter agarrada em cabeça de ponte e a espera do desembarque do grosso das forças. Mas para isso é imprescindivel que tenha conseguido desembarcar. Somente a surpresa lhe permittirá alcançar semelhante desideratum sem muitas perdas...

O escriptor da WISSEM UND Wehr observa que é preciso entender por surpresa, muito mais a surpresa local no ponto de desembarque do que total que visa encobrir ao adversario a propria preparação do desembarque. Sempre uma grande frota attrae logo a attenção e é muito raro passar despercebida a reunião de saiveiros, rebocadores e outros meios de desembarque. E, portanto, preferivel só contar com a surpresa quanto ao objectivo e tempo e para isso só confiar suas intenções a reduzido numero de colaboradores.

O Contra-Almirante Von DITTEN nos faz assistir á preparação puramente maritima do desembarque e mostra a rigorosa ordem em que devem ser carregados os transportes, se é que se deseja que, ao chegar ao destino, cada unidade encontre o material ou armamento que lhe pertencem. Insiste principalmente sobre a reunião do material flutuante necessario para pôr a infantaria em terra mas não nos fala das bases avançadas que o estado do mar pôde obrigar a escolher para semelhante reunião. Bases que têm o grande inconveniente de reduzir as probabilidades d'uma surpresa local.

O TRANSPORTE

Encarando as condições de segurança maritima que supõe satisfeitas, bem como a execução do transporte do corpo de desembarque e o seu reabastecimento ulterior em terra, o autor ataca superficialmente a grave questão das responsabilidades reciprocas do exercito e da marinha. Pena é que não a esclareça completamente, porque ella é capital. Parece que, se a responsabilidade do marinheiro começa com o primeiro soldado que põe o pé no navio, não cessa immediatamente com o ultimo que o deixa. A tropa tem necessidade do marinheiro para bater-se, apoio da artilharia e do hydro-avião e para viver. A responsabilidade do exercito é mais precisa. Termina no ponto de embarque e recomeça em terra com o primeiro infante desembarcado. Nesse intervallo elle apenas assiste impotente ao exito ou ao insuccesso do transporte pelo mar, da reunião do material de desembarque no ponto desejado da ancoragem ao abrigo do torpede, do transbordo, do reboque para terra, etc. Operações estas que, erigidas de taes difficul-

dades, que basta uma para obrigar o commando da marinha a retardar ou a annular a operação. Isto, porque na guerra o marinheiro tem dois inimigos: o homem e os elementos.

ESCOLHA DO PONTO DE DESEMBARQUE

Intervem aqui muitas necessidades contra-dictorias. Trata-se de desembarcar, mas de desembarcar tendo em vista operações a serem realizadas em terra, o que limita o numero de pontos de desembarque aceitaveis. É preciso, por outro lado, escolher esses pontos tendo em conta a profundidade do local, natureza das praias, e sua exposição aos ventos. Para juntar a velocidade da marcha em terra com surpresa do desembarque, ha interesse em escolher pontos com facilis communicações para o interior das terras e que conduzam a estradas e vias ferreas, estradas e vias ferreas que por sua vez permittam ao inimigo o rapido transporte de suas tropas. Parece, finalmente, desejavel abster-se de todo desembarque em face de fortificações permanentes, porque a obrigação da contra-bateria do mar, o que não é facil, afastaria toda esperanza de surpresa.

O autor não encara um desembarque simultaneo sobre varios pontos. Semelhante processo parece entretanto capaz de proporcionar um maximo de surpresa e tactica. O desembarque simultaneo sobre varios pontos impõe, é verdade, um effectivo importante ao corpo de desembarque, porque não basta dividir as forças do inimigo, é indispensavel não enfraquecer demasiadamente as proprias forças nos pontos de esforço principal.

Uma vez escolhido o ponto de desembarque, é necessario recolher as informações de toda natureza a seu respeito. A photo aerea pôde ser de grande auxilio, com a condição de ser executada com discreção. A observação por submarino pôde tambem proporcionar resultados.

DATA E HORA DO DESEMBARQUE

A data do desembarque é fixada pelo commando porém tambem depende das condições atmosfericas e em particular do vento. Todas as operações de desembarque da ultima guerra foram retardadas durante varios dias devido ao tempo desfavoravel, porque é impossivel effectuar os desembarques de grande estylo com mau tempo. A preparação do desembarque em si não soffre com essas mudanças de data porque pôde fazer-se a partir de um dia D e duma hora H e ahi tudo pôde ser previsto em scenario completo. Tal é o ponto de vista allemão. Acrescentemos que esse scenario não deve ser rigido, mas, ao contrario, precisa conservar em suas previsões bastante flexibilidade para adaptar-se ás circumstancias e pôder até o ultimo momento attender ás informações recebidas sobre o inimigo.

Quanto a hora do desembarque, o Contra-Almirante Von DITTEN apenas enxerga uma

possível: a ultima hora de obscuridade antes de amanhecer. Ella favorece a surpresa, permite que os primeiros elementos se approximem sem ser vistos proporciona ás forças de cobertura a vantagem de ter na sua frente um dia inteiro para organizar-se.

Essa opinião presta-se á discussão. Póde-se na realidade, conceber duas especies de desembarque: á noite e de dia. Quando se espera não encontrar resistencias inimigas em terra, parece bem indicado operar á noite, mas não muito cedo para não expôr as forças de cobertura a ficarem coladas á praia em paiz desconhecido. Mas, quando são esperadas resistencias, isto é, tiros de metralhadoras, parece que um desembarque de dia, sob a protecção dos tiros da frota e dos bombardeios aereos, tem suas vantagens principalmente se o vento se presta ao emprego de tiros fumigenos. E' preciso, nesse caso, reservar pelo menos duas horas de dia para a referencia dos objectivos e a preparação da artilharia. Desembarcar de noite duas horas antes do amanhecer, ou de dia duas horas depois da alvorada, são as duas soluções igualmente defensáveis de accordo com as circumstancias. A peor solução é querer fazer um desembarque de noite e devido ao atrazo realizal-o de dia sem o ter preparado.

CABEÇA DE PONTE

O primeiro objectivo a attingir, depois da chegada em terra das forças de cobertura, é a creação duma cabeça de ponto sufficientemente profunda para ter as praias fóra do alcance da artilharia inimiga.

E' a phase mais critica da operação e é da energia e da habilidade da infantaria desembarcada que depende o successo. Alguns homens têm em suas mãos a sorte de toda a expedição. Não tendo sido possível executar nenhum reconhecimento ou observação, as photographias aereas constituem o unico meio de investigação á disposição da infantaria.

Estando constituida a cabeça de ponte, estando em mãos dos atacantes os observatórios que dão vistas sobre as praias, torna-se necessario organizar defensivamente a zona do desembarque, ao mesmo tempo que a chegada continua de novas tropas vai permitindo solidificar a resistencia e preparar a marcha em direcção aos objectivos.

O autor não nos indica a duração da phase critica. Ella é evidentemente variavel conforme as circumstancias. Mas póde-se admitir, tendo em conta a lentidão das operações de transbordo, que a infantaria das forças de cobertura fica entregue a seus proprios recursos durante toda a primeira jornada do desembarque. Seria interessante estudar em que medida a intervenção dos carros de combate, desembarcados por meios especiaes, poderia apressar a solução da crise. No nosso parecer, o desembarque em presença de um inimigo, resolvido a defender-se, como os Turcos em GALLIPOLI, não poderá ser feito no futuro sem o auxilio dos carros. Isso levaria

a encerrar o desembarque ao amanhecer com intensa protecção de fumigenos.

Não nos deteremos sobre os algarismos que dá o autor sobre o pessoal e material desembarcados em GALLIPOLI, em OESSEL e na FINLANDIA, para annotar as suas observações sobre a defesa em terra no caso de um desembarque inimigo. Elle estima ser logico guardar as forças reunidas e promptas a agir em massa sobre os pontos em que o inimigo desembarca. Mas, por outro lado, parece-lhe interessante installar previamente meios de fogo capazes de agir contra os saveiros de desembarque e de oppôr-se ao desembarque, missão que poderia ser cumprida por fortes patrulhas armadas de metralhadoras.

Surge, então, aqui a noção da cortina de fogo que decididamente faz a sua appareição em todos os horizontes tacticos. Os pontos favoraveis a um desembarque, mesmo em paiz de grande desenvolvimento de costa como a FRANÇA, não são em grande numero.

Se o principio da reserva deve ser respeitado, não é menos verdade que mais vale atirar no inimigo sobre um barco do que em terra. As possibilidades de tiro são consideraveis. Não esqueçamos de que um unico batalhão póde a rigor defender cerca de 15 kms. de costa, a razão de 300 ms. por arma automatica. Podem ser encontrados flanqueamentos efficazes nas sinuosidades das dunas ou dos penhascos. (No caso destes ultimos, surge a questão de saber se a cortina de fogo deve ser installada sobre a crista ou no pé. A artilharia naval tendo uma trajetoria muito tensa, talvez fosse preferivel installal-a em baixo. E' sempre facil o disfarce dos abrigos e posições de tiro na orla do mar.) Finalmente parece indicado cobrir-se pela informação a distancia tão alastrada quanto possível, graças a estreita collaboração exercito-marinha.

Todas essas razões militam em favor de uma organização da defesa de costa por uma linha de armas automaticas bem disfarçadas e promptas a atirar contra todo barco inimigo que surja na zona de seu tiro.

A OBEDIENCIA

Uma democracia em que os cidadãos não tivessem caracteres másculos e corpos robustos, estaria condemnada á obscuridade das decadências e á vergonha da extincção; mas uma democracia em que o desregramento das vontades desabridas ameaçasse perturbar a harmonia social e a ordem legalmente estabelecida, estaria exposta ás convulsões mortaes da violencia e ao despedaçamento da anarchia. (P. Poincaré).

PATRIOTISMO

Mas o patriotismo, praticamente, consiste, sobretudo, no trabalho. *Laboremus*, murmurava, expirando o imperador romano. (Ruy Barbosa).

Recordações do Marechal Pe-tain sobre a batalha de Verdun

TRAD. DA "ILLUSTRATION" PELO TEN. SEGADAS VIANNA.

(Cont.)

O PLANO DO ALTO COMMANDO ALLEMÃO

Durante os mezes de Dezembro a Fevereiro, o general von Falkenhayn decidia, ordenava, e em seguida fazia preparar pelos exercitos do kronprinz imperial, os assaltos contra Verdun.

Em sua obra sobre "O Commando Supremo do Exercito Allemão de 1914 a 1916", elle nos expoz, conforme escreveu, o que foram suas intenções e objectivos, dando-os uns e outros por muito modestos...

Era-nos necessario, dizia-nos elle em sub-stancia, dar um grande golpe sobre o theatro occidental, o unico por meio do qual se pudes-se ferir gravemente a Inglaterra, porque esta, rica em fontes de todas as ordens e até essa occasião pouco attingida pelas hostilidades, representa-va o inimigo mais temivel. Poder-se-ia attingi-la graças a uma implacavel guerra submarina, entretanto Berlim a isso se oppunha temendo os neutros e principalmente os Estados Unidos.

Contra o sector continental mantido por seus exercitos, no Flandres, não era opportuno emprehender no inverno uma acção importante, devido ás condições climatericas e topographicas serem muito desvantajosas. Entretanto, privar-a-ia de sua melhor espada, e amputar-se-ia gravemente sua força, se "se acabasse" com o exercito francez, o qual parecia estar proximo do limite de sua resistencia, após quinze mezes de perdas e fadigas constantes.

Para isso obter, dever-se-ia visar objectivos afastados e de importancia capital como Paris? Absolutamente não. Bastaria enganar uma batalha sobre um sector que, por considerações de ordem moral, a França defenderia a todo custo.

Belfort e Verdun respondiam a essas condições, porque a orgulhosa França, derramaria até a ultima gotta de seu sangue para não perder aquellas praças, que ella considerava de certo modo, como que o mais precioso pedaço de sua propria carne.

Verdun principalmente, constituia o objectivo mais indicado; tanto o desenvolvimento estrategico como o tactico, de um dispositivo de ataque, ahi encontravam facilmente sob varios aspectos que os encarassemos. Este saliente francez, pobre em meios de comunicação, era cercado do lado allemão, por uma rica rede de estradas e vias ferreas, que permittiriam a rapida concentração das forças assaltantes; além do que, uma profunda cintura de ravinas e bosques facilitaria a dissimulação dos meios a conduzir para o ponto onde deveriam agir.

Poder-se-ia mesmo dispensar de "ganhar" a batalha e de chegar até o coração da praça forte, porque, para salvar esta, o exercito francez

se deixaria sangrar friamente até seu completo esgotamento. Breve, collocar-se-ia em acção um dispositivo potente principalmente em material, dispositivo que agiria de maneira semelhante a uma sangue-suga e que não exigiria um grande consumo de effectivos. O ponto de applicação seria escolhido sobre a margem direita do Mosa, ao alcance das melhores communições com as retaguuardas allemães, e ahi é que se atacaria durante um tempo tão longo quanto o exigisse esta luta engajada para obter o esgotamento do exercito francez.

Emfim, uma outra consideração primordial, aos olhos de Falkenhayn, justificava a escolha de Verdun.

Tomando esta praça, supprimir-se-ia a ameaça que, graças a esse saliente de nossas linhas, mantinhámos suspensa sobre as communições essenciaes dos Allemães e sobre a bacia metallurgica de Briey.

Voltarei sobre este argumento, que é o menos consistente dos invocados, depois do facto passado, pelo chefe do grande estado maior, e denota um completo desconhecimento de nossas possibilidades.

Contrariamente ás idéas emittidas por Falkenhayn, o kronprinz, encarregado da preparação e execução das acções contra Verdun, não admittia esse intrincado plano, como sobressae de suas "Memorias". A seus olhos, o exercito allemão não devia (uma segunda vez, ser detido deante da cidade, e era necessario que essa cahisse. Ahi se executaria, renovando com mais constancia e energia, a manobra de 1914, isto é, ameaçando pelas duas margens do Mosa o envolvimento do campo entrincheirado, e estrangulando de tal maneira suas retaguuardas, que as posições avançadas graças a isso, tornar-se-iam indefensaveis.

Uma segunda batalha do Marne, não faria abortar tal operação. A realisação desta se apresentava muito favoravelmente, porque, a sudoeste, já se havia tomado pé sobre os "Hauts-de-Meuse", em Saint-Mihiel e sobre a margem esquerda do Mosa.

O general von Mudra, commandando em Argonne o XVI corpo ás ordens do kronprinz, estudava de ha muito os dados desse problema.

Elle havia commandado em Metz antes da guerra; pertencia ao V Exercito, quando este manobrou no inicio de setembro de 1914, com o fim de investir a praça por oeste; e melhor do que qualquer outro, conhecia o valor inestimavel das posições da margem esquerda tanto para a defesa como para o ataque do campo entrincheirado. Segundo varias de suas "interviews", es-

tava plenamente de accordo com o ponto de vista de seu chefe, e conforme sua opinião, a progressão dos allemães para o sul entre o Mosa e Argonne, devia comprometter irremediavelmente nossa situação.

O kronprinz e o general von Mudra, tinham razão em seu modo de ver.

Por motivo da dificuldade e carencia de nossas communicacões neste sector, não nos poderíamos manter sobre a margem direita se o V Exercito allemão, conseguisse atttingir a via-ferrea Saint-Menehould, Aubreville, Verdun, o que lhes permitiria ameaçar de perto a grande estrada de Bar-le-Duc a Verdun.

Encontrar-nos-íamos assim, na obrigação de evacuar precipitadamente sobre uma linha improvisada do Argonne a Saint-Mihel, e tal retirada, com o abandono immediato de Verdun, comportava consequencias moraes extremamente graves; porque o mundo ignorava então que Verdun não possuía mais que o valor de um verdadeiro campo entrincheirado, e teria interpretado como sendo devido á nossa confusão o facto de renunciarmos á defesa da cidade investida.

O que se deve pensar das considerações "a posteriori" do chefe do estado maior imperial?

Segundo este: os Allemães se propunham a atacar Verdun porque Verdun os ameaçava!... Verdun, saliente de nossas linhas, Verdun, sem communicacões, Verdun, a cavallo sobre um rio com passagens insufficientemente asseguradas de uma margem para outra, Verdun não podia ser tomada como base para uma offensiva; um exercito não tem nenhuma vantagem em atacar por um saliente — Hindenburg e Ludendorff o experimentaram em 1918, em Amiens, em Chateau-Thierry.

Além de tudo, "sangrar" o exercito francez não representava nessa occasião um objectivo plausivel e sufficiente. Para querer unicamente nos gastar, atacando em um ponto tão sensivel, que defenderíamos com o espirito de sacrificio do qual nos sabíamos capazes, arriscava-se a perder tanto quanto nós. Emquanto isso, nossos alliados se preparavam para reentrar em scena e, como seu potencial de guerra era consideravel, — em homens quanto aos Russos, e em homens e material, quanto aos Ingleses, — abria-se a esperança de — termos a ultima palavra. Sem duvida faltava-nos a unidade de commando para coordenar a acção de nossas disponibilidades, mas Falkenhayn conhecia o compromisso firmado entre os Allisdes durante as reuniões de Chantilly e Paris.

Uma batalha de desgastamento e de longa duração, approximar-nos-ia uns dos outros, dando-nos tempo de tornar mais precisos nossos accordos, e de nos ajudar mutuamente.

Falkenhayn vivia certamente muito além do que deixou escripto.

Dono bastante valor aos nossos adversarios, sob o ponto de vista de sua sciencia strategica, para estar convencido que, em seus grandes empreendimentos, os planos repousassem sobre razões mais serias.

Penso pois que o chefe do grande estado maior, escolhendo Verdun, preparava realmente

um grande golpe; que, encerrando um saliente de nossas linhas, sob seus assaltos, elle desejava sua queda; que, attrahindo nossas reservas sobre a margem direita, com um rio pelas costas, elle imaginava a impossibilidade em que nos encontraríamos para em seguida retirar-as em tempo opportuno; que, contando em seguida com uma rapida irrupção sobre a margem esquerda, elle entrevia um profundo golpe de estilete, algum tanto semelhante a um novo Sedan; que elle esperava, por meio dessas manobras, abrir uma immensa brecha e que a exploração de um tal successo, deante do exercito francez cortado em duas porções, traria para os exercitos imperiaes as mais bellas perspectivas de victoria... "Permaneçamos compenetrados da idea que a patria allemã espera de nós alguma coisa de grande, proclamava o kronprinz em uma ordem do dia 12 de fevereiro... Devemos provar ao inimigo que a vontade de ferro dos filhos da Alemanha, dirigida para a victoria, permanece com o mesmo vigor e que o exercito allemão, onde marcha para o ataque, vence todos os obstaculos". Algo de grandioso... Uma vontade de ferro dirigida para a victoria... Um ataque vencendo todos os obstaculos... Taes palavras não diriam qual era o programma?

Estas perspectivas grandiosas, muito ao gosto dos successores de Schlieffen, justificavam-se pelos brilhantes resultados obtidos sobre as frentes do Oriente. Os allemães podiam pensar que a luta comportaria mais difficuldades com os francezes, porem o orgulho — em summa legitimo — de sua superioridade autarizava taes esperanças.

Talvez já jamais saberemos as intenções tenebras de Falkenhayn; porém as que lhe attribuímos favorecem mais sua gloria que a exposição de uma these mascarada, como fez elle.

A mim dirão que o kronprinz, a cuja lucidez de espirito eu rendo homenagem, faz valer igualmente suas idéas graças á luz e ás lições dos acontecimentos. Não o pensol suas "Recordações" trazem o caracteristico de uma sinceridade de soldado, que reconhece com toda a simplicidade a importancia de suas esperanças e o amargor de suas desillusões.

* * *

A PREPARAÇÃO DA BATALHA

O V Exercito allemão, como seu chefe, desejava certamente o successo e contemplava-o confiante. Disso era prova a excellencia de seu preparo e a admiravel força de vontade que demonstrou concentrando formidaveis meios no mais absoluto segredo. A disciplina e o intracção, cultivadas em um alto grão, produziam seus fructos, o que é um bello exemplo a gravar. O V corpo de reserva, que mantinha as linhas sobre a margem direita no inicio do anno, conseguia conservar o aspecto de fachada de "front" sem que nada trahisse a actividade febril que reinava sobre o sector.

Na primeira dezena de Fevereiro, enormes massas de artilharia tomavam posição sem se revelar e sem effectuar nenhuma regulacão;

oito divisões (1), substituíam, em uma perfeita ordem, o V corpo, o qual passavam para a segunda linha; de 12 de Fevereiro, data inicial prevista para o ataque, ao dia 21, data de seu effectivo desencadeamento, esta imponente massa mantinha-se escondida nos buracos das trincheiras e das ravinas, sem que alguma manifestação insolita chamasse seriamente nossa attenção... Em 18 de fevereiro, como já disse nosso alto commando — assim ludibriado — podia ainda crer no afastamento do perigo ou na transferencia para outra epocha. Este dispositivo invisível comportava, sobre a estreita frente de ataque que se estendia do Mosa a Jumelles d'Ornes: em primeira linha 6 divisões designadas para o assalto logo no inicio da batalha (2); em segunda linha 2 divisões; para lhes abrir caminho, um milheiro de peças de artilharia (o Kronprinz diz, em suas "Recordações de guerra", que dispunha de 160 baterias pesadas, ou sejam 640 canhões de médio e grosso calibre, modernos e de tiro rápido, nos quizes é necessario ajuntar os canhões de campanha). Duas divisões (do XV corpo), a leste de Ornes, deviam prolongar a frente do ataque a partir do segundo ou terceiro dia.

O general Herr, não tinha para supportar o primeiro choque entre Mosa e os Jumelles d'Ornes, senão as 2 divisões do XXX corpo (General Chrétien) e diversos agrupamentos de artilharia comprehendendo approximadamente 130 peças de campanha e 148 canhões pesados, sendo estes de um modelo antigo e de tiro lento. Entre Verdun e Bar-le-Duc, escalonavam-se 2 divisões em reserva geral, sobre as quaes o Grande Quartel General conservava uma hypotheca provisoria.

Tacticamente, o general Herr não podia articular de outra maneira os meios de que dispunha, mesmo que conhecesse exactamente os pontos ameados, porque, felizmente, as instrucções por elle recebidas, impediam absolutamente que se accumulasse grandes effectivos sobre as primeiras linhas e que não se expuzesse a sacrificar tropas numerosas no inicio de um engajamento. O general Langie de Cary, commandante do grupo de exercitos do centro, havia ditado as sabias prescripções que se seguem!

"Não são unicamente as primeiras linhas que se deve esperar sejam esmagadas pela artilharia em caso de ataque, mas o conjunto das linhas que constituem a primeira posição: portanto não se deve ter pressa em dirigir suas disponibilidades sobre as primeiras linhas e mesmo reforçar a primeira posição, afim de guardar reservas para a defesa de outras posições".

O general havia mesmo prescripto a retirada de certas baterias para que se assegurasse a possibilidade de agir pelo fogo quando o inimigo penetrasse em nossas linhas.

Tenho prazer em citar estes conselhos do general Langie de Cary, porque são anteriores á doutrina que mais tarde seria admittida e denotavam uma verdadeira ousadia de pensamento em um momento em que nossa educação defensiva exigia que não cedéssemos absolutamente uma pollegada de terreno; a certos respeito,

ellas são o preludio do que eu devia adoptar para meu "leitmotiv" para a preparação da batalha de 1918. Faltava-lhe uma precisão: desde que se erê ser obrigado a ceder ao inimigo a posição avancada para reduzir ao minimo o effecto de seus bombardelos, é necessario preparar-se para recobrel-o mais atraz, não sobre "varias outras posições escalonadas em profundidade", mas sobre uma unica "posição de resistencia", exactamente definida e para cuja defesa consagrar-se-ão todos os meios disponíveis.

Esta prescripção fez falta na organização da defesa de Verdun. Desde muitas semanas, não nos sentiamos sufficientemente organizados para receber convenientemente, caso surgisse, um ataque de grande estylo...

Haviamos-nos entregues febrilmente ao trabalho, sobre as linhas de frente e da retaguarda, multiplicando os esboços de posições sem poder terminar nenhuma. Assim, quando a tempestade desabou, tivemos que nos agarrar á unica "posição de resistencia" que existia na realidade, que era a linha dos fortes. Talvez teriamos salvo a totalidade de nossos fortes e "fixado" mais cedo nossos adversarios, se nos houvessemos empregado em definir e organizar uma unica "posição de resistencia", intermediaria entre a zona dos postos avancados e a linha dos fortes.

O ENGAJAMENTO E O CARACTER DA LUTA

O combate foi entretanto conduzido heróicamente tanto pelos chefes como pela tropa.

Os bombardeios da artilharia pesada allema, de 21 de fevereiro e da noite de 21 para 22, precederam a onda das divisões de assalto; em nenhum lugar ainda, sobre nenhum "front" e em nenhuma batalha, havia-se visto coisa semelhante. Elles visavam crear uma "zona de morte", na qual nenhuma tropa poderia ficar. Uma verdadeira tromba de aço, de ferro, de shrapnells e de gazes toxicos bateu-se sobre nossos bosques, ravinas, trincheiras e abrigos, tudo esmagando, transformando o sector em um campo de carnica, empestando a atmosphera, levando o incendio até o coração da cidade, attingindo mesmo as pontes e as povoações do Mosa até Genicourt e Troyon. Formidaveis explosões sacudiam nossos fortes, envolvendo-os de fumaça. Era impossivel descrever tal accão, que sem duvida jámais foi egualada em violencia e que concentrou, sobre o estreito triangulo comprehendido entre Brabant-sur-Meuse, Ornes e Verdun, o fogo devastador de 2 milhões de obuses!

Logo que as tropas allemaes se lançaram para a frente, por pequenos elementos, no dia 21 após meio dia e no dia 22 pela manhã, — depois de uma noite em que a artilharia havia retomada sem interrupção sua "martellagem" infernal — por columnas successivas, ellas es-

(1) Divisões do VII corpo de reserva, do XVIII corpo, do III corpo e do XV corpo.

(2) Divisões do VII corpo de reserva e dos XVIII e III corpos.

peravam progredir com as armas em bando-leira.

Qual não foi sua estupefacção e sua desilusão em ver que por toda parte, sobre o caminho, os Franceses surgiam dos escombros e — aferrolhados no terreno, esgotados, mas irreductíveis — defendiam as ruínas de todos os seus pontos de apoio!

A resistência dos caçadores de Driant, o soldado-deputado, o escriptor celebre d' "A Guerra de Amanhã" e d' "A Guerra de Fortaleza" valem ser lembrados.

No bosque de Casures velavam os 56 e 59 batalhões de caçadores, com alguns elementos do 165 de Infantaria, ao todo 1200 homens; 6 baterias de 75 e 8 baterias pesadas apoiavam esses heróis. Foram assaltados por quatro regimentos (80, 91, 87 e 88) da 21.ª divisão, seja 8.000 a 10.000 homens, que recebiam o apoio de 7 baterias de 77 m/m e mais ou menos 40 baterias pesadas.

O bombardeio preparatorio havia-os esmagado completamente; a maior parte dos abrigos estava soterrada pelas explosões; as pedras, antes da tomada de contacto com o assaltante, atingiam a um numero elevadissimo. Nossos caçadores mantiveram-se entretanto, no interior do bosque, cercados e acucados por todos os lados durante perto de vinte e quatro horas. Eis aqui em algumas palavras emocionantes, o que diz o tenente-coronel Grasset, que estudou e historiou perfeitamente as peripecias desse dia, descrevendo-as no fim desse magnifico feito de armas:

"O coronel Driant, com o furriel Leclère e o caçador Papin, que não o deixaram, acha-se no buraco de um obus... Papin foi atingido por uma bala. O coronel lhe faz um penso provisório, aperta-lhe a mão, em seguida são só e vem para uma trincheira onde o caçador Leclère o espera. Mas elle segue em linha recta, sob o fogo das metralhadoras, em lugar de tomar a esquerda, ao abrigo de uma pequena crista, como o fazia nesse momento o tenente Simon. Acha-se elle a 10 metros de distancia, quando uma bala atingiu-o na frente e elle cahiu sem pronunciar uma palavra.

"Alguns minutos mais tarde, o sargento Lauthez, que atravessava a estrada a uma centena de metros mais ao sul, viu o coronel imóvel no local onde a morte o havia colhido.

Tal como succedera com o caçador Lelièvre, sob a chuva das balas, elle não poudo chegar até onde se achava seu coronel. Proximo do mesmo lugar passava nesse momento o commandante Renouard que se dirigia directamente para o sul; tambem elle desapareceu atraz de uma crista, e jámais alguém o viu.

"... O magnifico grupo de Driant estava morto! Desceram sós, nessa tarde, do bosque de Caures, em pequenas fracções que se reuniram pouco a pouco em Vacherauville:

"Do 56 batalhão: o capitão Vincent, com dois ferimentos, e conservado, para uma gloriosa morte sobre outro campo de batalha; o capitão Hamel, o capitão Berveiller, o tenente Raux e o sub-tenente Grasset, com sessenta caçadores;

"do 59.ª batalhão: o tenente Simon, os sub-tenentes Leroy e Malavault, com 50 caçadores. Era tudo o que restava de 1.200 combatentes!"

As tropas do XXX corpo demonstravam uma admiravel valentia quasi inacreditavel. Cada centro de resistencia — bosque, villa, rede de trincheiras revolvidas ou grupamento chaotico de buracos de obuzes — permittia a nossas unidades renovar os resultados obtidos pelos caçadores de Driant e contribuia por sua parte para quebrar a avalanche. O soldado e o official, francezes, comprehendendo a grandeza de suas missões, desempenhavam-nas com stoicismo; perdidos em um oceano tempestuoso, sabendo que ninguem entendia seus signaes de afflicção, elles se esforçavam por retardar a onda que os debordava uns após outros e preferiam a morte ou o horrivel captivo a solução que teriam podido encontrar na retirada. Nossos homens sofriam muito além do que se poderia imaginar; elles cumpriam seu dever com simplicidade, sem alardes, e, por isso, attingiam ao sublime.

A principio em auto-caminhões, pela estrada Souilly-Verdun, em seguida a pé por pequenas columnas utilizando todos os itinerarios que, do norte da praça, se dirigem para Saint-Michel e Souville, os elementos retirados das duas divisões de reserva geral se approximavam das linhas. Mas, logo ao desembocar além do Mosa, eram detidos, enfraquecidos e desarticulados pelo bombardeio, entravados pelas evacuações de feridos e pelos comboios de reaprovisionamento, e enregelados pelo frio durante as longas paradas que lhes impunha o entupimento das retaguardas. Nos pontos a que se destinavam, na entrada dos sectores de engajamento, as unidades que chegavam, procuravam os chefes das fracções já sob o fogo e os guias designados para conduzi-las; entretanto esses, desalojados de seus postos por explosões e pelos gazes, erravam na barafunda existente, fazendo falta muitas vezes... Então, as secções e as companhias de reforço marchavam entregando-se á sorte, directamente para o norte, progrediam sob a fumaça e entre os estrondos ensurdecedores da batalha e, subito, topavam com o adversario, apegavam-se ao terreno, e lhe oppunham, em falta de melhor cousa, o anteparo de seu proprio corpo. Sem contacto á direita e á esquerda, sem ligação com a artilharia, sem missão precisa, sem trincheiras que os abrigassem, sem sapas para assegurar suas communicações, sem saber a quem e como dirigir suas partes ou pedir instrucções, ellas formavam uma barreira contra o inimigo onde a sorte as conduzia.

O XX corpo (General Balfourier) precipitado das "gares" de desembarque da região de Bar-le-Duc para Souilly e Verdun, dirigia-se igualmente sem reconhecimentos, preliminares, sobre o saliente de Douaumont, que se havia tornado o eixo e o objectivo principal da luta; misturava-se com o XXX corpo, tapando da melhor forma as brechas que surgiam e, pouco a pouco, as primeiras linhas, ainda confusas e desordenadas, tomavam uma certa consistencia.

Mas longe ainda os I (Gen. Guillaumat) e XIII (Gen. Alby) corpos, conduzidos a toda

a pressa pelas estradas de ferro do Marne, comacavam a desembarcar respectivamente nos dias 24 e 25. Nossos agrupamentos de artilharia se reforçavam misturadamente, pela junção de baterias disponíveis dos tres novos corpos de exercito, e voltavam a tropejar. Seu concurso dava coragem aos combatentes e despertava a esperança de que tão prodigiosos sacrificios não seriam inuteis.

No terceiro dia do engajamento, o inimigo mantinha em seu poder o conjunto de nossas posições avançadas ao norte de Douaumont. Nossa opinião publica, ligada á idéa de que o terreno deve ser mantido "custe o que custar", já se achava excitada. Entretanto, torno a repetir, esses incidentes são normaes no início de uma batalha, e a França podia apreciar sem desespero, como o faziam as proprias tropas de Verdun opós as sabias advesões do commandante local.

O General Langle de Cary, continuava a seguir os acontecimentos com o maior sangue frio e um perfeito conhecimento da realidade, e suas quaes não sei como louvar. Elle não tardou em perceber que a progressão do inimigo sobre as alturas de Côtes de Meuse e sobre a estrada de Verdun a Etain collocava em situação perigosa nossas unidades desenvolvidas nas depressões do Woëvre; estas seriam bem cedo dominadas a curta distancia, apanhadas pela retaguarda e cortadas da praça.

Ora, nossas posições de Woëvre, não tinham por si proprias nenhum outro valor que de cobrir nossos observatorios dos Hauts-de-Meuse e parecia que se poderia sem inconveniente recuar até as bases dessas alturas. No dia 24, ás 20 horas, o general de Langle deu as ordens necessarias para o recuo; o movimento seria executado na jornada de 25, sem ser incommodado pelo inimigo. O Grande Quartel General, immediatamente informado, ratificou as ordens do general de Langle; entretanto o general Joffre ficou algum tanto inquieto e fez precisar que o movimento não devia fazer surgir a idéa de que se pudesse continuar o recuo até o Mosa.

"Approvo em principio, telegraphou elle, as decisões que tomardes no que concerne ao recuo, para os Hauts-de-Meuse, das tropas collocadas na bolsa do Woëvre, si julgardes necessario; sois o unico juiz das necessidades do combate. Mas, deveis manter-vos face ao norte, sobre a frente entre o Mosa e o Woëvre com todos os meios de que dispuzerdes. Empregai todo o XX corpo sem hesitar".

Para ter a certeza de que seu pensamento seria bem comprehendido pelos executantes o generalissimo enviava ao mesmo tempo junto ao general commandante do grupo de exercitos do centro, o general de Castelnau, seu *ad latus*.

Este chegou em Avize no dia 25 ás 5 horas. As 5 e 45, redigia a breve instrucção que se segue:

"A defesa do Mosa deve ser feita sobre a margem direita: tudo deve ser feito para deter o inimigo a todo custo sobre essa margem".

O general Castelnau proseguiu em seguida

seu caminho para Verdun, afim de ahi se ajuizar da situação sobre o proprio local e estudar as condições nas quaes deveria ser empregado o II exercito, que o Grande Quartel encaminhava nesse momento para Bar-le-Duc.

A PERDA DO FORTE DE DOUAUMONT E A ENTRADA EM LINHA DO II EXERCITO

Encontrando-me disponível com meu quartel general em Noailles, considerava como extremamente provavel minha designação para o "front" de Verdun, onde a importancia da luta engajada e dos reforços enviados para a batalha, justificava a entrada em linha de um novo exercito. Por minha propria iniciativa, já havia feito partir o chefe de minha secção de informações para que elle reunisse documentos sobre os acontecimentos. Portanto, não fiquei surprehendido ao receber, no dia 24 de tarde, a ordem de collocar immediatamente meu quartel general em marcha para Bar-le-Duc e de me apresentar pessoalmente ao general Joffre no dia 25 pela manhã.

Cheguei a Chantilly ás 8 horas e fui immediatamente introduzido junto ao general em chefe que, apesar de se encontrar num ambiente algum tanto febril e agitado, conservava sua calma costumeira. O general Joffre, em longas phrases, fez-me conhecer sua impressão sobre a situação que lhe parecia séria, mas não alarmante; prescreveu-me de seguir o mais rapido possivel para Bar-le-Duc afim de me manter prompto a executar a missão que o general Castelnau, enviado para esse fim, me precisaria.

Para encurtar caminho, encaminhei-me directamente sobre Louilly, villa situada sobre a estrada Bar-le-Duc Verdun, onde pensava encontrar o general Castelnau. Mas, pelos caminhos cheios de neve, minha viagem de automovel foi longa. Não parei sinão alguns quartos de hora em Chalons, e, entretanto só me encontrei ás 7 horas da tarde com o general Castelnau e o general de Langle, reunidos em Souilly. As novidades desse quarto dia de batalha não lhes chegavam sinão lentamente e pareciam pouco confortantes. Para estar documentado o mais rapido possivel, dirigi-me para Dugny, ao sul de Verdun, onde se encontrava o posto de commando do general Herr. Entre Souilly e o Mosa percorri o desfilar de comboios que rolavam em direcção á praça, as columnas que enchiam todos os caminhos, as secções sanitarias que desciam para o sul e principalmente, o espectáculo enternecedor, da onda lamentavel de habitantes, que procurava um refugio alem da zona devastada.

Em Dugny, soube de um grave acontecimento: o XX corpo bateu-se corajosamente toda a jornada ao redor da villa de Douaumont, mas o forte acabava de cair por surpresa em poder do inimigo! Perdíamos assim a melhor e a mais moderna de nossas fortificações, aquella que reunia todas as razões de nossa confiança, o esplendido observatorio que nos teria permitido vigiar e bater o terreno contra as approxi-

mações allemães, e donde, agora, o inimigo poderia dirigir suas vistas e seus tiros sobre as menores dobras do circulo sagrado de Verdun!

Não se possuía, nesse momento, nenhuma indicação sobre as causas desse doloroso acontecimento. Mas, eis ahí — segundo o inquerito historico feito ultteriormente sobre isso pelo general Passaga — o que se passou:

Os Brandeburguezes do II corpo prussiano (general von Lochow) progrediam pelas ravinas cheias de bosques que enquadram a leste e a oeste o forte de Douaumont. Nosso XX corpo, que havia entrado em linha sem conhecer o terreno e sem poder se soldar aos destroços do XXX corpo, lutava como podia, passo a passo. Bruscamente, impellido e perseguido sem descanso, elle se viu jogado até a retaguarda da enorme massa cobridora de forte Douaumont, que elle eria mantida por uma guarnição especial. Uma das companhias brandeburguezas parou deante da fortificação, hesitando atacal-a: seu chefe, o tenente Brandis (o kronprinz e o general Passaga indicam egualmente o papel desempenhado nessa occasião pelo capitão Haupt — mas segundo o general Passaga, ao qual nos reportamos nesse feito d'armas, parece que o autor principal foi o tenente Brandis), mantinha seu olhar fixo sobre essa massa coberta pela neve recentemente cahida. Este official, em lugar de sentir o temor que normalmente, deveria provocar nelle o aspecto de um reducto tão possante, experimentava uma especie de allucinação, de vertigem, de irresistivel atracção. Subito, voltando-se para sua companhia, gritou: "Direcção a Douaumont!" Em seguida, deante da attitude de seus homens que pensavam marchar para uma morte certa, elle experimentou uma especie de arrependimento de sua ordem irreflectida, e então, muito corajoso para se desdizer, lançou-se para o objectivo.

A companhia resolveu-se, estupefacta, a progredir de qualquer modo; ella cortava e atravessava as redes de arame, escurregava pelos fossos, escalava os declives cobertos de neve do massico central, descia para o interior do forte, e encontrando as casamatas abertas penetrou e se misturou no meio de um grupo de territoriaes francezes que — por uma verdadeira ironia da sorte — procedia ao desarmamento da artilharia dos parapetos! Fazendo um inventario summario do feito, o tenente Brandis não poud enumerar como guarnição real, sinão um guardião de bateria e uma dezena de artilheiros encarregados de assegurar o serviço da torre de 155.

E' necessario relembrar que, Verdun não desempenhava mais o papel de "praça forte". Suas fortificações, incorporadas ao systema geral de defesa do "front", não possuíam armamento e guarnição proprias e deviam ser defendidas, a cargo dos commandantes de sector, com as tropas que este dispuzesse para a batalha. O proprio forte de Douaumont, apesar de sua importancia primordial, não havia sido objecto, em tempo util, de nenhuma medida especial. As instrucções dadas no dia 24 para o XXX.º corpo visavam fazer com que elle o man-

tivesse e guardasse; mas, de 24 para 25, as responsabilidades passaram com muitos tropeços e esquecimentos, do XXX.º corpo para o XX.º corpo, e a determinação para a occupação do forte ainda não se achava executada quando se apresentaram os Brandeburguezes. O tenente Brandis é um bravo para ser citado como exemplo aos quadros subalternos.

Quantos outros, teriam hesitado, deante do temivel obstaculo, em cujos flancos poder-se-ia suppor a existencia de numerosos instrumentos de defesa promptos a agir!

Eu proprio levei a nova da queda do forte aos generaes de Castelnau e de Langle, em Souilly.

O general Castelnau achou que não havia um minuto a perder para "organisar" o commando e evitar os erros como os que caracterizaram os acontecimentos da jornada. De tarde elle telephonou para Chantilly afim de propor que me fosse confiado o commando do "front" de Verdun sobre as duas margens do Mosa, "com missão de conter o esforço desenvolvido pelo inimigo sobre o "front" norte de Verdun".

O general Joffre approvou sua proposta.

A's 11 horas da noite, do mesmo dia em que cheguei a Louilly, o general Castelnau transcreveu minha ordem de missão sobre uma folha de sua caderneta de bolso, destacou-a e m'a passou "para execução immediata".

A's 11 horas eu tomava portanto a direcção da defesa de Verdun, já responsavel por tudo e não tendo ainda nenhum meio de acção...

Em uma sala da prefeitura, puz-me em ligação telephonica com o general Balfourier, commandante das forças engajadas no sector do ataque:

"Alô! Sou eu general Petain. Assumi o commando. Communicai-o ás nossas tropas. Fica firme. Tenho confiança em vós". — "Está bem meu general. Aguentaremos! Podemos contar connosco como contamos connosco".

Logo em seguida, chamei o general de Bazelaire, commandante dos sectores da margem esquerda, e lhe communicuei a mesma coisa, indicando-lhe o valor excepcional que eu attribuia á conservação de nossas posições a oeste do Mosa. Elle me respondeu, como acabava de fazer o general Balfourier, com uma expressão de confiança affectuosa e absoluta.

A ligação moral, do chefe aos executantes, estava assegurada.

Um pouco mais tarde, á meia noite, chegou o coronel Barescut, meu chefe de estado maior. Sobre uma carta em grande escala, collocada na parede, marquei com o lapis os sectores dos corpos de exercito em posição, bem como a frente a occupar, e dictei a ordem que se deveria fazer chegar a todas as unidades na manhã do dia seguinte.

Taes foram, em Verdun, meus primeiros actos de commando.

(Continua).

O Sorteio Militar na 1ª C. R.

Pelo Maj. ASCENDINO D'AVILA MELLO

N. da R. — "A Defesa Nacional" se fez representar, a 1ª do corrente mez, na solennidade do sorteio militar da 1ª C. R. e lá conseguiu do Sr. Maj. Ascendino d'Avila Mello a sua exposição sobre os trabalhos preliminares do sorteio deste anno e as suggestões que apresentou para a reforma do R. S. M. Este documento, cuja leitura interessa ao Exército e, em particular, ás outras C. R., está na integra, publicado abaixo.

A nossa Revista, que tem propugnado ininterruptamente, nos seus dezeseis annos de actividade, pela execução rigorosa do sorteio militar, tem o prazer de manifestar as suas congratulações á 1ª D. I. pelo trabalho efficiente, praticado com honestidade e ardor e revestido de um caracter essencialmente militar, apresentado pela 1ª C. R. ás autoridades superiores e aos cidadãos que lhe são interessados.

O exemplo dessa pratica do R. S. M. em toda a sua plenitude, quando generalizado no Brasil, dará, sem duvida, ao Exército a almejada vitalidade da sua tropa: — provida por um verdadeiro recrutamento nacional.

As suggestões para a reforma do R. S. M., constantes do referido documento, são oriundas dos ensinamentos tirados da execução aprofundada deste regulamento. "A Defesa Nacional", no seu numero de Julho do corrente anno, em "A lei do sorteio e os insubmissos", disse que o sorteio não fracassou e, se houve fracasso, ao seu regulamento se deve attribui-lo por não ter levado ainda sufficientemente em conta todas as circumstancias que caracterizam a complexidade do assumpto num paiz como o nosso. Traduzimos assim o anseio antigo do Exército de melhoria da regulamentação da lei do serviço militar e que agora, de uma maneira pratica e convincente, o Chefe da 1ª C. R., nos seus pontos principais, fundamenta.

Expressamos aqui os nossos votos para que o novo regulamento traga para o Brasil, além de processos exequiveis para a sua execução, um sorteio verdadeiramente militar, isto é, um sorteio que seja executado por um mecanismo militar, onde a politicagem, sempre desmoralizadora e dissolvente, fique inteiramente interdita, desde o alistamento do joven até a captura do cidadão que fugir ao cumprimento do seu dever civico-militar.

NOVA SÉDE

Realisa no corrente anno esta C. R. a cerimonia do Sorteio Militar, em sua séde provisoria.

Nella está por um lado bem installada no ponto de vista hygienico, mas apresenta por outro lado o grave inconveniente de ficar em posição excentrica, não só em relação á população do Districto, como também das outras repartições, e que com ella vivem em contacto permanente.

De fórma que é com ansiedade que aguardamos o termino das obras do nosso Q. G. onde, certamente, teremos uma séde condigna com o importancia do serviço.

ALISTAMENTO

Foram alistados no corrente anno 17.453 cidadãos, tendo para isso se lançado mão de todas as fontes de que trata o Regulamento. Entretanto, só agora verificamos que nem só este anno como nos anteriores, a fonte de Registro Civil não era completamente exgotada em algumas Juntas, que nem sempre iam a todas as pretorias que lhes competiam, deixando, pois, falho, o alistamento. Já todas as providencias foram tomadas para que no proximo anno, seja preenchida esta lacuna.

Contribuiu mais para não tornar o alistamento, ainda maior, o facto de terem sido substituidos, em pleno funcionamento dos trabalhos, 17 Presidentes de Juntas.

Pela Armada, o alistamento attingiu a... 1.592 cidadãos.

REVISÃO

Os trabalhos de revisão foram iniciados na época regularmentar, isto é, a 15 de Maio. Esses trabalhos foram estafantes, e, como no anno passado, lançou-se mão de duas turmas, uma pela manhã, outra á tarde, e assim mesmo, não foi possível fazer todas as exclusões, as quaes vão ser ultimadas na 2ª phase da revisão, de Novembro a Dezembro; para organização dessas duas turmas, o Cmt. da Divisão nos poz á disposição mais 6 auxiliares.

Com o intuito de facilitar o serviço dos auxiliares, tivemos oportunidade de, na 1ª reunião da Junta, apresentar directivas inherentes ao assumpto, as quaes foram approvadas pela mesma e consignadas em acta.

E para salientar a importancia do serviço de revisão no corrente anno, basta dizer que foram alistados mais de 2000 cidadãos, quasi na totalidade nascidos em 1908 entre o dia destinado ao encerramento dos trabalhos das Juntas de alistamentos e o da de revisão, isto é, de 1ª de Maio a 15 de Julho.

Foram excluidos do presente alistamento por diversos motivos 3.135 cidadãos. Abatendo esse numero do de alistados, vemos que entrarão em sorteio 14.318 cidadãos.

E' preciso frisar ainda que mesmo no alistamento os Districtos iam fazendo um grande numero de exclusões, lançando mão do Registro

eo. Obitos para ver as creanças fallecidas entre 5 e 6 annos das duas meia classe 907 e 908.

Dos 1.592 cidadãos alistados pela Armada, foram excluidos pela Junta de Revisão 941, entrando, pois em sorteio, 651.

Os trabalhos de revisão foram muito difficultados pela serie de irregularidades sobrevindas no serviço de algumas Juntas de alistamento, as quaes ora alistavam o mesmo individuo duas vezes, ora alistavam menores, ora deixavam de assignar fichas, ora assignavam fichas que não lhes competiam, ou outras faltas semelhantes.

Mais um motivo que veio tornar penoso o trabalho de Junta de revisão, foi tambem ser de sua competencia resolver sobre as isenções, que aliás não são poucas.

No presente anno deviam se dirigir a ella 656 cidadãos dados como arrimo, mas só o fizeram 131. Quer dizer, pois, que os 425 restantes estão com as suas isenções cassadas, e assim sujeitos á incorporação no corrente anno.

Das 131 que recorreram, 83 foram deferidas e 48 indeferidas. Deante desses numeros, parece que houve da parte da Junta, um certo rigor ao julgar as petições.

Realmente, a Junta, em certos casos, que apresentavam pequenas duvidas, opinou pelo indeferimento attendendo que das suas decisões, ha recurso voluntario para o S. T. M. dando assim oportunidade ao Egregio Tribunal de, com sua justa decisão, esclarecer a junta na solução de casos analogos e posteriores.

Aproveitamos esta oportunidade para fazer uma suggestão sobre este assumpto.

Pelo actual regulamento, o individuo que é arrimo deve renovar annualmente seus papeis, até attingir a idade de 29 annos, e quando chega aos 30 passa para o Exercito da 2ª linha.

Achamos que em vez disso, o homem desde que tenha provado ser arrimo, deve incorporar e fazer só o 1º periodo de instrucção, que dura apenas 4 mezes, ou então, se matricular numa linha de Tiro, com a obrigação de apresentar a caderneta de reservista dentro de um anno.

Essa solução é vantajosa não só para o Exercito como para o cidadão.

Para o Exercito, porque terá em cada arrimo mais um reservista de 2ª categoria, e, ainda, porque evita que durante nove annos mantenha a C. R. relações trabalhosas com esses homens, como já mostramos anteriormente; para o homem, porque assim se veria logo livre da renovação das provas, operação complicada e quasi sempre onerosa.

PEQUENA INCORPORAÇÃO

Passemos agora a ver quaes as causas que têm influido de modo a não permittir á Circumscripção fornecer contingente pedido, e suggerir meios de sanal-as. São ellas:

1ª) Revisão incompleta do alistamento e, em consequencia, contemplação no sorteio de homens que já deviam ter sido excluidos.

2ª) Cidadãos ora matriculados nos tiros que fizeram jus á caderneta em Agosto findo, foram alistados e vão ser excluidos na 2ª phase da revisão serão entretanto, levados em conta no calculo do contingente a incorporar.

Solução — Alteração do artigo 103 na parte que se refere ao calculo do contingente da 1ª cha-

mada, de forma que o numero de convocados represente, realmente, o dobro de conscriptos a incorporar por districto, isto é, serem substituidos na relação dos chamados os excluidos até a época da incorporação. Para ter idéa da importancia de tal alteração, basta dizer que já foram excluidos por motivos varios, do contingente a incorporar no corrente anno, 592 cidadãos que não podem ser substituidos por outros, e da relação a ser agora sorteada já sabemos haver até hoje 170 exclusões a fazer na 2ª phase da revisão.

3) Alistamentos feitos em classes diferentes da verdadeira.

E' commum individuos por occasião do alistamento declararem em lista uma idade, que não é a sua, e, posteriormente, quando sorteados e convocados, se apresentam munidos de suas certidões, sendo por isso immediatamente excluidos, quando já os seus nomes não podem mais ser substituidos no numero dos a incorporar.

O mesmo acontece com os alistados pelo Gabinete de identificação.

Solução. — Achamos que neste caso a solução deve ser a seguinte: Obrigatoriedade dos Estabelecimentos de Ensino Superior, casas commerciaes, bancos, fabricas, emprezas, etc. possuirem um livro destinado exclusivamente ao registro dos cidadãos maiores de 21 annos, e sujeitos ao alistamento militar, no qual deveriam figurar, além do nome do cidadão, sua filiação, dia, mez e anno do nascimento, naturalidade (Estado e municipio), residencia e signaes caracteristicos, registro esse, feito pelo proprio, de modo que soubesse escrever. Este livro deveria ser apresentado á autoridade militar, sempre que se tornasse necessario.

Ainda mais, o sorteado incluído no contingente a incorporar, delle não poderia ser excluído sob pretexto de haver sido alistado em classe differente da sua, salvo se já tivesse mais de 28 annos na data do seu sorteio.

4ª) Exigencia regulamentar sobre a notificação individual.

Já tivemos oportunidade de nos referir a este assumpto em o nosso ultimo relatorio.

Os sorteados, em face da doutrina firmada pelo S. T. M., aguardam tranquilos a notificação que nunca chega para os alistados pelo Registro Civil, e passam a insubmissos, contando já com a absolvição.

Accresce que os que a recebem, nem sempre a assignam do seu proprio punho, já com a intenção de, na occasião do julgamento, allegarem não ser aquella a sua assignatura.

Solução — Faz-se mister neste caso retirar do regulamento esta exigencia.

De facto, sendo uma obrigação do cidadão, que completou 21 annos, se apresentar á Junta de alistamento do districto de residencia para ser alistado conforme preceitua o regulamento, conclue-se que só é insubmisso quem o quer.

5ª) Falta de uma conducta justa e rigorosa para com os insubmissos. Na grande maioria, para não dizer na totalidade, são elles absolvidos, embora notificados ou não.

Solução — Para isso suggerimos a acção intensiva de captura e maior rigor no seu julgamento.

E' justo consignarmos que o serviço de captura de insubmissos nesta C. R., está organizado, e vae dando sensíveis resultados.

CASOS CURIOSOS

Vamos agora enunciar alguns casos inevitáveis, consequentes das disposições regulamentares, e que, de algum modo, contribuem para o descredito do serviço.

1) Tendo recebido uma lista em seu estabelecimento commercial, um estrangeiro, cidadão obediente, mas curto de idéas, e que não leu as instrucções annexas á mesma, poz o seu nome em lugar do alistando e, no da filiação, o nome da esposa e filho, que tinha então 3 annos.

Sobre a naturalidade, nada mencionou. Em consequência, foi o dito cidadão alistado, sorteado, convocado como filho do filho e de sua esposa, passando a insubmisso, e, pela lei, está sujeito a processo.

Por ventura a Junta contribuiu de algum modo neste absurdo?

2) Um outro caso digno de citação occorreu com um jovem jornalista, homem rico, cujo alistamento teve igualmente por fonte uma lista de recenseamento.

Esse cidadão, não obstante ser mutilado, poz o seu nome na lista, que foi ter á sua residência e não mais deu um passo sequer no sentido de mostrar a sua incontestavel incapacidade para o serviço militar.

Não recorreu, pois, nem á Junta que o alistou, a qual immediatamente conceder-lhe-lia a devida isenção, nem á de revisão.

E, assim, foi elle mal justamente alistado, sorteado, convocado e, posteriormente, considerado insubmisso. Um certo dia, talvez convencido de que o Decreto de indulto o attingiria apresentou-se á C. R. e, em seguida, é submettido á inspecção de saúde. Mas, certamente, informado de que se achava sujeito á Justiça, não obstante haver sido julgado definitivamente incapaz, foge. Restabelecida a captura, é elle preso, sujeito a processo. Segundo se vê, ninguém da C. R. contribuiu para a sua triste situação creada exclusivamente por si. No entanto, fomos duramente criticados pela Imprensa por haveremos submettido a tão accentuados vexames, um pobre homem desvalido.

* * *

Como nos sentiríamos bem, nós da J. R. S., se o regulamento nos conferisse a necessaria autoridade para solucionar casos semelhantes aos citados, que não são tão raros, além de outros que se prendem a uma imperfeita revisão do alistamento, taes como: reservistas do Exército da Armada, sorteado julgado incapaz por doença contagiosa ou infecto-contagiosa, ou de notoria e incontestavel incapacidade para o serviço militar, cidadão de nacionalidade estrangeira, etc.

A revisão, como ora se pratica nesta C. R., difficilmente dará lugar a que um reservista, do Exército ou da Armada, venha a ser considerado insubmisso; no entanto, por maior que seja o esforço dos auxiliares desta Junta, alguns d'elles não spondendo da necessaria pratica, não se pôde irramente afastar a possibilidade disto se dar.

Qual deve ser o remedio para um caso desta natureza? Submetter a processo um digno cidadão, portador de um documento, que tanto honra a quem o conquistou, como é uma caderneta de reservista, é actualmente legal, mas, reconhecemos, é tambem contribuir profundamente para o descredito do serviço militar.

Casos como este deveriam ser summariamente solucionados pela J. R. S. Por tudo isso pensamos que não deviam ficar sujeitos a processo, cidadãos que de insubmissos, só têm o titulo, pois, na realidade, são authenticos reservistas.

Que a nova lei do sorteo, por nós ansiosamente aguardada, amplie os poderes da J. R. S., de modo a serem rapidamente resolvidos todos estes casos, passados, presentes e futuros, são os nossos votos.

AINDA SUGGESTÕES

Para finalizar esta nossa exposição, restamos fazer mais algumas suggestões em contribuição á nova lei do serviço militar, todas ellas oriundas da experiencia adquirida no decorrer de dois longos annos e de um acurado estudo do actual regulamento. São ellas:

1) Diz o actual R. S. M. em seu artigo 50 que todo cidadão, no anno civil em que completar 21 annos, é obrigado a se alistar, etc.

Entretanto, não prescreve a menor pena para os que infringirem este artigo. Acresce mais que, segundo a letra do regulamento, cidadãos ainda menores ficam na obrigação de se alistar, o que não nos parece regular; com effeito para uma junta que encerra os trabalhos em 30 de Abril (1ª zona), todo individuo nascido de 1º de Maio a 31 de Dezembro, é menor.

Propomos a obrigatoriedade do alistamento para todo o cidadão maior de 21 annos, devendo este procurar a Junta até duas semanas após haver attingido sua maioridade.

Se a sua apresentação não for em época de alistamento, a Junta o relacionará para o alistamento seguinte.

Aos que infringirem essa obrigação, se até os 28 annos forem alistados, por qualquer das fontes, serão sorteados e convocados antes dos da classe de 21 annos e desincorporados depois dos dessa mesma classe.

* * *

2º) Ainda no mesmo artigo o regulamento faculta aos menores, o seu alistamento desde os 17 annos, mas, nenhuma outra compensação lhes dá, que não seja um mero certificado de alistamento. Seria de grande vantagem para o Exército, bem como para o cidadão, que a incorporação fosse feita aos 21 annos, porem, para isso, seria necessario que elle fosse alistado tendo apenas 20 annos.

Ora, não se pôde obrigar a um menor se alistar, mas o que se pôde, e achamos se deveria fazer, é levar-o ao alistamento voluntario mediante vantagens compensadoras.

Assim:

Todo cidadão que se alistasse, com autorização legal, dos 17 aos 20 annos, ao attingir esta idade, seria alistado para o sorteo. E só seria contemplado no calculo do contingente a incorporar se fosse insufficiente o numero de sorteados.

A segunda parte (O Combate) do Regulamento Francez de Infantaria de 1928

Pelo Cap. T. A. ARARIPE

(Continuação do n. 188)

Iniciamos agora a apreciação do **Título V — Physionomia do Combate da Infantaria**. Póde-se dizer que até aqui o Regulamento se ateuve ás definições e indicações dos meios de acção da arma e que agora inicia propriamente o estudo dos processos de execução do combate da Infantaria.

O **Capítulo I** trata do Combate Offensivo. Antes de entrar no estudo das fases do Combate offensivo, o Regulamento muito propositadamente accentua a distincção já feita na I. G. U. (n.º 113, 148, 157 e 200) entre o caso do inimigo em posição e aquelle em que o inimigo está em movimento. Parece-nos que semelhante advertencia não existe nem no R. M. I., nem no nosso R. E. C. I.

Mas como as informações não permitem conhecer com segurança a attitude que o inimigo vai tomar, o Regulamento prescreve que **"as disposições a serem adoptadas pelas unidades de infantaria que marcham para o inimigo devem**

corresponder ás duas eventualidades encaradas".

Pelo que se lê aqui e nos itens referentes á **Approximação e Tomada do Contacto**, não ha differença na execução para os dois casos considerados: quer o inimigo esteja em posição, quer esteja em movimento, os processos são os mesmos.

Na **Marcha para o inimigo** o Regulamento considera dois periodos distinctos:

— **marcha executada ainda fóra da zona exposta aos tiros da artilharia organica das Divisões;**

e **marcha nessa zona, isto é, a Approximação.**

Para o primeiro periodo, enquanto só ha a de temer a aviação, os engenhos mecanicos de grande raio de acção (automoveis) e os canhões de grande alcance, as disposições aconselhadas serão expostas na III Parte; aqui só se cuida das referentes ao segundo.

Antes de mais nada devemos observar que

nas classes seguintes e, incorporando, desincorporaria em 1.º lugar.

* * *

3.º) Dar autoridade ao Delegado da Junta de alistamento para, quando julgasse necessario, ir ao cartorio extrahir os dados para o alistamento ou fazer syndicanças. Isso em nada viria influir na situação das Juntas desta C. R. onde qualquer membro tem autoridade para tirar do cartorio os dados necessarios ao alistamento; esta medida visa regularisar o trabalho nas demais Circumscripções, onde o registro civil não está a cargo de autoridades federaes.

Para realçar a importancia desta suggestão, vamos relatar o seguinte facto:

Foi alistado nesta C. R. um cidadão carioca, pertencente a uma determinada classe, pelo registro civil e bem assim por uma lista domiciliar assignada pelo seu progenitor, não havendo a menor divergencia quanto á naturalidade, dia, mez, e anno de nascimento, nas duas fontes que serviram de base ao seu alistamento. Esse cidadão foi, em consequencia, regularmente, sorteado e convocado.

Approximando-se o dia da incorporação, dirige-se elle ao S. T. M. munido de uma certidão de idade com todas as apparencias de verdadeira, que o dava como não carioca e de classe differente. Desta maneira conseguiu annullar o seu alistamento por esta C. R. e a esta hora talvez esteja sendo sorteado pela outra Circumscripção, onde foi novamente alistado pela Junta

que tem como presidente o seu pae, mas em uma classe que provavelmente não mais incorporará. Agimos junto ao Chefe daquelle C. R. para informar, por intermedio do Delegado militar da respectiva Junta, se realmente constava alli o registro de nascimento do referido cidadão, para o que fornecemos os necessarios dados, extrahidos de uma cópia da certidão de idade enviada ao S. T. M. E, por duas vezes, o Delegado procurou o escrivão; da 1.ª não o encontrou; da 2.ª, obteve d'elle a declaração de que o livro, na qual fora feito o registro, tinha sido mandado encadernar. — segundo informações, que nos foram dadas pessoalmente pelo referido Delegado.

Mas não se julgue elle inteiramente livre quanto ao serviço militar, pois tivemos oportunidade de remetter ao Sr. Presidente daquelle Tribunal a sua verdadeira certidão de nascimento

* * *

4.º) Tornar obrigatorio aos officiaes de Registro civil o envio de uma informação mensal as respectivas C. R. dos fallecimentos dos reservistas, para o que deveriam exigir do declarante, por occasião do registro de obito, os necessarios esclarecimentos sobre a situação do morto em relação ao serviço militar.

E' excusado salientarmos o alcance desta medida.

* * *

São estas as principaes suggestões que temos a fazer a respeito do serviço militar.

E aqui ficamos.

o novo Regulamento decompõe o combate offensivo nas seguintes **phases: aproximação, tomada do contacto, ataque** (incluindo ali o **assalto**), **occupação e conservação do terreno conquistado e aproveitamento do exito**, pois, são estes os títulos dos diversos artigos do Capitulo I.

Não mais considera o **engajamento** entre essas phases, como o fazia a I. G. U. (n. 98) e o nosso R. G. U. (n. 123). Essa divergencia aliás já tinha sido notada no R. M. I. (n. 69) (II Parte) e no R. E. C. I. (n. 244). Este ultimo, entretanto, n. 239 se referia incidentemente ao **engajamento** como uma das phases do combate.

A intenção de excluir o termo **engajamento** do texto em estudo é manifesta quando se compararam os numeros 4 e 5 do actual Regulamento de Infantaria (II Parte) com o numero 98 da I. G. U. de onde foram aquelles copiados com modificações. Assim no inicio do segundo periodo do n. 5 se nota que o termo **engajamento** foi substituido pela expressão **acções parciaes efectuadas pelas forças de primeira linha**.

O mesmo acontece comparando-se o artigo II — **Tomada de contacto e Engajamento** — do Capitulo VII da I. G. U. com o n. 235 do novo texto.

Parece-nos que tanto no que chamavamos de **engajamento** como no **ataque do grosso** os processos de acção das pequenas unidades de infantaria são identicos e importam sempre em ataque propriamente dito.

Resta agora saber se continua de pé o termo **Engajamento** empregado para o caso das acções parciaes das Grandes Unidades.

Tratando da aproximação, o Regulamento dá melhor forma aos ns. 72 a 74 do R. M. I.

Ahi é interessante notar que a infantaria inicia a aproximação desde que fica exposta **aos tiros da artilharia organica das Divisões**, e não aos tiros de artilharia de todos os calibres como preceituavam os regulamentos anteriores; inclusive a I. G. U.

Ha mesmo ligeira discordancia entre o que diz o n. 226 desta II Parte e a definição apresentada pelo n. 23 da I Parte:

"Aproximação: os movimentos de uma infantaria que progride em zona exposta ao fogo da **artilharia e dos aviões** (o grypho é nosso).

Esta questão de inicio da aproximação ou, por outra, do abandono da columna de estrada, é muito seria e pensamos que o Regulamento devia ser mais explicito sobre ella. Além disso elle não accentua como faz o nosso R. E. C. I., que a passagem da columna de estrada, ou da reunião articulada, para as formações de aproximação, faz-se, ás mais das vezes, progressiva e insensivelmente". Semelhante prescripção permitiria que se chegue ás formações **completas** de aproximação á medida que se confirmarem as informações sobre as posições e a actividade da artilharia inimiga.

Quanto ao mecanismo da execução do movimento julgamos de grande vantagem tudo o que diz o n. 248 de nosso R. E. C. I., onde se põem em evidencia as questões da direcção, dos

lanços e linhas successivas a attingir, do reconhecimento do terreno e da ligação que no texto francez não tem o relevo necessario.

Parece que na III Parte se voltará a este assumpto quando se cuidar da aproximação feita pelas unidades que marcham na testa (Vanguardas). Por enquanto o Regulamento indica que essas unidades se articulam em **escalão do reconhecimento e escalão de combate**; que recebem para objectivos linhas importantes do terreno e se deslocam por lanços; que devem estar sempre promptas a pôr em acção os meios de fogo necesarios para apoiar a sua progressão e para conservar o terreno occupado de modo a garantir ao grosso liberdade de acção: que progridem o mais rapidamente possível para não retardar a marcha do grosso, esclarecendo-se methodicamente para evitar cahir inesperadamente sob fogos densos e bem referidos; e que com isso o seu escalão de reconhecimento deve marchar a distancia sufficiente do escalão de combate.

Devemos chamar a attenção do leitor, desde já, para o facto do Regulamento não se referir a essa articulação quando cuida das formações de aproximação do pelotão, companhia e batalhão (n. 452, 494, 496 e 547).

O Regulamento trata ligeiramente da cobertura dos flancos e da progressão do grosso, segundo regras já estabelecidas, bem como da protecção contra aviões que voem baixo.

No artigo III dá-se a entender que a phase da Tomada do contacto se inicia com a troca dos primeiros tiros e termina ao se encontrar uma barreira continua de fogos. As regras dos ns. 75 e 76 do R. M. I. se junta o conselho de constituir-se, logo que se encontre uma linha além da qual não é possível avançar sem atirar, um escalão sufficiente de fogos, uma base de fogo e de cuidar-se da cobertura dos flancos.

No n. 235 o Regulamento reproduz, como já nos referimos, o n. 175 da I. G. U. sobre as acções parciaes que estas Instruções denominavam Engajamento.

Durante a Tomada do contacto pelas Vanguardas, o grosso se prepara para entrar em acção adoptando uma formação de aproximação que contenha em germen a sua formação de ataque provavel e tendo os commandantes de unidades bem á frente para tomar providencias sem perda de tempo.

O artigo IV — **o Ataque** — apresenta-se na forma e no fundo, bem differente da parte correspondente do R. M. I. Elle cuida propriamente do **combate em terreno livre**, como todo o Capitulo que analysamos. A **ruptura de uma frente fortificada** é objecto do Capitulo II.

Para facilitar o estudo divide-se o ataque em phases:

ataque do 1º objectivo; occupação e manutenção do terreno conquistado; desenvolvimento do combate no interior do dispositivo inimigo; aproveitamento do exito ou, em caso contrario, parada ao insucesso; e interrupção do combate com a noite.

Por sua vez, no ataque do 1º objectivo elle considera:

a realização do dispositivo de combate; a partida e progressão até a distancia do assalto; o assalto.

O escalonamento do dispositivo de combate a Divisão é o mesmo estabelecido na I. G. U.: linha de combate, artilharia e reservas.

Depois de definir a linha de combate, o Regulamento se demora sobre a noção de **base de partida** a ser occupada pelo 1º escalão de ataque: linha característica do terreno summariamente reparada ou organização mais ou menos completa (elementos de trincheira, plataformas de tiro, abrigos, etc.); vantagem do reconhecimento breve dessa base; vantagem da instalação da tropa sobre a base de partida nos ultimos momentos; necessidade da base de partida ser normal á direcção do ataque; influencia do conhecimento dessa base sobre o plano de fogo da infantaria, o apoio da artilharia e sobre a ordem necessária na partida do ataque.

Ha aqui novas referencias ás condições a que devem satisfazer as formações de combate e do dispositivo de ataque do batalhão (escalão de fogo, base de fogo e reserva).

Tratando de zona de acção o Regulamento é claro: só o regimento e o batalhão têm-na delimitada; a Cia. recebe apenas um ponto de direcção afastada.

A partida e progressão até a distancia do assalto são executadas segundo as regras estabelecidas nos textos precedentes:

movimento por lanços, protecção e apoio por fogos de toda a natureza, acompanhamento da barragem rolante de muito perto, abandono das fracas resistencias aos elementos de 2º escalão, aproveitamento immediato dos effeitos de neutralização dos bombardeios, etc.

O Regulamento destaca a regra basica da manobra da infantaria:

E' procurando constantemente cumprir a sua missão e a ganhar terreno sem se regular uma pela outra que as unidades vizinhas se auxiliam de modo mais efficaz, tendo porem o cuidado de assegurar as ligações mutuas.

O Regulamento considera o assalto como a progressão sem parada que conduz o atacante immediatamente sobre o objectivo. Parece-nos que o termo "bond" está ahí mal empregado (Ver a I Parte, pag. 32). O assalto póde ter o aspecto de acções parciais no final ou no desenvolvimento do ataque ou o aspecto de uma acção de conjuncto partindo de uma base de partida, tal como o apresenta o nosso R. E. C. I., titulo VIII Capitulo V.

Neste ultimo caso, o assalto é um ataque cujo apoio de fogo permite que o movimento se faça da base de partida até o objectivo sem que o escalão de fogo tenha que parar.

No artigo V são reproduzidas as prescripções do n. 265 da 2ª Parte do R. E. C. I. mas se insiste na necessidade de manter o contacto, de designar uma guarnição especial para occupar o objectivo até a conquista do immediato e no aproveitamento do dispositivo offensivo como dispositivo defensivo provisório.

O artigo VI não encontra seu equivalente no

R. E. C. I. mas reproduz, mais ou menos, os ns. 96 e 97 do R. M. I. (II Parte), sendo que este ultimo n. é transcripto literalmente.

E' interessante ahí observar que o ataque do objectivo immediato só deve ser preparado depois que se tiver garantido a posse do objectivo attingido contra qualquer retorno offensivo do inimigo e que o ataque póde ser continuado quer pelas mesmas tropas quer por outras frescas.

O artigo VIII cuida do **Caso de insuccesso**, enumerando em algumas linhas as medidas a serem tomadas pelas unidades de infantaria quando o ataque não tiver exito (apego ao terreno, organização das barreiras de fogo necessarias, informação da linha attingida á artilharia de apoio, etc.).

O artigo IX trata do **Combate interrompido com a noite** e reproduz os ns. 106 e 107 do R. M. I. Também não tem correspondente no nosso R. E. C. I. mas lembra o R. S. C. (n. 196) E' notavel que a antiga denominação de Postos Avançados de Combate desaparece para que seja mantida a denominação uniforme de **escalão de vigilancia** (com vigias, em vez de **sentinellas**) e **escalão de resistencia**.

O Capitulo II estuda, como já dissemos, o caso particular e, ainda mais entre nós, o **Ataque de uma posição organizada de longa data**, assumpto que não fez parte das cogitações da commissão que elaborou o nosso R. E. C. I., bem como do R. M. I.

O artigo I (**Generalidades**) expõe que no caso encarado, os dois adversarios se estabilizam face a face até que o ataque esteja preparado. Este tem então a forma de uma assalto.

O artigo II trata da **Approximação** atraz de tropas em contacto e tendo por fim a tomada de dispositivo para o ataque. Esse artigo contem sob outra forma, mais ou menos, os ns. 77 e 78 da II Parte do R. M. I.: vantagens da obscuridade e das formações abertas e escalonadas; facilidades quando as tropas em contacto estão em pleno combate ou ha communicações enterradas; necessidade de manter-se a direcção e de evitar-se a mistura das unidades; emprego de guias; etc.

O artigo III refere-se ao **ataque**. Os pontos mais importantes a apontar são os seguintes:

— fornecimento de informações minuciosas sobre as posições inimigas (croquis em grande escala);

— frente de ataque para cada unidade menor do que no caso do ataque de posição summariamente organizada;

— base de partida organizada com parallelas de partida e abrigos;

— quando a base de partida dispõe de bons abrigos e quando está muito proxima da linha adversa, póde haver interesse de cerrar o dispositivo sobre a testa;

— objectivos successivos separados por distancias curtas;

— elementos especialmente designados para as operações de limpeza.

(Continúa)

A COLLABORAÇÃO DO OFFICIAL MEDICO NA EFFICIENCIA DAS UNIDADES DE INFANTARIA

(CONFERENCIA REALIZADA NA ESCOLA DE APPLICAÇÃO DO SERVIÇO DE SAUDE)

Pelo Cap. MARIO TRAVASSOS (do 1º R. I.)

Meus Senhores.

Antes do mais devo confessar-vos o grande prazer com que me acho em vossa presença. Sou dos que acompanham com interesse a brilhante evolução de nossos quadros do Serviço de Saude, processada sob os influxos dos mestres francezes, a cuja competencia os nossos officiaes medicos cederam todas as notaveis possibilidades de sua intelligencia, saber e dedicação ao serviço.

E' que, circumstancias favoraveis me permittiram apreciar em serviço de E. M., durante seis manobras de quadros de Exército e cinco mezes de operações de guerra, os resultados da nova orientação em que progridem os vossos quadros ou sejam as etapas vencidas pelos successivos esforços de nossos officiaes medicos.

Hoje que vimos tratando da formação systematica dos quadros de E. M., é facil admitir-se o entusiasmo que os quadros dos serviços despertam, quando se mostram á altura de seus complexos fins.

Os Exercitos modernos resultam de tres componentes distinctos — o COMMANDO, as TROPAS e os SERVIÇOS — e sua efficiencia, na guerra, tanto como na paz, depende, ao mesmo tempo, do que vale cada um desses factores, tanto por si proprio, como por sua capacidade de cooperação com os demais.

De nada vale COMMANDO notavel sem meios de execução correspondentes — as TROPAS — ou dispondo de meios de reaprovisionamento e evacuações deficientes — os SERVIÇOS. E não ha duvida sobre que esta terceira componente representa papel relevante nesse conjugado de forças, por isso que os SERVIÇOS cooperam DIRECTAMENTE nas possibilidades dos meios de execução, o que quer dizer, na capacidade combativa das TROPAS, simplesmente porque os SERVIÇOS alimentam, entretem a potenciaalidade physica, material e moral das TROPAS, provendo-lhes necessidades vitais de toda sorte.

Se a concepção do COMMANDO é mediocre, mas encontra órgãos de execução capazes — as TROPAS, — della ainda se poderá tirar o exito. Nada ou pouco se poderá tirar, meus Senhores, de COMMANDO e TROPAS mal assistidos pelos SERVIÇOS, mal alimentados e remunerados, mal aprovisionados e, principalmente, com o regime de evacuação, tratamento e recuperação de seus doentes e feridos funcionando mal.

E tudo isso não é senão a propria lição dos factos.

Podeis agora sentir que nada tem de gratuito o prazer que vos confessei de começo. Trata-se de um prazer consciente. E acredito, considero para mim alta distincção o convite que

o Commandante desta Escola, o Senhor Tenente-Coronel Dr. Souza Ferreira, me dirigiu para vir á vossa presença trazer alguma coisa de mim mesmo, que vos asseguro será do melhor que vos possa dar.

* *

A Infantaria, meus Senhores — permitti que vol-a apresente — na paz como na guerra é a grande soffredora, que a tradição intitidou de "rainha das armas".

Os textos dos regulamentos a designam como "a arma principal", designação que se tem mantido apezar dos progressos das armas mais technicas como sejam a Aviação e a Artilharia.

A evolução dos processos de combate ás vezes tem reagido mais ou menos violentamente contra a "magedade" da Infantaria, mas, contrabalancadas essas reacções, verifica-se facilmente de quanto são apparentes os seus resultados praticos. Realmente, circumstancias existiam em que sua actuação não tem sido PRINCIPAL, nunca porém deixou ella de ser ESSENCIAL.

Dahi o novo titulo que se vem forjando para a "rainha das armas": — "A INFANTARIA E' A ARMA ESSENCIAL".

Seja como fôr, ha razões de toda ordem para que a Infantaria occupe entre as demais armas um lugar PRINCIPAL ou ESSENCIAL.

A Infantaria condensa em si a formula mesma da nação armada. E' o povo, na acceção mais exacta do termo, sob bandeira. E' a expressão mais real da propria nacionalidade. E' symbolo pelo qual se pode julgar das energias de uma nação como de uma raça. O soldado de Infantaria caracteriza, representa o proprio exercito de que faz parte. Ahi está o "poilu" como a alma, a mola real da victoria dos alliados.

Uma nação industrial poderá sempre dispôr de boa Artilharia ou Aviação, admittido que é sempre possivel seleccionar o numero relativamente restricto de homens especialmente dotados de que carecem essas armas, notadamente o pessoal de vôo da Aviação. O mesmo quanto á Engenharia; recrutados os seus especialistas, o que sempre é possivel conseguir, a mão de obra para os seus trabalhos se encontra por toda parte.

Uma nação de características pastoris accentuadas, poderá dispôr de excellente Cavallaria não só mobilizando seu rebalho equino como os seus homens affeitos ao lombo do cavallo e ás incertezas da vida errante dos campos.

Cada nação, porém, tem a Infantaria que merece, dado que esta representa a propria massa dos homens validos da nação, sejam quaes forem as características politico-economicas da

nacionalidade. E' dessa massa, que se tem de seleccionar os quadros numerosos para a direcção das unidades de Infantaria. E' essa massa, com seus defeitos e virtudes, que os quadros de Infantaria têm que levar ao combate e á victoria.

Estes conceitos são tanto mais angustiosos quanto melhor considerarmos que, sem uma Infantaria digna de seus attributos, não ha victoria possível, pois a bayoneta do infante sobre o peito do adversario, no corpo a corpo, é o argumento unico decisivo para a victoria, por mais que as outras armas a preparem e mais esplendida ellas a annunciem...

E tanto isso é verdade que todos os recursos de que dispõe o commando não fazem senão trabalhar para que esse ultimo argumento se faça sentir, em toda a plenitude de seu heroico espirito de sacrificio pela Patria.

Ainda ha mais.

A arma principal do cavalleiro é o cavallo que o leva com suas armas e munições ao ponto de applicação mais ou menos momentaneo; a do artilheiro são os projectis lançados pelos seus canhões; a do aviador é a qualidade de seus aparelhos ou a potencia de suas bombas.

A verdadeira arma da Infantaria ainda é o proprio homem que, correndo todos os riscos, carpendo soffrimentos de toda sorte, é o proprio reparo de seu armamento, conduzindo-o com seus proprios braços á posição de tiro e encouraçando-o com seu proprio peito.

Se é verdade que o VALOR PESSOAL é o ananagio de todos os combatentes, notadamente dos aviadores e cavalleiros, não ha negar que essa é a qualidade essencial do infante, em cujas fileiras ao em vez de seleccionados ou de effectivos que ainda permittem escolher, se tem de fazer da massa anonyma de um povo em armas, uma cohorte de abnegados a todos os sacrificios, desde a incessante resistencia á fadiga, muitas vezes mortal, até a ronda sem treguas da morte no escalão de combate.

Sem VALOR PESSOAL — traduzido não só na bravura militar mas, tambem, na vontade inflexivel de vencer, num estado de espirito permanente de renuncia — não ha infante possível, de nada vale o material de que seja dotada a Infantaria, por mais potente e numeroso.

E' de todo evidente que, sem homens fortes de corpo e de alma, jámais se terá uma Infantaria capaz de arrebatara a victoria para suas armas, para sua bandeira.

Emfim, das multipas relações que actualmente existem entre os exercitos permanentes e as actividades da nação, é facil concluir-se da repercussão industrial e economica das outras armas, tanto quanto das repercussões de caracter social da Infantaria.

Da mesma maneira que a Artilharia e a Aviação existem principalmente em função das possibilidades industriaes da nação, mas, tambem, como estimuladoras dessas possibilidades, o mesmo se verificando com a Cavallaria em relação aos aspectos pastoris, a Infantaria depende principalmente do valor de sua fonte de recrutamento que é o proprio povo, e deve influir

sobre as condições physicas e moraes dos individuos que o constituem.

Essas acções se processam, quanto ás outras armas, de modo mais ou menos espontaneo, quasi que sob a forma de animação, se assim pode dizer-se, por isso que se fundam em razões industriaes e economicas e, em consequencia, actuam no mundo dos interesses. Os centros fabris se activam bem como os centros criadores, sempre que o Estado decide incrementar a sua Artilharia e Aviação ou a sua Cavallaria.

Se se trata da Infantaria essas acções não apresentam o caracter reflexo que acabamos de assignalar quanto ás outras armas, senão n'uma medida de todo insufficiente. Bem ao contrario disso, em sua maior parte devem ellas ser provocadas, surgir sob a forma de verdadeiras reacções.

E' que, no caso da Infantaria, ellas se produzem sobre os individuos. Ha que se contar com a inercia dos preconceitos individuaes e collectivos, se tem que ir **DIRECTAMENTE AO HOMEM, ACTUAR SOBRE O HOMEM.**

Desse modo, o official de Infantaria, mais que qualquer outro do quadro das armas, ao par de competencia technica e tactica aprimorada, deve possuir acurada cultura humana.

Do ponto de vista profissional, deve ser capaz de manejar com o HOMEM tão bem como com qualquer das armas, de que são dotadas suas unidades. Precisa conhecê-lo anatomica e physiologicamente, tal como a nomenclatura e funcionamento das armas. Deve possuir-lhe a psychologia, que corresponde ao emprego, com conhecimento de causa, das possibilidades do **HOMEM COMO A ARMA POR EXCELLENCIA DA INFANTARIA.**

Do ponto de vista geral, deve elle adquirir a consciencia social de sua missão, ter sempre presente que a Infantaria é, essencialmente, verdadeira escola de disciplina, de revigoramento physico e moral, acima e antes de todo instrumento de educação e reeducação da massa dos cidadãos.

De qualquer modo, nas funções do official de Infantaria, primam as qualidades de educador, e, como não ha educador que possa prescindir do MEDICO não ha OFFICIAL DE INFANTARIA, consciente de sua missão, que possa prescindir do OFFICIAL MEDICO.

Nada mais justo pois — como official de Infantaria numa Escola, onde se formam e aperfeiçoam medicos militares — que o thema que trago á vossa meditação.

* * *

Ao medico militar, official de carreira, como os seus camaradas do quadro das armas, não bastam as qualidades intrinsecas do MEDICO. E'lhe indispensavel que as virtudes do VERDADEIRO MEDICO sejam exaltadas pela consciencia justa de que, como MEDICO MILITAR, collabora directamente na obra de forjar-se o **HOMEM COMO INSTRUMENTO DE GUERRA.** O OFFICIAL MEDICO, ao par da organização e funcionamento do S. S. em tempo de paz como no de guerra, deve possuir conhecimentos perfeitos das bases da moderna organização militar tanto como das linhas gerais

do problema de defesa nacional em seu conjunto e, nesse quadro, exercitar suas aptidões militares, de modo a firmar solido ESPIRITO MILITAR. Nesses conceitos é que se funda a colaboração do OFFICIAL MEDICO com o OFFICIAL DE INFANTARIA.

Evidentemente essa colaboração se apresenta sob formas as mais variadas, desde as funções estritamente profissionais, regidas pelos regulamentos em vigor, até as acções de maior vulto em que o MEDICO MILITAR é chamado a intervir sobre as proprias fontes de recrutamento.

As funções regulamentares do official medico nos corpos de tropa, para que fique assegurada a sua colaboração intima com o official de Infantaria, devem ser cumpridas da maneira mais activa, quanto possivel no exterior das formações sanitarias.

De um lado, são conhecidos os preconceitos contra a hospitalização, tanto maior arraigados quanto mais incultos sejam os individuos. Ha homens de tropa, recrutados no interior, que occultam seus males quanto podem, com a ideia de furtar-se até mesmo á internação na formação sanitaria regimental. De outro lado, deve contar-se com as exigencias do serviço que nem sempre se condicionam bem com o feito de certos officiaes ainda mal avisados. Por ambas as causas deve o official medico ir aos homens de preferencia a esperar que elles o procurem ou sejam apresentados nas revistas medicas diarias.

Essa noção se encontra no proprio R. I. S. G., quando prescreve em seu artigo 254 sobre REVISTA MEDICA dos homens apresentados ao medico: "o medico examinará cada um por sua vez no alojamento, ou mandará esperá-lo em sua sala, quando se tratar de exame que ali não possa ser feito".

Aliás esse é o melhor meio de evitar-se certos inconvenientes da revista medica, por isso que o chefe da familia, que é o capitão, facilmente poderá estar presente e, com suas informações, facilitar o diagnostico do medico, principalmente si se trata de "puladores", como se chamam na tropa os homens que têm sempre motivos muito razoaveis para justificar suas faltas, ou para furtar-se a determinados exercicios.

Cumpra reconhecer, meus senhores, que na Companhia de Infantaria é que se encontra o ambiente propicio para se conjugar a acção do official medico com a do official de Infantaria. Na Companhia de Infantaria é onde se produz a tarefa educadora e reeducadora dos incorporados. Nella é que a Infantaria se define como verdadeira escola de revigoramento physico e moral. Por ella é que a Infantaria se manifesta como instrumento de educação e reeducação da massa dos cidadãos.

De resto, como todos sabemos, nas sub-unidades é que se processa a formação dos HOMENS COMO INSTRUMENTO DE GUERRA.

A Companhia é verdadeira usina. O armamento e mais material de que dispõe a Cia. representam a maquinaria, por onde se deve passar

a materia prima, que é o HOMEM INCORPORADO.

O capitão é o director da usina, tanto quanto seus officiaes são os engenheiros, os seus sargentos, os mestres e os seus cabos, os contra-mestres. Ha ainda os soldados antigos que podem ser computados como artifices, cuja actividade deve ser aproveitada.

Como toda usina, e com o aparelhamento que vimos de citar, o trabalho da Cia. deve se produzir, segundo criterio verdadeiramente industrial, isto é, visando a regularidade, ou melhor, o rendimento da produção, que se pode representar pela quantidade e qualidade dos reservistas que se preparam em cada anno de instrução.

A manipulação do soldado se consegue trabalhando systematica, methodicamente o homem, do ponto de vista physico, profissional como moral, através da instrução que se lhe ministra, os cuidados administrativos de que o cercam e o regimen disciplinar a que o sujeitam.

Deante desse esforço, sente-se bem que, se o OFFICIAL MEDICO actúa simplesmente de sua formação sanitaria, fal-o apenas como medico, num consultorio qualquer. Nesse caso distinguem-se facilmente duas entidades oppostas para dizer-se a verdade — as Cias. de um lado, de outro a formação sanitaria. Ha juxtaposição, não existe conjugação. Fomenta-se mesmo a noção perniciosa de que os interesses do official medico divergem do que devem ter os officiaes das Cias.

No entanto, o official medico, como o official de Infantaria, não têm senão o mesmo objectivo que se pode resumir em dar efficiencia ás unidades de Infantaria, actuando de perto e constantemente sobre os homens que as constituem.

Com effeito, no triplice aspecto que o commando da Cia. comporta na instrução, na administração como na disciplina — ha larga margem para o OFFICIAL DE INFANTARIA e o OFFICIAL MEDICO, intervirem no rendimento physico dos homens e, desse modo, em beneficio de seu estado moral.

Quanto á instrução, a instrução geral consigna noções de hygiene e algumas de primeiros socorros, além dos preceitos de asseio corporal e limpeza. Sobretudo, existe a instrução physica a cujos processos se deve a reabilitação physica de muitos de nossos patricios e que, como veremos, não prescinde do official medico dobrando o official instructor.

Administrativamente, ha a regular-se pequenas questões de prophylaxia, como sejam a escolha e aquisição de desinfectantes e insecticidas para o bom estado de asseio dos alojamentos e conservação do fardamento, equipamento e boa parte do material de acampamento, guardados na arrecadação, bem como de preventivos contra as molestias venereas e sua utilização.

Finalmente, quanto ao ponto de vista disciplinar, ha as questões atinentes á policia sanitaria, se assim pode dizer-se, da qual deve resultar bons habitos de hygiene e certo controle sobre a vida dos homens.

Tudo isso, tão harmonioso em simples palavras, como as que vos dirijo, que de difficuldades

apresenta no terreno da pratica, notadamente se attentarmos para a multiplicidade de affazeres e responsabilidades de um emt. de Cia.; Muito melhor que eu, podeis ajuizar da somma de energias que tudo isso exige dos vossos camaradas de Infantaria, que queiram ser honestos no cumprimento de seus deveres. Muito bem podeis ajuizar do que pode representar para uma companhia de Infantaria a assistencia, não direi do medico mas do OFFICIAL MEDICO, do medico afinado pelo mesmo diapasão do OFFICIAL DE INFANTARIA — encarando o HOMEM COMO A ARMA POR EXCELENCIA DA INFANTARIA E A CIA. COMO USINA ONDE SE FORJA O HOMEM COMO INSTRUMENTO DE GUERRA.

Considerados em conjunto os aspectos administrativos e disciplinares aqui respigados, os arts. 147 e 155 do Regulamento S. S. em tempo de paz, dizem bastante, quando prescrevem a REVISTA SANITARIA MENSAL, o EXAME DOS LICENCIADOS ou PERMISSIONARIOS POR MAIS DE DOIS DIAS ANTES DE PARTIREM E AO REGRESSAREM, a VISITA E FISCALIZAÇÃO DO MEDICO CHEFE, SOB O PONTO DE VISTA HYGIENICO, DE TODAS AS DEPENDENCIAS DO QUARTEL.

Tudo mais está também sabiamente previsto nos regulamentos, mas, meus senhores, a assistencia de que vos fallei não deve limitar-se á letra dos regulamentos. No seu espirito, no que se pode ler em suas entrelinhas, é que está o thesouro de compensações providas do cumprimento do dever, levado aos seus menores detalhes sob a forma de dedicação ao serviço. O official que se limita á parte legivel dos textos regulamentares, que cumpre apenas a letra dos regulamentos, não é digno de suas funções, falta-lhe o espirito que tudo vivifica tal como na feliz expressão evangelica.

* * *

Das questões que vimos tratando, digo-vos com algum conhecimento de causa, por isso que, presentemente, tenho a honra de commandar uma Cia. de Infantaria.

O Capitão Dr. Candido Ribeiro, medico-chefe em meu Regimento — que com sua presença aqui, quiz dar-me, gentilmente, mais uma prova de sua preciosa collaboração — pode testemunhar o carinho com que vimos ensaiando o TRABALHO EM COMMUN pela saúde e energia physica dos homens que me estão confiados.

Tanto quanto as circunstancias o permittem, tenho tido o prazer de vel-o entre meus homens durante as sessões de instrução physica, todos apenas de calção, podendo o official medico olhar-lhes frequentemente a pelle e a conformação physica e até auscultar-os em pleno ar livre. E os signaes de sua continuada assistencia lá estão nos cartazes sobre prophylaxia affixados nas dependencias da Cia., no estado de asseio das camas regularmente expurgadas, bem como nos casos de verminose e certas manifestações syphiliticas, que, TRABALHANDO EM COMMUN, temos reduzido sem que seus portadores fossem á formação sanitaria senão para medicar-se.

Do mesmo modo, tenho contado sempre com o seu zelo nos exames medicos trimestraes, exigidos pelo regulamento de instrução physica.

Ainda agora, estamos entendidos sobre uma palestra que fará ás praças da Cia. sobre a prophylaxia das molestias venereas que, no momento, é a praga que assalta os homens.

Inversamente, poderá o Capitão Dr. Candido Ribeiro informar-vos das vezes que pessoalmente levo meus homens doentes ao seu exame, prestando-lhe as informações que o conhecimento dos mesmos me inspira ou traduzindo, por melhor conhecê-los, as informações que dão sobre seus males, e de como procuro acompanhar-lhes o tratamento.

Com essa digressão, aproveito-me da oportunidade para, de publico, agradecer-lhe todas as attentões que concede á minha Cia.

* *

Do conjunto de pontos de contacto entre o OFFICIAL MEDICO e o OFFICIAL DE INFANTARIA na manipulação do infante tal como deve ser — um homem forte de corpo e de alma — devo insistir sobre um dos que melhor autoriza a these que nos entretém: — quero referir-me á COLLABORAÇÃO DO OFFICIAL MEDICO NO RENDIMENTO DA INSTRUÇÃO PHYSICA.

A instrução physica — como facilmente se pode comprehender — é a pedra de toque da formação do soldado de Infantaria. E' a fonte da energia e da saúde, do equilibrio moral e do bom humor, onde diariamente os homens se reconfortam dos mil pequenos sacrificios que a vida e a actividade da caserna, lhes impõem onde, no treinamento progressivo, vão buscar novas resistencias á fadiga manifestada sob todos os seus multiplos e insidiosos aspectos, e, principalmente, apurar, cada vez mais suas aptidões physicas.

O nosso actual regulamento de instrução physica está calcado no methodo Herbert, sem duvida o mais racional e completo dos methodos de treinamento physico. Constitue verdadeiro systema de educação physica, considerado o criterio scientifico em que estabelece os seus processos.

Nelle distingue-se, nitidamente, o TREINAMENTO PHYSICO DO HOMEM, que é a instrução physica propriamente dita do TREINAMENTO PHYSICO DO SOLDADO que chama de adaptação ás especialidades (esgrima, lançamento de granadas, treinamento dos fuzileiros, etc.)

Essa particularidade, por si só, recommenda-o sobremaneira. De um lado estão as condições physicas precarias de grande parte dos individuos annualmente incorporados, exigindo as mais das vezes fazer-se na caserna, parallelamente, se assim pode dizer-se, O HOMEM e O SOLDADO. São, assim inestimaveis os serviços que presta. De outro, assegura-nos excellentemente meio de REAGIR SOBRE A PROPRIA FONTE DE RECRUTAMENTO, por intermedio dos homens licenciados que, ao mesmo tempo que restaurados physicamente, levam consigo processos communs de educação physica que nada têm com o "metier" do combatente.

O cunho racional de seus processos se esmaça na espontaneidade dos exercícios e na organização das lições.

Quanto aos exercícios, não se trata senão de systematizar as aptidões naturais do homem para os actos correntes de sua actividade physica — MARCHAR, TREPAR, SALTAR, SUSPENDER e CARREGAR, CORRER, ARRESSAR, LUCTAR.

Além disso ha os jogos (pequenos e grandes jogos, jogos desportivos) que divertem tanto quanto desenvolvem o golpe de vista e a agilidade, o sangue frio e o espirito de solidariedade.

Quanto á organização das lições, basta dizer-se que a lição completa deve ser CONTINUA, ALTERNADA, GRADUAL, ATTRAENTE, e DISCIPLINADA, comportando uma LIÇÃO PREPARATORIA (evoluções, flexionamentos, exercicios assymetricos e respiratorios) capaz de predispor ao esforço da LIÇÃO PROPRAMENTE DITA em que se ministram exercicios dos sete typos já mencionados, inclusive um exercicio educativo ou uma applicação, qual, por sua vez, termina pela VOLTA A' ALMA (marcha lenta com exercicios respiratorios, marchas com assobio e canto, evoluções).

Mas, sobretudo, o que recommenda decisiivamente o methodo, tanto quanto o regulamento que nelle se baseia, é o criterio scientifico que fundamenta.

Esse criterio pode traduzir-se na DETERMINAÇÃO DO VALOR PHYSICO DOS INDIVIDUOS, NA DOSAGEM DOS ESFORÇOS MEDIDOS A CADA GRUPO HOMOGENEO E INSTRUENDOS E NO CONTROLE PERIODICO DOS RESULTADOS DA INSTRUÇÃO.

Para attender-se a essa triplice exigencia, estabelece o Regulamento de Instrução Physica os EXAMES MEDICOS e os EXAMES PHYSICOS, aquelles da attribuição dos OFFICIAES MEDICOS, estes dos OFFICIAES INSTRUTORES, ficando, porém, bem entendido que deve haver estreita intelligencia entre ambos, isto é, que o rendimento da instrução vai depender de judicioso accordo de vistas do OFFICIAL INSTRUCTOR e do OFFICIAL MEDICO.

O primeiro EXAME MEDICO deve ser feito logo após a incorporação e consiste em rigorosa inspecção feita antes de iniciada a instrução. Delle resulta a classificação dos homens em NORMAES e POUPADOS.

Ao passo que os NORMAES recebem desde logo lições para FRACOS, aos POUPADOS ministram-se-lhes lições especiaes, que consistem em simples flexionamentos, certos exercicios educativos (mediante accordo com o medico) e pequenos jogos, judiciosamente escolhidos.

O exame medico regista as indicações physiologicas e pathologicas que possam influir no julgamento physico de cada homem e que assegurem ajuizar, depois dos progressos experimentados com a applicação dos processos de instrução physica.

Ainda, estabelece uma ficha anthropometrica completa (peso, altura, perimetro abdominal thoraxico, capacidade pulmonar, perimetro dos membros, força das mãos, tracção dos bra-

ços e dos musculos lombares e dorsaes, etc. capacidade visual, audição, estado dos pés, etc.)

Os dados numericos conseguidos permitem, pela applicação de um indice de robustez (entre nós está admittido o de PIGNET), chegar a um julgamento approximado da capacidade physica dos individuos.

Quanto á inspecção, propriamente, versará sobre o exame do coração e dos pulmões além de outras pesquisas sobre defeitos congenitos ou adquiridos (hernias, varices, fracturas, etc.); antecedentes pathologicos (tuberculose, syphilis, paludismo, verminose, alcoolismos) e a permeabilidade das vias respiratorias (polypos nasaes, hypertrophia de amygdalas).

Com esses dados é que se determina a constituição de cada homem e se devem justificar as indicações apresentadas ao instructor.

O EXAME PHYSICO é o complemento indispensavel para a determinação do VALOR PHYSICO dos homens. Todos são sujeitos a elle, excepto os POUPADOS para os quaes o medico contra-indique a execução das provas.

Por meio do EXAME PHYSICO é que se classificam os homens. Resume-se num conjunto de oito provas (corrida de 100 e 1.000 metros, salto em altura com impulso, idem em largura, arremessar o peso, trepar, levantar halteres, nadar) a cujos indices os homens devem satisfazer segundo sejam FORTES, MEDIOS ou FRACOS. A organização dessas provas traduzem bem a finalidade do methodo, como sendo o treinamento physico integral, o equilibrio das possibilidades physicas do individuo, de nada valendo resultados singulares por magnificos que sejam.

E' assim que se vêem homens robustos classificados como medios, justamente porque têm o systema muscular trabalhado, mas, qualquer das grandes funções, a respiração por exemplo, em condições precarias, o que não lhes permittiu attingir o indice para FORTES da corrida de 1.000 metros, digamos.

O PRIMEIRO EXAME PHYSICO realiza-se um mez após o inicio da instrução. A titulo de adaptação, todos os homens durante essas quatro semanas recebem lições para FRACOS com as restricções a que já referi quanto aos POUPADOS.

Tanto o exame medico como o exame physico, devem, entretanto, repetir-se cada trimestre como o meio seguro de verificação dos resultados conseguidos e de assegurar-se periodico reajustamento do OFFICIAL MEDICO e do OFFICIAL INSTRUCTOR.

Mas, não se julgue que a actuação do OFFICIAL MEDICO se restrinja ao exame medico inicial e á sua reproducção em cada trimestre com os fins já alludidos. Deve ainda o OFFICIAL MEDICO, durante os periodos de instrução intermediarios, activar-se de mais em mais de modo a melhor sentir as modificações experimentadas pelo physico de cada homem, sempre que possível, entendendo-se com o official instructor, sobre os cuidados especiaes a dispensar aos homens que delles careçam.

Não ha duvida que a Instrução physica é a cupula de todos os esforços, em collaboração, que o OFFICIAL DE INFANTARIA necessita

da parte do OFFICIAL MEDICO, para o cabal desempenho de suas funções.

No caso particular da nossa Infantaria, então, essa evidência se mostra em verdadeira grandeza se attentarmos para as condições físicas das fontes de recrutamento, sejam as populações das cidades, ruraes ou campestinas, a insuficiência de pessoal especializado nesse ramo de instrução e de material a elle apropriado.

Tomando o caso concreto de minha Cia. — excellente porque se trata de uma Cia. como outra qualquer, sem nada de especial que a distinga das demais — e composta de elementos os mais variados, recrutados no Districto Federal, (zona urbana e rural) em VICTORIA, pequena capital littoranea, bem como no interior dos Estados do Espirito Santo e Rio de Janeiro — pode-se estimar, muito approximadamente, não só o valor physico dos contingentes como da importancia pratica dos PROCESSOS DE INSTRUÇÃO PHYSICA.

Quanto aos EXAMES MEDICOS, o primeiro nos deu, sobre 80 homens, inclusive sargentos e graduados, quatro POUPADOS (recrutados), em consequencia de desordens no coração.

Os 2.º e 3.º exames já realizados mantiveram sobre 70 homens o mesmo numero de POUPADOS sendo de notar que o effectivo baixou devido ao regime do licenciamento, mas tres voluntarios recém-incorporados foram ao exame.

Quanto aos exames PHYSICOS, o primeiro, nos deu os 80 homens todos como FRACOS; o segundo accusou sobre 70 homens (inclusive os tres recém-incorporados) — FRACOS 3 FORTES e 2 MEDIOS; o terceiro sobre esses mesmos 70 homens accusou 2 FORTES (menos um) e 4 MEDIOS (mais dois).

O FORTE que se perdeu, deve-se á prova de lançamento de peso, cujo indice não foi satisfeito. O portador do titulo é o sargento-furriel da Cia., cujas obrigações não lhe asseguraram a necessaria frequencia á instrução. Quanto aos MEDIOS, poder-se-ia ter conseguido cinco, se um dos examinandos não tivesse perdido o indice de TREPAR NA BARRA, aliás, a "barreira" da classificação dos MEDIOS e FORTES, devido á carencia de material e consequentes irregularidades desse treinamento.

Essa oscillação no julgamento do valor physico dos individuos é a contra-prova da importancia dos processos, como verdadeira doutrina de educação physica. E' a melhor maneira de mostrar aos homens que ou se treinam ou perdem o valor physico adquirido ou, ainda, que a integridade physica do homem para as necessidades correntes da vida de relação (correr, saltar, lançar, trepar, etc.) exige constante trabalho, para que seja mantida em qualquer momento.

De qualquer modo, porém, ahí tendes sufficientemente esboçado o ponto culminante da colaboração do OFFICIAL MEDICO, na eficiencia das unidades de Infantaria, inclusive porque é na INSTRUÇÃO PHYSICA onde — apesar da apparente opposição entre o medico e o official combatente — o OFFICIAL MEDICO e o OFFICIAL DE INFANTARIA se encontram na divina tarefa de entreter e dirigir a vida de seus semelhantes.

Sim, meus Senhores, nada ha de mais bellamente humano que ter nas mãos a formação do soldado de Infantaria. Comquanto vos tenha fallado NO HOMEM COMO INSTRUMENTO DE GUERRA, NO HOMEM COMO ARMA POR EXCELLENCIA DA INFANTARIA; NA CIA. COMO USINA, NO INCORPORADO COMO MATERIA PRIMA, NO RESERVISTA COMO O PRODUCTO MANUFACTURADO, nunca encarei o soldado como "material humano" na dura expressão germanica. Bem ao contrario disso, o soldado de Infantaria me evoca, sempre que o tenho no pensamento ou estou em sua presença, a sua mãe e a sua esposa, os seus irmãos e os seus filhos, a sua contribuição como homem na riqueza moral e material do paiz, a sua personalidade no mais exacto rigor do termo.

Tal como está concebida, a Instrução Physica representa, com effecto, a pedra angular de todo o edificio da formação do infante-humano, social ou profissionalmente que seja — elle que mais do que o soldado das outras armas, deve realizar o mais perfeito equilibrio das aptidões physicas do homem; elle que é o martyr da fadiga, heroico pigmeu curvado ao peso de sua carga, o pioneiro da victoria do começo ao fim dos combates, elle que, ao mesmo tempo, deve diminuir tanto que se torne o segredo da manoeabilidade das pequenas unidades e tanto crescer que chegue a symbolisar o Exercito e a propria Nação.

* * *

Fôra do dominio da estreita collaboração com o OFFICIAL DE INFANTARIA no ambito da caserna, igualmente larga se mostra a margem para a actuação do OFFICIAL MEDICO em proveito da EFFICIENCIA DAS UNIDADES DE INFANTARIA, por isso que, como qualquer de seus camaradas das armas, deve cuidar da projecção de sua actividade militar no circulo das actividades civis.

Quanto aos quadros das armas essa projecção se processa sob a forma de contribuição por meio de contactos mais ou menos estreitos e de frequencia mais ou menos variavel, segundo as circumstancias.

Os officiaes das armas montadas, particularmente, os da Cavallaria, estimulam nos certamens hippicos, o gosto pelo cavallo, o que praticamente se traduz pelo augmento do numero de proprietarios de cavallos, pela derrota do empirismo na criação e tratamento dos cavallos em favor dos methodos scientificos da zootechnia e da veterinaria, cooperando assim para a melhora dos rebanhos e aprimoramento das aptidões cavalleiras dos cidadãos. Os da Artilharia e Engenharia, particularmente os desta arma, interessam-se pelas questões metallurgicas e pelos explosivos, inclusive pela formação das gerações de artifices. Os de Infantaria, actuam nas sociedades desportivas e nos centros de cultura humana de modo geral, incrementando com o seu interesse e sobretudo com o seu exemplo a cultura physica, o tiro com armas de guerra, o manejo das armas brancas e a cultura civil sobre todas as suas multiplas modalidades.

Quanto aos OFFICIAES MEDICOS a projecção de sua actividade no meio civil dete-

assumir nitidamente o caracter de verdadeira cooperação, com relação a todas as manifestações de trabalho de seus collegas civis, quer se trate de academias, institutos de pesquisas ou fundações philanthropicas.

As abertas para o meio social são numerosas e tudo está primeiro em reconhecê-las, depois em saber explorá-las.

Quanto aos quadros das armas, os certamente, as visitas, as viagens, os estagios, o serviço de ligação e muitos outros meios, são dos melhores recursos para se effectivar, facilmente, e transbordamento da actividade militar sobre o meio civil.

Quanto ao quadro do S. S., dispõe elle ainda de meios mais espontaneos se quizer estabelecer relações regulares, systematicas de suas formações com o aparelhamento medico civil, informando-o das necessidades militares que pôde attender e valendo-se delle para completar o seu proprio aparelhamento.

E' da essencia dos Estados modernos e, em consequencia dos modernos Exercitos, não poderem bastar-se a si mesmos, sob pena de falhar a comezinha regra de economia politica. Seria pueril — e por isso a muitos titulos estamos deveras atrasados — pretender-se que órgãos estritamente militares possam manter-se á altura de seus fins, sem graves prejuizos para sua efficiencia e pesados onus para os coires publicos, desde que se despercebam das possibilidades do meio ambiente. Não só esses órgãos devem ir ao encontro de influencias exteriores, como admittir a cooperação de seus congenereos civis.

Qual a Fabrica Militar capaz de manter-se isenta do regimen deficitario, economica ou financeiramente, se sua produção não for industrializada, se não appellar para a clientela civil e do meio civil não receber os necessarios apoios em mão de obra, machinarias e materia prima?

E é nesse exemplo, escolhido a proposito por sua evidencia, que nos devemos inapirar, tanto mais que o nosso producto — o homem valido, treinado e sadio — não comporta, do ponto de vista humano como civico a idéa deficitaria.

E, não nos esqueçamos, mais forte que todas as razões existe a da mobilização que, como sabeis, significa toda a nação prompta para assegurar por todos os meios ao seu alcance, a propria sobrevivencia.

Desde as formações sanitarias elementares que se pôde começar a soldagem, na paz, do que deve ser um só bloco na guerra, se valer-nos das instituições civis de caracter prophylatico com sua immensa rede de postos e ambulorios que hoje, felizmente, vão balizando fartamente o caminho da saúde. E para os aparelhos mais importantes não faltam pontos de fixação a escolher-se dentre as muitas realizações que já se contam, como sanatorios, academias, institutos, etc., no circulo mais vasto da actividade civil.

Actualmente nem mesmo nos faltam, guias seguros para o estabelecimento dessas correntes de cooperação.

Ahi temos os quadros de reserva, crescendo a olhos vistos, e, digamos a verdade, com elementos dos melhores do meio civil, especialmente se considerarmos o quadro do S. S.

Em principio, pode dizer-se que os quadros de reserva, em tempo de paz, encontram na formação dessas correntes a melhor parte de sua razão de existir. Ao passo que o reservista liga ás instituições militares a massa da população, o official de reserva fal-o quanto ás elites e de mil formas differentes.

Tudo está em sabermos aproveitar-nos delles, abolindo descabidos preconceitos, valorizando-lhes a cathegoria, acolhendo-os como dos melhores camaradas, tudo lhes informando de modo a cada vez mais appropriá-los ás funcções de seus postos.

Os officiaes de reserva do S. S., notadamente, representam, nesse particular, inestimavel força de projecção, em nada comparavel com os dos quadros das armas, principalmente porque contam por seu proprio valor como profissionais e tanto mais se catalisam como especialistas, de cujas necessidades as formações do S. S., em tempo de paz e principalmente na guerra, sabeis melhor que eu.

* * *

Ahi tendes, meus senhores, como vejo o problema da COLLABORAÇÃO DO OFFICIAL MEDICO NA EFFICIENCIA DAS UNIDADES DE INFANTARIA, seja collaborando com o official de Infantaria para fazer-se do homem um infante, seja entrando em franca cooperação com o meio medico civil de modo a melhor assistir o homem incorporado ou a incorporar.

E' certo que não vos disse nenhuma novidade, tendo apenas prestado o meu depoimento como o mais modesto dos infantes, fornecido em documento a mais dos muitos que sobre o assumpto devem ter estado sob vossas vistas.

E restringi de muito o nosso thema, por isso que não tratei da questão da manutença da efficiencia das unidades de Infantaria quando corroidas pelas mil causas que as deterioram no combate, ainda, nesse caso, muito nas mãos do OFFICIAL MEDICO, na organização e funcionamento do S. S. de onde resultam as melhores energias moraes para os combatentes, e com os recuperados, a melhor satisfação para os quadros que têm a honra de commandá-los.

Não quero terminar porém sem vos assinalar que nós, OFFICIAES DE INFANTARIA e OFFICIAES MEDICOS, estamos no limiar de esplendida jornada de colaboração — a generalização da cultura physica pelos processos em vigor nos corpos de tropa, verdadeira campanha civica devida a S. Excia., o Senhor General Ministro da Guerra.

Chega enfim o momento em que nosso trabalho em commun vai attingir em cheio, directamente, as proprias fontes de recrutamento, em que a colaboração do OFFICIAL MEDICO não mais será indirecta, se vista extramuros dos quartéis. Embora, essa campanha comporte o esforço de todos os brasileiros de boa vontade, e muitos officiaes das outras armas se tenham dedicado, preferencialmente, á instrucção physica,

A actividade da Aviação Militar Argentina

Com o título "Os aviadores militares effectuaram uma serie de importantes vôos de efficiencia no ultimo periodo de trabalho", "El Diario" de Buenos Ayres publica a seguinte nota, que **data venia**, divulgamos:

E' digna de nota a intensa actividade que ultimamente vem desenvolvendo o pessoal navegante da base aeromilitar de El Palomar, com o duplo fim de treinamento e de provar praticamente a excellencia do combustivel de produção nacional.

Empregou-se nos diversos **raids** de distancia, de duração e de altura o material adquirido pela commissão de armamentos, cada qual de accordo com sua finalidade. Assim foi que os sesquiplanos Breguet XIX com motor Lorraine Dietrich de 450 C. V. foram utilizados nos **raids** e os monoplanos Dewoitine, com motor Hispanos Suiza de 500 C. V., nos vôos de altura.

O inicio e o principal desenvolvimento dessas provas se devem ao trabalho do então comandante do primeiro Grupo de Observação major Antonio Parodi, uma das figuras mais competentes de nossa quinta arma.

Damos em seguida uma lista synthetica dos principais vôos realizados dentro do paiz.

VÔOS COM ESCALAS

— Palomas, Porto Militar, Palomas, em 8 horas e 50 minutos de vôo effectivo, pelo tenente Luiz J. Ganamendy, em Março de 1928.

— Palomas, Bahia Blanca, Trelew, Rawson, Trelew, B. Blanca, Palomas, em 20 horas e 15 minutos, pelo tenente Carlos Manni, em Julho do mesmo anno.

— Palomas, Tucuman, Palmas, em 14 horas e 20 minutos, pelo primeiro tenente Cesar Bossich, em Junho.

— Palomas, Paraná, Basail (Chaco) Mendoza em 8 horas e 15 minutos por uma esquadilha de 3 aviões pilotados pelo tenente-coronel Pedro Zanni e tenentes Justos Ossorio Arana e Martin R. Cairó.

— Palomas, Paraná, Basail (Chaco) Kilometro 120 (La Forestal), Resistencia, Paraná, Palomas, em 23 horas e 40 minutos, pelo sargento José H. Rodrigues, em avião Junkers F. 13, em Setembro.

— Palomas, Bahia Blanca, Palomas, em 7

horas e 25 minutos, pelo sargento Rafael Rivero, em Setembro.

— Palomas, Córdoba, Palomas, em 9 horas e 15 minutos, pelo tenente Alberto Uria Daquerre; em 10 horas e 30 minutos, pelo tenente Cesar Bossich, em Setembro.

— Palomas, Villa Dolores, Palomas, em 11 horas e 30 minutos pelo sargento Heriberto Bonfiglioli, em Setembro.

— Palomas, Bahia Blanca, Palomas, em 9 horas e 40 minutos, pelo tenente Luiz J. Ganamendy.

— Palomas, Córdoba, Villa Maria Catamarca, Córdoba, Palomas, em 16 horas e 20 minutos, pelo tenente Héctor Grisolia, em Dezembro.

Todos estes vôos, exceptuado o quinto, foram effectuados em aviões Breguet, levando observadores.

VÔOS SEM ESCALA

— Palomas, Mendoza, em 6 horas e 55 minutos, pelo tenente Bartholomeu Malatestas, em Setembro.

— Palomas, San Rafael, Palomas, em 12 horas e 40 minutos, pelo tenente Juan Elies, em Outubro.

— Palomas, San Rafael, Palomas em 12 horas e 10 minutos pelo tenente Ernesto Nazarré, em Dezembro.

— Palomas, Córdoba, Palomas, em 11 horas e 25 minutos, pelo tenente Ruben Barros, em janeiro do anno corrente.

— Palomas, Carhué, Gazeon, Vedma, Bahia Blanca, Palomas, em 13 horas e 30 minutos, pelo tenente Carlos Manni, em Janeiro.

— Palomas, Carhué, Bahia Blanca Mar del Plata, Palomas, em 1 hora e 40 minutos, pelo tenente Luiz J. Ganamendy, em Fevereiro.

— Palomas, Neuquén, Palomas, (record) em 14 horas, pelo tenente Edmundo Sustaita, em Abril do corrente anno.

VÔOS DE ALTURA

Effectuaram-se diversos, batendo o record militar o tenente Claudio Mejica, com um monoplane Denoitine de 500 C. V. Elevou-se a 7.900 metros, como é já sabido.

é certo que no mais acceso da campanha a massa dos lidadores seja fortemente representada pelo official de Infantaria, pelo joven Tenente a eterna alma dos exercitos, pela generosidade de seus impulsos e gallardia de suas attitudes.

Certamente que vindes acompanhando os primeiros lances dessa jornada, quer através das magnificas demonstrações da Escola de Sargentos de Infantaria, quer de convocação para estagio, nessa Escola, de professores publicos, sargentos instructores de Tiros de Guerra e Escolas de Instrução Militar e, ultimamente, de alguns officiaes dos quadros das armas como do quadro do S. S.

E', pois, tempo de alertar vossos espiritos nos assumptos que se prendem a tão alevantada campanha que, não irá a bom termo se a vossa reconhecida intelligencia, saber e dedicação ao serviço mais uma vez não se mostrarem á altura das magnificas tradições de nosso corpo medico militar.

Terminando rendo minhas homenagens a S. Excia. o Sr. General Dr. Marlan, a cuja alma de verdadeiro soldado, habilmente filtrada através das suas excellentes lições sobre organização e funcionamento do S. S. na Escola do Estado-Maior, devo, sem nenhuma duvida, a nova luz sob a qual passei a ver o OFFICIAL MEDICO

Corrector de rumos Gago Coutinho

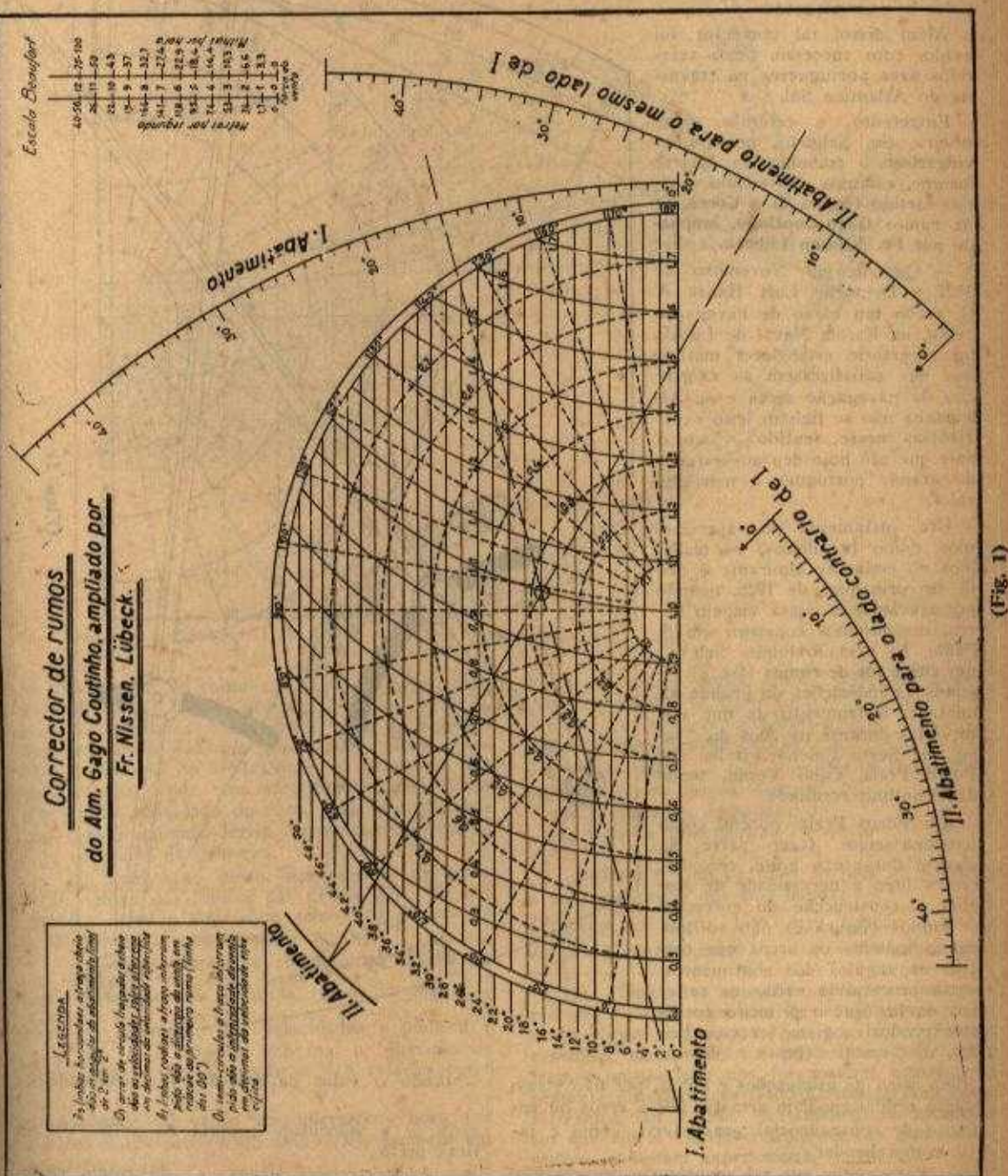
Pelo Major NEWTON BRAGA

Gentilmente offerecida pelo illustre Almirante Gago Coutinho, nosso eminente amigo, glória da aviação portugueza, recebemos a revista "DO AR", publicada em Lisboa — 15 de Novembro de 1928 — Anno I, n. 2

Ao par de varios assumptos sobre aviação,

deparamos com um trabalho do Sr. Engenheiro Salgado sobre navegação aerea, em que o mesmo senhor reproduz o principio e indicações sobre a construção do corrector de rumos do grande navegador do **Luzitania**.

Não dá, porém, os detalhes da applicação.



como fizera Sacadura Cabral à "Comissão Técnica (5ª questão) do Primeiro Congresso de Navegação Aérea", reunido em Paris de 15 a 25 de Novembro de 1921, detalhes que foram publicados nos "Rapports" do referido congresso, sob a designação de "Corrector de rumos Cortinão Sacadura (Paris 1921)".

Tornou-se, portanto, um assumpto de conhecimento mundial, pelo menos para quem acompanha o desenvolvimento da aviação em todos os seus aspectos.

Além disso, tal corrector foi usado, com successo, pelos referidos azes portugueses na travessia do Atlantico Sul.

Entretanto, o referido engenheiro, Sr. Salgado, procurando vulgarisar o trabalho do Mestre insigne, estampa, illustrando o citado artigo (figura 1) o **Corrector de rumos Gago-Cortinão, ampliado por Fr. Niessen Lübeck**, e diz:

— "Quando em Novembro de 1927 a Deutsche Luft Hansa A. G. creou um curso de navegação aérea, na Escola Naval de Lübeck, foi necessario estabelecer methodos que satisfizessem as exigencias da navegação aérea e na Alemanha não se tinham feito experiencias nesse sentido... unico paiz que até hoje deu aos estudos do grande portuguez o merecido valor.

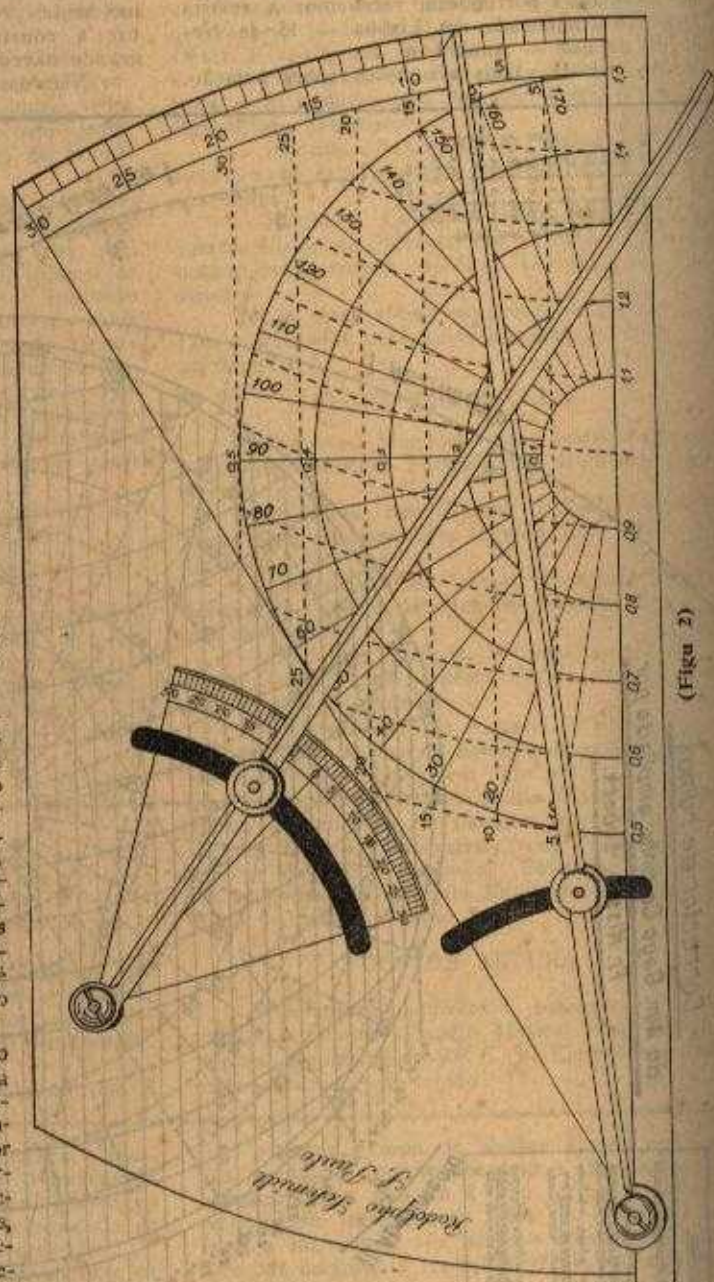
Ora, justamente por apreciarmos, como brasileiros, os trabalhos do eminente almirante é que já em principios de 1926, quando preparavamos a nossa viagem aérea, mandamos construir em S. Paulo, na casa Rodolpho Schmidt, um **corrector de rumos** (fig. 2) segundo as indicações do grande almirante, instrumento de que nos servimos durante os vôos do "Jahu" de Sesto Calende, Italia, até Porto Praia, Cabo Verde, tendo dado optimo resultado.

Em Porto Praia, porém, como tencionassemos fazer parte da viagem durante a noite, reconhecemos logo a necessidade de ampliar a construção do corrector de rumos (figura 2) não só tornando maiores os arcos que medem os angulos dos abatimentos, como procurando evitar os reflexos da luz que o primeiro corrector produzia, visto ser construido de metal (prata allemã).

Além disso, as graduações e linhas, por não serem muito nitidas, podiam arrastar-nos á erros ou enganos de consequencias gravissimas, como é facil comprehender.

Para evitar que tal acontecesse, imaginamos

e construimos um novo modelo de **corrector** (figura 3) em **contraplaqué** ou laminado de madeira, tendo 0.m250 por 0.m205 e sobre esta linha collocamos a folha com as graduações convenientemente calculadas e desenhadas. Os sectores das derivas e as differentes direcções dos ventos, de 5º em 5º, bem como os semi-circulos repre-



(Fig. 2)

entando o valor da relação $\frac{V}{v}$ (velocidade do vento v e velocidade propria do avião V) em tinta preta.

As correcções finais: a) do rumo, regre-

sentadas pelas paralelas quadradas de 5 a 30 graus, e b) da velocidade, pelos arcos tangentes aos semi-círculos de relação $\frac{V}{V}$, em pontilhado

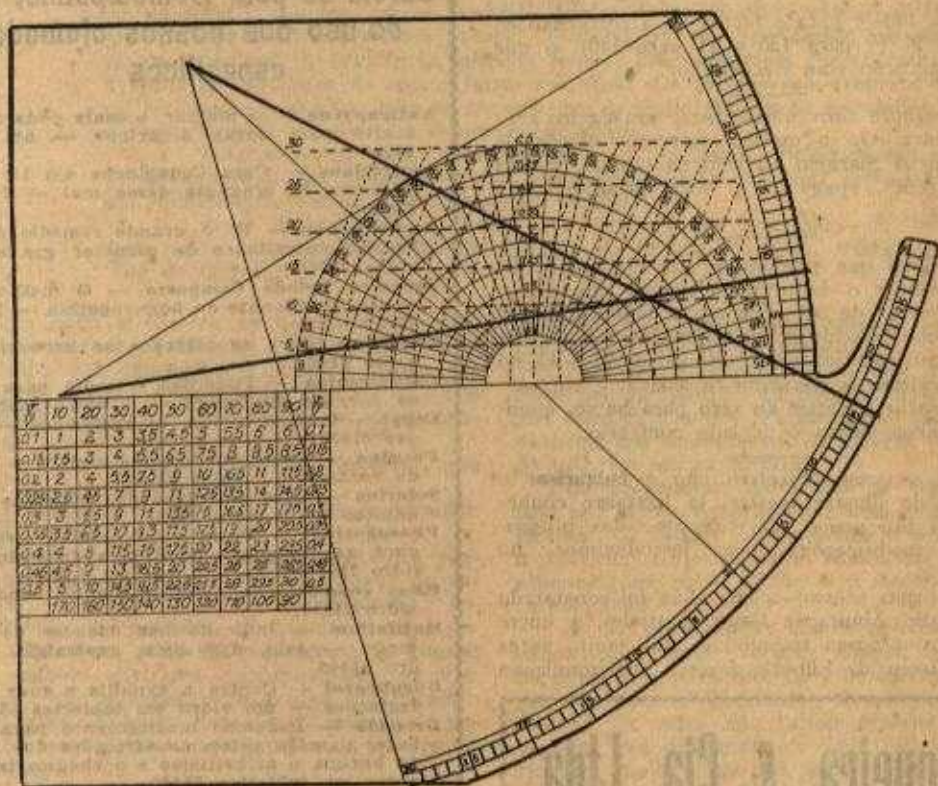
e vermelho.

Em lugar de ponteiros, para obter o cruzamento das duas derivas, empregamos dois fios de seda; um correspondendo á primeira deriva

Esta tabella serve para evitar erros ou enganos grosseiros nas leituras feitas no corrector, por uma simples comparação entre os elementos respectivos, predominando sempre a leitura do corrector.

Assim, por exemplo (1), sejam:

Velocidade própria do avião. 160, kmo. (Bad'n)



(Fig. 3)

ou abatimento no rumo em que se navega, com a amplitude de 0 a 30 graus, e o outro, servindo para os segundos abatimentos, isto é, aquelles que marcamos em um novo rumo, que obtemos sommando ou subtraindo 45 graus ao primeiro rumo, tendo uma amplitude de 60°, trinta graus para cada lado do zero, para se poder entrar com a segunda deriva do mesmo lado ou de lado contrario da primeira.

Na applicação deste instrumento, os erros estão dentro dos limites das necessidades da navegação aerea e dependem sobretudo da pratica e habilidade na observação.

Na nossa ampliação, vê-se uma tabella ao lado, calculada pela formula $\sin d = \sin \alpha \frac{v}{V}$ tirada do triangulo das velocidades e onde d é a deriva, α o angulo que faz a direcção de vento com a rota a seguir e V a relação entre

a velocidade do vento em kilometros hora (v) e a velocidade própria do avião (V), tambem em kilometros hora.

Primeiro rumo seguido..... 224° (Bussola)
Primeira deriva (diminue o rumo, é preciso sommar) + 8°
Segundo rumo (guinar para o vento + 45°) 224 = 45 + 269°
Segunda deriva (ainda diminua o rumo ou é do mesmo lado da primeira) . . + 16

Entremos com os duas derivas no corrector e no cruzamento dos fios lemos:

Direcção do vento 145° (em relação a prôa)
Força do vento 0,3x160. . . = 48 km. por hora.

(1) Todas as questões technicas sobre o vôo do "Jahú", constam de nosso livro prompto ha algum tempo, mas que por circunstancias especiaes ainda não foi publicado. Nelle mostramos porque não nos foi possível empregar o sextante do Almirante Gago Coutinho, com quem estivemos em Lisboa, justamente no momento em que elle e Castilhos tratavam do mesmo assumpto e faziam experiencias.

Velocidade real do avião
 160x1.225. = 196 km. por hora
 Direcção real do vento
 145° + 224° = 9°
 Correção de deriva 10°
 Rumo a seguir 224 + 10. . . = 234°

Vejamos a tabella, entrando com a direcção do vento 145° e com o factor 0,3 $\frac{V}{V}$. En-

tre 150° e 1400 e para o factor 0,3 a correcção da deriva é 10 (9 para 150 e 11 para 140), o que está de accordo com o corrector. *

E' sempre conveniente fazer um ligeiro croquis e para isso o mesmo corrector dispõe de uma pequena margem ao lado da tabella. Feitas as correcções, apaga-se e está prompto para outra vez.

O signal que predomina nas correcções finais é sempre o da primeira deriva, que é medida no sector de 30°. Quando a segunda deriva é do mesmo lado da primeira, mede-se no sector de 60° graus, mas na parte que vai de 0° a 30, no mesmo sentido do da primeira deriva, e em sentido contrario, a partir do zero para baixo, quando a segunda deriva é de lado contrario.

Mas o nosso objectivo não é vulgarisar o corrector do illustre mestre, já bastante conhecido, nem tão pouco fazer reclame das insignificantes modificações que introduzimos no mesmo.

E' apenas provar—o que aliás foi constatado pelo proprio Almirante Gago Coutinho, a quem mostramos o nosso trabalho — que muito antes do Sr. Nissen, de Lübeck, fazer a sua ampliação

Junqueira & Cia. Ltda.

(Terrenos e predios á vista e em prestações)

Rua da Quitanda n. 113

RIO DE JANEIRO

TELEPHONE — NORTE 7253

Comprar um terreno é segurar, é valorisar as proprias economias.

As guerras, as revoluções, os máus governos desvalorizam tudo, menos os terrenos que sempre augmentam de valor.

TERRENOS EM TODOS OS BAIRROS:

Catete, Gloria, Tijuca, Engenho de Dentro, Irajá, Sapé e Colégio

de figura 1. em principio de 1928, nós já tínhamos feito e empregado em 1926. Comparando-se as duas figuras 1 e 3 vê-se a notavel coincidência dos dois instrumentos.

No Brasil, houve, portanto, quem se interessasse e ainda se interesse pelos trabalhos do glorioso Almirante.

Curem-se pela Homoeopathia, fazendo uso dos nossos afamados especificos

Antipapirus — o melhor, o mais poderoso remédio para curar a gripe — um vidro 2\$000.

Antiferinus — Cura Coqueluche em 15 dias e preserva as crianças desse mal — 1 vidro 2\$000.

Angustarium — E' o grande remédio das infecções intestinaes de caracter grave — 1 vidro 2\$000.

Arsenico Iodado Composto — O melhor e o maior fortificante da homoeopathia — 1 vidro 3\$000.

Vitrus — Cura as tosse e as bronchites — 1 vidro 2\$000.

Cardusmaria — Poderoso remédio para curar as doenças do figado — 1 vidro 2\$000.

Cepyl — Cura o coryza, os resfriados — 1 vidro 2\$000.

Purgina — Ideal combinação contra a prisão de ventre — 1 vidro 2\$000.

Solarius — Cura diarrheas das crianças e dos adultos — 1 vidro 2\$000.

Phosphorita — Faria — O melhor remédio para as crianças. Facilita a dentição — 1 vidro 3\$000.

Rhus composto — Cura o rheumatismo — 1 vidro 2\$000.

Matifolium — Indicado nas doenças do estomago — azia, dyspepsia, gastralgia — 1 vidro 3\$000.

Ournbenzol — Contra a syphilis e suas manifestações — um vidro em tablettes 5\$000.

Uriaído — Poderoso medicamento para combater o acido urico, as affecções dos rins e da bexiga, o arthritismo e o rheumatismo — 1 vidro em tablettes 3\$000.

Creme Mediceal de Hamamelis — Preparação scientifica para o embelezamento da pelle, sem substancia gordurosa, indicado nas espinhas, rugas, pannos e manchas de pelle. Pote pequeno 4\$000 — grande 7\$000.

Sabonete de Hamamelis — um 2\$000 — dúzia 20\$000.

Guia de Medicina Homoeopathica de Dr. Nilsa Cairó

A maior parte destes remédios existe também em globulos.

Enviamos pelo correio qualquer medicamento, mediante a remessa da importancia por vale postal.

Loção Curativa de Hamamelis — Feridas, doenças da pelle, queda dos cabellos, etc. — 1 vidro 4\$500.

CORTONICO — Indicado nas doenças da coração — 1 vidro 5\$000.

Hemoeovermil — A mais completa e inofensiva preparação, contra todas as variedades de vermes, oxiuros, ascariidas, necator e outros. — 1 vidro em tablettes, 4\$000 — Dúzia 45\$000.

DE FARIA & C.

Matriz: Rua S. José, 74 - Tel. C. 2247
 Caixa Postal 2564

Filial: Rua Archias Cordeiro, 127 A
 (Meyer) Tel. Jardim 0346
 RIO DE JANEIRO

A motorisação da cavallaria

Pelo Major A. D. VON HARTLIER

(Traducção)

N. R. — Não obstante ser uma questão sobre a qual, entre nós, não podem existir duvidas, certos espiritos ávidos de novidades e cheios de imaginações fogosas, pretendem, muitas vezes, sobrepujar as realidades, creando phantasias perigosas. A cavallaria, victima sempre das conclusões faceis, tem sobrevivendo a todos os vaticínios de morte feitos em vista dos formidaveis recursos industriais da civilização moderna. Ella se transforma, assimila, utiliza as novidades e continúa a cumprir suas missões e a desempenhar novas...

Interessa-nos, pois, o problema da motorisação. Interessa-nos saber como e elle encarado nos países que têm riquissimas rédes de boas estradas, machinas em abundancia, usinas metallurgicas, petroleo, etc.

Hoje offerecemos ao leitor um extracto da traducção do excellente es-tudo sobre o assumpto, do Major Allemão A. D. von Hartlieb, traduzido pela "Revue de Cavalerie."

Terminada a Guerra as opiniões se agitaram em torno da cavallaria: — uns pretendiam substituí-la por caminhões e tanks e outros defendiam a antiga organização das D. C. não obstante acceitarem a introdução de meios proprios ao combate moderno.

Foi posta em ordem do dia a questão, que chegou até aos parlamentos:

— O desenvolvimento da *machina* permite utilisal-a como arma?

Em seu favor allega-se que ella evita perdas, que augmenta a potencia do choque da cavallaria, que transporta rapidamente os combatentes a grandes distancias. No entanto, fala-se em nome da experiencia da guerra muito embora divirjam profundamente as opiniões. E' que a *experiencia* é algo insufficiente e aqui falsa. A longa duração da guerra de posição fez esquecer as experiencias da guerra de movimento.

Veremos agora o estado destas questões em França e na Inglaterra e depois daremos a concepção allemã.

França

O Alto Commando Francez attribue a maior importancia ao problema da motorisação dos meios de transporte. Nesse sentido trabalha-se ali com energia tenaz e exemplar actividade. Estuda-se cuidadosamente se a cavallaria poderá ser reduzida em beneficio de formações motorisadas. Estas idéas são vivamente impulsio-nadas pela situação financeira, pela falta de homens e pelo cuidado de evitar perdas. A *machina* poupa as forças humanas. A cavallaria é extremamente custosa.

A *instrucção* do cavalleiro com o serviço militar reduzido é completamente impossivel.

(Segue-se agora uma exposição das idéas do Gen. Camon publicadas em 1925, sobre a "Motorisation de l'Armée et la manœuvre strategique" e sobre a constituição da divisão leve automovel).

A respeito da substituição da D. C. pela divisão leve automovel considerarei apenas as ac-

cusações mais importantes que o Gen. Camon faz á cavallaria em campanha.

Para nós a experiencia do Gen. von Poseck, feita nas campanhas da Belgica, França e Russia, sobrepuja a dos francezes que são os menos proprios dos combatentes da Guerra para julgar do emprego da cavallaria.

Os progressos das armas de fogo não podem por si sós, desprestigiar uma arma em particular: só podem influir sobre o armamento e a tactica. Hoje nenhum cavalleiro pensa em ataques como os de 1870: — o seu combate faz-se pelo fogo.

Se o Corpo Sordet não se conduziu bem na exploração (donde conclue Camon a inaptidão da cavallaria para este fim) os serviços dos corpos Marwitz e Richthofen demonstram o contrario. "A estes não faltou espirito offensivo, se bem que operando em paiz inimigo, e elles ficaram mais tempo em estado de prestar serviços que o corpo Sordet", diz Poseck em sua obra "La cavalerie Allemande en Belgique et en France en 1914".

As discussões do Gen. Camon sobre a acção da cavallaria allemã no front de Leste são apenas supposições cuja exactidão não está demonstrada.

Não ha duvida que formações de caminhões não podiam cumprir as missões que ali couberam á cavallaria, como explica von Poseck em sua obra a Cavallaria na Lithuania e na Cur-landia em 1915.

Não julgamos necessario insistir na questão do valor combativo da cavallaria.

A idéa de que o cavalleiro se fatiga demasiado com a marcha e os cuidados com o cavallo e sua capacidade de combater decrece fortemente em relação a da infantaria transportada em caminhões, é uma idéa falsa. A marcha a pé após uma longa cavalgada é muitas vezes um exercicio agradável e o combate a pé não soffre em consequencia da fadiga que produza a marcha a cavallo.

Qual é o estado de fadiga do infante transportado em caminhões?

Um longo percurso não é um passeio de recreio e não nos consta que os francezes hajam construido wagons leitos para taes viagens.

Parecem bem fracos os conhecimentos do Gen. Camon sobre a exploração e muito elástica sua concepção da capacidade dos motocyclistas. Nossos automobilistas nos têm prestado assignalados serviços mas de modo algum poderão tomar á sua conta a missão de exploração do cavalleiro.

Toda sua attenção é absorvida pela *machina* e pela *estrada*; elles são surdos e quasi cegos; elles se denunciam desde longe pelo ruido dos motores. **FICAM IMMOBILISADOS FORA DOS BONS CAMINHOS.** Do mesmo modo não podem marchar quando ha *neve* e *geada*.

Se têm de fazer meia volta sobre uma estrada de largura média, esta demora tanto que um atirador inimigo tem tempo de pôr fóra de combate o motorista por uma balla tranquillamente dirigida.

Uma columna automovel occupa grande profundidade. A tropa quasi não fica na mão do chefe.

Unidades de motocyclistas podem se tornar perturbadoras para uma tropa de cavallaria quando são lançadas para a frente para occupação de cortes do terreno e ellas tornam perigoso sobre as estradas o serviço de patrulhas e estafetas. Ellas são boas para o serviço de ligações e de informações de tropas motorizadas e servem mesmo como meio subsidiario para as outras armas.

E' um grave erro dizer-se que "uma columna de caminhões detida por um obstaculo defendido pelo inimigo pode contornal-o" porque raramente a rede de estradas se prestará a isso e porque o inimigo não esperará inactivamente que a columna lhe appareça no dorso.

No que concerne ás possibilidades de emprego da infantaria sobre caminhões, o Gen. Poseck declarou que o estado das estradas actuaes é insufficiente. As estradas da Rhénia foram incrivelmente devastadas só pelos caminhões das tropas de occupação. No correr das manobras francezas de 1924 um destacamento automovel, marchando por uma boa estrada, não pôde chegar em tempo util para o combate, em vista das chuvas. Ha muitos casos de *pannes*.

E' claro que em campanha tudo peora.

Em particular, as pontes muito soffreriam, mesmo sem a intervenção das bombas da aviação inimiga.

Tudo isto prova que a machina será detida em muitos pontos onde só o cavallo pode passar.

Escreve ainda von Poseck: "Os partidarios da motorisação concebem entretanto que o cavalleiro se mova mais facilmente através campo, utilize melhor as cobertas e por consequencia possa se approximar mais do inimigo que o cyclistista ou o automovel. Ao contrario fazem elles notar que um simples fôso pantanoso pôde ser para um destacamento de cavallaria um obstaculo intransponivel. Do mesmo modo se pode enumerar uma serie de obstaculos capazes de deter o automovel e a bicycleta.

Evito fazel-o porque raciocinando assim tiram-se falsas conclusões. Seja, porém, como for o cavallo em terreno variado é um meio de transporte melhor que o auto, o tank ou a bicycleta."

Argumenta-se tambem contra o cavallo com o peso do combustivel. Diz-se que o peso do combustivel para o transporte de 25 infantes é 1/8 menor que o de aveia necessario ao transporte de 25 cavalleiros. Mas este argumento não é pratico. Basta ver que uma panne immobilisa — *tudo pessoal transportado*. De outro lado é mais facil achar na campanha forragem para os cavallos que essencia para os autos. Verdade é que os cavallos fatigam-se, o que não é o caso dos autos... quando estes caminham.

Na batalha de Vîna, setembro de 1915 e nas operações do C. C. von Shemetow na Rumania, em Novembro e Dezembro de 1916, a cavallaria libertou-se facilmente das difficuldades de reabastecimento em forragem (Brandts.).

Von Poseck conclue com uma passagem da "Revue de Cavalerie": — Os Allemães têm feito de sua cavallaria uma arma poderosa para a uma guerra futura, preparando-a para todas as eventualidades do combate."

Outro argumento do Gen. Camon contra as D. C. é que o cavallo se faz cada vez mais raro.

Ora, a *Pferde Interessenten* assignala que apesar das vias ferreas, dos motores e da electricidade, continuam o crescer as necessidades em cavallos, como se vê do quadro abaixo:

EFFECTIVOS EM CAVALLOS:

Na Allemanha:

1913		3.806.704 cavallos	Apezar da diminuição dos cavallos militares e das perdas dos territorios.
1924		3.849.609 "	
1925		3.914.000 "	

Em Berlim:

1922		40.684 cavallos
1924		44.663 "
1925		45.924 "

Preciso tambem é reflectir sobre o facto de que nos Estados Unidos onde ha um automovel para cada 7 habitantes havia em 1926 25.000.000 de cavallos e muars contra 26.000.000, em 1914, portanto apenas accusando uma diminuição de 4%.

O professor doutor Richardsen, de Bonn, diz n'uma obra recente: — "E' fóra de duvida que nossos animaes de tracção, em particular os cavallos, são sempre superiores ás machinas actuaes, as mais aperfeiçoadas, no que se refere á exploração agricola".

A inclinação da França de introduzir tractores na lavoura para utilizal-os no Exército em caso de guerra não tem florescido.

Argumenta-se tambem que o cavallo é mais caro porque consome quando não trabalha. A pratica demonstra, porem, que os que os substituíram por machinas viram seus gastos augmentar de 3 e 4 vezes.

Ha trabalhos agricolas, por ex., seguir um sulco, que precisa apenas de um cavallo, que o tractor não pode fazer. Para os trabalhos nas florestas o cavallo é muito superior ao motor.

Para usar o motor o camponez tem de se fazer mechanico. Nos paizes montanhosos, su-

bre terrenos húmidos e deslisantes, na neve e no gelo, o motor falha muito.

Então, a agricultura só pode dispensar os cavallos em casos particulares.

A conclusão natural no momento é que o cavallo e o motor devem se completar mutuamente.

Voltemos agora á divisão automovel do Gen. Camon, cujas idéas encontram tambem em França uma viva resistencia. Diz o Cmt. d'Arras: — "A cavallaria não repelle a machina, antes a pede. Mas a machina não na pode substituir. Ha infantaria sobre caminhões como ha aviação. Alguns escriptores têm ido demasiado longe em suas proposições".

O Gen. Boullaire mostra tambem com razão que os perigos corridos por uma columna automovel surprehendida são muito maiores que para qualquer outra especie de tropa.

Uma rede de segurança e de exploração não pode ser realizada só por autos.

Em 1925 alguém propõe na *Revue de Cavalerie*, tratando da segurança da divisão motorizada, realizal-a por meio de auto-lagartas cujas necessidades avalia em cerca de 360 para uma divisão. Mas este insiste muito na conservação até lá, das grandes unidades de cavallaria.

Em seu modo de ver enquanto houver cavallos e forragen no campo, não se deve renunciar á cavallaria.

Em Junho de 1926, Audibert demonstra, ainda na *Revue de Cavalerie* que a divisão automovel não podendo prover á propria segurança não tem raio de acção maior que o da cavallaria.

Como se vê, a discussão sobre o valor da cavallaria está agitada em França. Uns crêem que a cavallaria cede logar ás formações motorizadas em seu emprego estrategoico porque ella não pode subsistir ao emprego dos gases. Substituem a D. C. pela divisão leve (tank, autos metralhadoras, artilharia pesada, cyclistas e aviação). Outros pensam que nada mudou quanto ao emprego da cavallaria. Só as condições do combate se modificaram e as D C reforçadas com A. P., A. Metr. e eventualmente tanks podem preencher suas missões. A cavallaria deve sómente adaptar-se ás contingencias novas e no combate pelo fogo marchar parelha com o infantaria. Mas para isso não deve ella transformar-se em infantaria montada e perder sua mobilidade.

No que se refere ao emprego em massa da cavallaria, isto é, o C. C. o Gen. Pétain tomou posição como autor do "C. C. Sordet e Conneau após a experiencia da Grande Guerra".

O regulamento francez prevê a formação eventual dos C. C. constituídos de varias D C e outras unidades.

Quaes são agora os ensinamentos praticos colhidos pelos francezes, da Grande Guerra e de suas manobras?

As noticias de Marrocos indicam que as armas mecanicas mais modernas têm feito fiasco neste theatro de operações difficeis. As lagartas têm mostrado sua impotencia após curta utilização. Todos reclamavam cavallaria, ahi apenas representada por unidades reduzidas.

As manobras de 1922 e 1923 têm mostra-

do que se devia attribuir á mobilidade uma importancia maior que á potencia de fogo. No curso das manobras da 4.^a D C na Rhenania a presença dos destacamentos autos na Vg. foi — muito apreciada. Fez-se resultar que a tomada de contacto, como em todos os tempos, cabe á cavallaria.

A collaboração dos destacamentos com a aviação tambem foi objecto de exercicios. De mais ensaiou-se na ruptura do combate approximar os cavallos o mais possivel dos combatentes.

Do exame das manobras de 1923, no valle do Rhodano em que se estudou o ataque e perseguição de uma D I por uma divisão leve automovel com A. M. C., das unidades sobre auto lagartas, metralhadoras sobre caminhões, artilharia motorizada, resaltou que para os reconhecimentos é necessario dispôr de cavallaria e artilharia a cavallo para poder sobremontrar os obstaculos rapidamente, ser movel em terreno variado e poder executar movimentos envolventes. Os auto-lagartas não se mostraram bastante moveis. Os A. M. C. ficam ligados á estrada como os auto-caminhões que são alem disso muito embaraçosos.

Em 1924 nas manobras da *Morhange e Bitche* utilisou-se um destacamento de todas as armas sobre caminhões. Os A. M. C. e unidades á lagartas fizeram suas provas. Resistencias inimigas puderam ser rapidamente quebradas. Pelo contrario, a mobilidade foi muito reduzida por causa das chuvas.

As manobras francezas de 1925, em Reims, tiveram por fim experimentar o emprego de formações motorizadas, cuja segurança dos flancos era feita por unidades em auto-lagartas e camionnettes. Este destacamento representava uma parte de uma divisão leve automovel e não leve ser confundido com unidades transportadas eventualmente em autos. Durante os primeiros dias o destacamento motorizado combateu contra a 5.^a D C. O desenrolar das operações mostrou as difficuldades grandes que comporta o emprego de uma unidade motorizada independente.

Estas difficuldades eram quasi invenciveis desde que havia intervenção do inimigo. O chefe do destacamento interrogado pelo Cmt. da 5.^a D C sobre as possibilidades de seu destacamento, dá uma resposta curta e caracteristica: "Meu destacamento: mobilidade estrategoica consideravel; mobilidade tactica: — zero."

Conclue-se, então, que a cavallaria inimiga pode obter grandes successos contra uma divisão automovel em marcha.

(Continúa)

"Nada resiste a uma vontade que QUER e a uma intelligencia que SABE.

O segredo da victoria consiste em marchar para a frente, quando bem se conhece o terreno". (La conquête du bonheur — J. Payot).

Notas sobre Explosivos -- Destruições -- Minas

Pelo Cap. BENJAMIN R. GALHARDO

Estas notas, que compilámos, nada têm de original. São o resultado do manuseio, e quiçá mesmo tradução, de innumerados trabalhos (1), nacionaes e estrangeiros, que, nestes ultimos tempos, principalmente depois da Grande Guerra, vieram a lume.

Acham-se divididas em quatro partes, a saber:

Primeira: — Explosivos e seu Emprego;

Segunda: — Efeitos dos Explosivos;

Terceira: — Destruições;

Quarta: — Guerra de Minas.

Deveríamos começar tratando da Primeira Parte; não o faremos, entretanto, porque os nossos regulamentos são sufficientemente explicitos a esse respeito.

Iniciaremos, pois, pela Segunda e remataremos nossas notas, aproveitamento de varias fontes, aliás com o vehemente desejo de facilitar a quantos deste assumpto tenham de se occupar, com o estudo dos Explosivos e seu Emprego.

Nosso trabalho é de simples disposição de materia, mas "*fecimus quod possumus, faciant meliora potentes*"

SEGUNDA PARTE

EFETOS DOS EXPLOSIVOS

CAPITULO I



GENERALIDADES

1 — Os explosivos desempenham, na guerra, um papel bastante importante. Podem empregar-se, tanto na offensiva, como na defensiva, em virtude de sua potencia e da instantaneidade de seus effeitos. Os officiaes de engenharia empregam-nos, quer na construcção de estradas, abrigos, guerra de minas, quer na destruição das estradas, tunnels, pontes, materiaes, etc.

Todos os officiaes combatentes, particularmente os officiaes de engenharia, devem conhecer os explosivos e seus effeitos.

2 — Quando se quer produzir, por meio de explosivo, um effeito destruidor determinado, provoca-se a explosão de certa quantidade desse explosivo, a qual se chama CARGA.

Se a carga é alojada em um ambiente, que não o ar, como na terra, alvenaria, concreto, na agua — é chamada INTERIOR e o espaço (na alvenaria, terra, concreto) preparado para recebel-a CAMARA DE MINA.

(1) Regulamentos, brasileiros, francezes, argentinos. Cmt. Jean Guériot, *Cours de Mines*. Cel. actualmente General, Salvador Barbalho Uchôa Cavalcanti, *Explosivos e suas Aplicações Militares*.

Cap., actualmente General, João Manuel de Araujo, *Apontamentos de Pyrotechnia*. James Mercur, *Attack of Fortified Places*. Henry Varigny, *Explosions et Explosifs*. L. Venin et F. Chesneau, *Les Poudres et Explosifs*. Lieutenant Gatin, *Manuel de Travaux de Campagne de l'Officier D'Infanterie*. Officier Supérieur du Génie, *Fortification Permanente*, War Office, *Manuel of Field Engineering*. Manuel du Gradé du Génie. Cel. Robert Normand, *Travaux de Campagne*.

A CAMARA, com a respectiva CARGA, recebe o nome de MINA (1) ou FORNILHO.

Para chegar-se á camara de mina, palmilhamos conductos ou caminhamentos chamados POÇOS, GALERIAS OU RAMAES (2).

E' evidente que, a estes conductos, deve votar-se grande attenção, porquanto, quasi sempre, são trabalhos de vulto, empregando materiaes multiiformes. A mina, em si, não exige muito esforço. Por extensão, o vocabulo MINAS emprega-se não sómente para caracterizar o fornildo, mas também para designar todos os trabalhos que são necessarios realizar, afim de chegar-se á CAMARA.

Se a carga, por outro lado, for collocada, simplesmente, em contacto com o objecto a destruir, recebe o nome de *exterior* ou *superficial*.

Muitas destruições, taes como a ruptura dos taboleiros das pontes metallocas, das peças de ferro, madeira, ou, ainda, a demolição das alvenarias, de fraca espessura, obtêm-se com cargas superficiaes.

E' natural que, neste caso, não se tenha, propriamente, a mina, na accepção habitual da palavra, mas sim — o *dispositivo* de RUPTURA ou de DESTRUICÃO.

A carga, tanto interior como exterior, pôde ser, conforme se grupe em torno de um ponto ou se espalhe em uma superficie, *concentrada* ou *alongada*.

Esta ultima disposição também pôde, consoante o supporte que se lhe dá, ser flexivel ou rigida.

As cargas interiores são sempre empregadas sob *enchimento* ou *atacamento*.

3 — o *enchimento* é o obstaculo artificial que tem por fim impedir a expansão dos gases no sentido das communicações subterraneas.

De facto, os gases devem produzir effeitos em quaesquer direcções e desde que as communicações estejam vasias, é evidente que allas serão o caminho natural de sahida: cumpre, pois, oppor-lhes resistencia pelo menos egual á da direcção que se quer que elles actuem.

O enchimento é indispensavel com a *polvora negra* e a *cheddite*.

4 — FORMULAS — No estudo dos effeitos dos explosivos os technicos militares procuraram exprimir, por formulas simples, um certo numero de factos resultantes da experiencia.

A despeito dessas formulas apresentarem aspecto algebrico, não são oriundas de uma theoria mathematica, mas empiricas e traduzem os factos, em cifras, entre CERTOS LIMITES determinados pela experiencia. E', pois, conveniente evitar generalizal-as além dos LIMITES INDICADOS.

As quantidades de explosivos, determinadas pelas formulas, são o estricitamente necessario e sufficiente. No caso concreto, e desde que as disponibilidades o permittam, os resultados do calculo são augmentados: cresce, assim, a taxa de segurança e, desde que se trate de uma destruição, a possibilidade de RUPTURA ou DESTRUICÃO.



(1) Caminho subterraneo que na antiguidade e na média idade as tropas empregavam no ataque ás praças fortes e que, sc. mais tarde, foi utilizado, também, pela defesa. Depois, quantidade de materia explosiva collocada subterraneamente e destinada a produzir effeitos destruidores por sua explosão; aproveitada, pela primeira vez, em 1503, pelo hespanhol Pedro Navarro, no cerco dos fortes de Napoles, contra os Francezes.

As companhias de minadores ou fossadores, que datam do século XIV, cavavam, galerias, em torno das cidades sitiadas, sustentando-as com esteios de madeira, aos quaes lançava fogo, quando era conveniente produzir um desmoronamento.

(2) Esses nomes são função das dimensões e da inclinação ao terreno natural.

CAPITULO II

EFFECTOS DAS CARGAS CONCENTRADAS ACTUANDO EM
DIFFERENTES MEIOS

5 — Vimos que a carga pôde ser collocada em varios ambientes — terra, ar, alvenaria, concreto, agua, os quaes podem enfeixar-se na seguinte classificação:

- 1.º) Meio solido;
- 2.º) Meio liquido;
- 3.º) Meio gazoso.

Estudemos, primeiramente, a carga agindo em cada um desses meios e depois em dois delles.

A) CARGA CONCENTRADA AGINDO NO MEIO
HOMOGENEO E INDEFINIDOa) *Meio solido*

6 — Supponhamos que o ambiente, no qual age o forninho, seja HOMOGENEO, CONSISTENTE, COMPRESSIVEL e envolva a carga, numa grande espessura para que se possa consideral-o como INDEFINIDO; e, além disso, o limite de elasticidade não seja ultrapassado sob a acção do gaz, que surge da deflagração da carga.

E' evidente que, no momento da explosão, o meio vae cedendo progressivamente e offerecendo uma resistencia cada vez maior. (Fig. 1)



Fig. 1

Surge, pois, uma infinidade de superficies, demarcadoras da intensidade da energia explosiva, esphericas, de igual pressão.

Os gazes, entretanto, se resfriam rapidamente. A pressão diminue. As moléculas solidas tendem a occupar o lugar primitivo, graças a elasticidade do meio. Ha compressão dos productos da decomposição do explosivo.

Não obstante, na pratica o phenomeno não se processa deste modo. A camara (1) subsiste, principalmente em terreno argilloso.

As pressões dos gases determinam, dentro de uma certa superficie, lacunas, fendas, esmagamentos da materia, deslocções, etc., isto é, o limite de elasticidade é ultrapassado. A' esta zona denomina-se região das deformações, a qual é limitada pela superficie limite de *deformação ou ruptura*.

Além desta superficie não se constata deformações plasticas, mas sim elasticas. A região dessas deformações é limitada pela *superficie limite de vibração*, espherica, cujo diametro depende da tenacidade, densidade e elasticidade do terreno.

b) Meio liquido

7 — Este meio é de cohesão quasi nulla. Resiste, apenas, por seu peso e inercia.

De um modo geral, em um liquido uma pressão se transmite igualmente a todos os seus pontos. Com as grandes massas de agua, — os mares, rios e lagos, porém, notaremos que a pressão diminui á proporção que o raio de propagação cresce, em virtude das multiplas resistencias que encontra a onda.

Em um meio nessas condições a explosão de uma carga vai produzir primeiramente, um augmento diminuto da respectiva camara. A massa liquida circumdante, pouco compressivel mas elastica, por sua vez, recebendo formidavel compressão — transmite-a, com velocidade enorme, a todas as distancias.

Apparecerão, em vista disso, esferas de igual pressão.

Dessas, a mais importante é a que limita a zona dos phenomenos de destruição mais intensos — cujo raio é chamado de *ruptura*.

Opportunamente veremos as formulas que permitem determinar esse raio.

c) Meio gazoso

8 — Sendo o gaz um fluido expansivel, compressivel e elastico, sua resistencia á compressão é demasiado fraca. A cohesão não existe. O peso é desprezivel.

O meio gazoso resiste, pois, pela inercia.

A pressão dos gases do explosivo sobre tal meio, portanto, é tanto maior quanto menor for a duração da explosão. E' por esta razão que ella é ainda consideravel no caso de explosivos brisantes, cuja detonação se propaga com a velocidade de alguns Kms. por segundo.

Este facto explica os effeitos de ruptura obtidos, no ar, sobre os corpos resistentes, com cargas de explosivos brisantes.

A polvora negra, nas mesmas condições, entretanto, só dá effeitos de compressão bem fracos. Para augmental-osé preciso substituir o gaz, em contacto com o explosivo, por um corpo mais denso, liquido ou solido, que, então, constitue um enchimento parcial.

B) CARGA CONCENTRADA ACTUANDO EM DOIS MEIOS DIFFERENTES

a) Solido e gazoso

9 — Consideremos agora o terreno limitado. Sejam (Fig. 2), O o centro da carga, AB o traço da superficie do terreno com o plano vertical e M, o ar.

(1) Em um meio muito consistente mas falto de plasticidade (rocha ou alvina-ria), produz-se um vazio persistente devido ao esmagamento e á pulverização da materia na vizinhança immediata do explosivo.

No momento da explosão *aa*, recebendo toda a energia desprendida da carga, comprimirá a camada *bb*; esta, a terceira *cc*, etc.

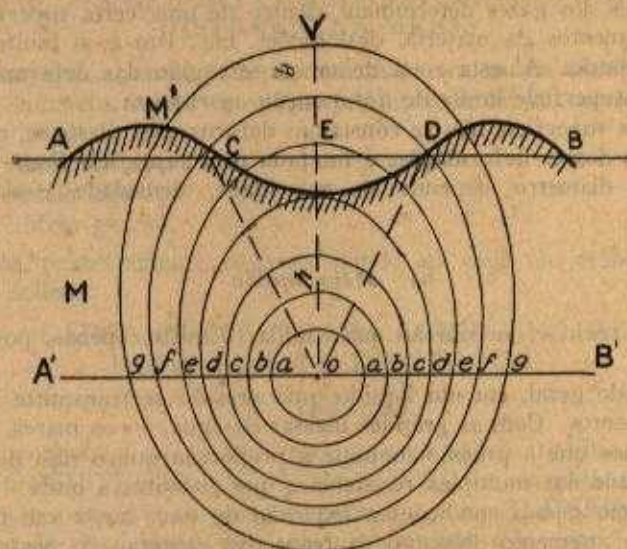


Fig. 2

A pressão, contudo, vai decrescendo successivamente em todos os sentidos a partir de *O* (1). Ha de haver, porém, um momento em que essa pressão fique igual e contraria á da atmosphera. Se *dd* é a superficie que soffre dos gazes do explosivo uma pressão igual e contraria á atmospherica, é evidente que não se produzirá movimento exterior de projecção.

Mas, se a pressão dos gazes for maior e *ff* representar a nova camada, toda a porção *COD*, não tendo atraz de si nenhuma protecção, pois, que apenas existe o ar, terá que ceder a essa força de impulsão e será projectada pelos gazes do explosivo com maior ou menor velocidade, consoante a carga e natureza do terreno.

Se toda a materia fosse lançada em direcções obliquas á vertical *OV* teriamos, quando terminado o phenomeno, a existencia de uma cavidade, sob a fórma de um funil ou cratera, mais ou menos profundo e alargado — funil real.

Não acontecendo isto, entretanto, por causa da gravidade, a materia projectada cae sobre as bordas e o fundo do funil, deformando-o, de modo a apresentar a fórma *ACDB*, que é o funil apparente.

Apesar de se chamar de funil a parte excavada da terra, a figura final da excavação não será jamais uma figura geometrica.

Para o calculo do volume vemos todavia Vauban suppor a conica (Fig. 3), *ACD*, com o vertice no centro da carga e de diametro, na base, duplo da linha de menor resistencia; MÜLLER querendo que seja um tronco de cone, *AEFD*, cuja base menor passa pelo centro da carga; Vallière, um paraboloide de revolução, *AHD*, em cujo foco se acha a carga; Belidor, um tronco de cone tendo sobre a base menor uma semi-esphera; outros, um ellipsoide de revolução; e, emfim, MELDEUCREUTZ e RZHA concebendo-a como campannula.

A' taes fórmas corresponde um calculo cada vez mais difficil e que, na pratica, não offerece resultados dignos de registo.

(1) A compressão das camadas de terra abaixo de *A'B'* é maior que acima desta linha.

Os efeitos interiores diminuem, em geral, quando ha formação de funil. Os gases penetram, em parte, no vazio e a superficie limite de deformação é menos extensa.

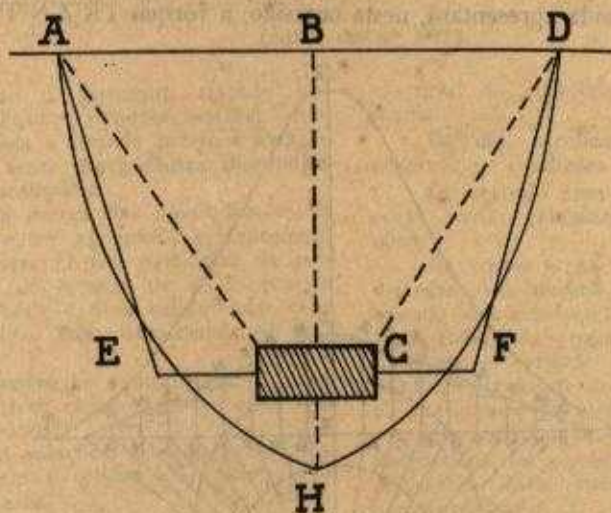


Fig. 3

b) *Líquido e gasoso*

10 — A acção do explosivo nesses dois meios, força-nos a admitir que ha efeitos exteriores. Estes efeitos, que são notados acima da superficie liquida, se cingem na gavela, ou montanha de agua, que se manifesta e avoluma pela acção impulsiva dos gases provenientes da explosão.

Por ser a agua um fluido incompressivel, ou pouco compressivel, e pequena pressão que esta offerece á produzida pelos gases, para a parte superior do plano horizontal que passa pelo foco, a pressão é tanto menor quanto mais proxima da vertical do mesmo. Deste modo a camara dos gases, que a principio é espherica, transforma-se, aos poucos, em um *ovoide*.

Os gases, portanto, encontrando menor resistencia para cima, seguirão, facilmente, esta direcção.

A superficie liquida começará a elevar-se, a partir da perpendicular já citada, para todos os lados. A altura a que poderá chegar depende da carga e sua distancia á superficie liquida.

Seja a Fig. 4 a representação do phenomeno. Acima do plano horizontal, que passa pelo foco de explosão, observamos, a massa liquida está dividida em cones sobrepostos AOB, COD, EOF, etc., com o vertice commum em O, centro da carga.

Suppondo agora que a camara de compressão augmentando permanece sempre espherica, representemol-a, nos differentes momentos, pelas esferas 1, 2, 3.

Devendo a explosão lançar para longe de seu foco toda a massa liquida, é patente que o fará, com maior facilidade, na direcção de menor resistencia, isto é, acima do plano UV, que passa pelo centro de explosão. Mesmo nessa região o deslocamento será successivo e haverá porções liquidas que irão mais alto que outras.

O cone AOB, offerecendo menor resistencia, que os outros, á pressão, aliás identica a todos os cones, se moverá primeiramente, com velocidade crescente.

Em seguida se movimentará o cone COB, depois o EOF, etc.

Quando, porém, o cone ROP se puzer em movimento e sua base atingir a posição $R'P'$, as bases dos outros atingirão, respectivamente, as situações $M'N'$, $K'L'$, $I'J'$ etc.

A massa liquida apresentará, nesta ocasião, a forma, $TR'Z'N'T'$, curvilínea.

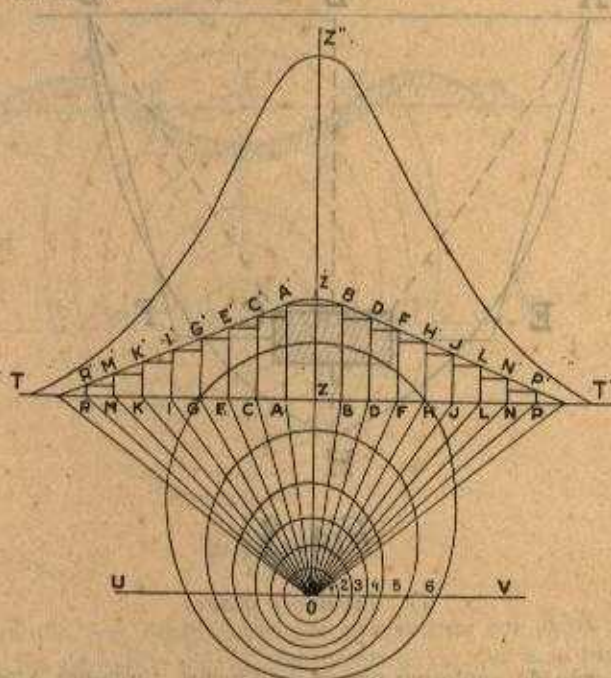


Fig. 4

O movimento ascensional continua. A parte liquida acima do foco oferecendo menor resistencia, os gazes se dirigirão nessa direcção e principalmente na direcção da vertical OZ'' .

Sendo assim as esferas 1, 2, ... se transformarão em ovoides, e a curva $TR'Z'P'T'$ se alongará, assumindo o aspecto $TZ''T'$.

A esta columna se costuma chamar gavela.

A gavela, resultado da acção da onda explosiva, a principio é compacta, mas depois se fende, no vertice, dando passagem á massa de gazes. Estes gazes arrastam consigo a água, que, em seguida, cae sob a forma de chuva.

(Continúa).

TORPEDO

A MELHOR MACHINA PORTATIL
TECLADO UNIVERSAL

800\$000 em 10 prestações mensaes. — 700\$000
a dinheiro á vista.

CASA MERCEDES LIMITADA

TRAVESSA OUVIDOR, 19 — RIO DE JANEIRO

Com direito a um curso gratis (3 mezes) na Escola

Mercedes — Rua Assembléa, 98-3º



A Aviação em ligação com a Infantaria

TRADUZIDO DE "LA REVUE D'INFANTERIE" PELO CAP. A. J. BELLAGAMRA

(cont. do nº 187)

Para completar o assumpto tratado nos dois artigos já publicados, importa mostrar como é a infantaria alertada e armada contra a aviação inimiga por quem sente desconfiança instintiva e apprehensão naturalissima.

O que foi dito acerca das possibilidades da aviação amiga, deve ser applicado, evidentemente, á aviação inimiga. O fim particular da terceira parte será o de estudar de modo preciso como a infantaria pôde e deve se defender contra a aviação inimiga. Para isto, dispõe de dois meios:

1º — **Meio passivo:** a camuflagem.

2º — **Meio activo:** como proceder contra os aviões que voem baixo?

Para achar as soluções de taes problemas, convirá adoptar regras nitidas que inspirem a conducta da infantaria.

Foi dito acima que a infantaria **desconfiava instintivamente** da aviação inimiga; tal facto será aproveitado para realizar a **camuflagem** da infantaria quer á retaguarda, quer nas linhas de combate. Quanto á **apprehensão natural**, cumpre reagir contra tal sentimento no que possuir de exaggerado; lutar-se-á contra o **effeito moral** do avião inimigo e insistir-se-á sobre o poder e a efficacia dos fogos da infantaria contra os aviões em vôos baixos.

A infantaria deve inicialmente estar em condições de discernir e identificar os aviões que a sobrevôam. A apparencia de todos os aviões amigos em serviço lhe deve ser familiar; não apenas pelos desenhos e photographias, mas por visitas frequentes aos terrenos de aviação. Tal conhecimento é obtido rapidamente e os vigias da defesa contra os aviões conseguirão excellentes resultados. Cada unidade de infantaria possuirá vigias que, como foi suggerido, podem ser utilmente escolhidos na **secção de commando**. Assim, conhecendo-se perfeitamente os aviões amigos em serviço, os inimigos seriam identificados por dedução e, nos casos duvidosos, a intervenção pelo fogo só se realisaria mediante ordem de um official de infantaria.

Considerando as possibilidades estudadas na primeira parte, pôde-se afirmar que "**qualquer avião inimigo constitue perigo**", pouco importando sua especialidade. O primeiro cuidado da infantaria será, portanto, de escapar á sua investigação. Assim, qual será a attitude da infantaria: em marcha, em estacionamento e na linha de combate?

1º — **MEIOS PASSIVOS.**

Disciplina de marcha

Devemos considerar dois casos: **de dia e de noite**. Em ambos, levar-se-á ainda em conta a maior ou menor proximidade das linhas, pois que se sabe ser o **factor movimento** a condição

essencial da visibilidade, em qualquer circumstancia.

De **dia**, excellente precaução consiste em observar as condições atmosphericas.

De accordo com a situação tactica, formar-se-ão varias columnas articuladas o mais possível.

As tropas a pé marcharão pelos lados das estradas, ou mesmo pelos campos marginaes, quando seu estado não accrescer demasiadamente a fadiga da tropa. Os trens e a artilharia hypomovel evitarão os tempos de trote que levantam nuvens de pó muito visíveis e utilizarão de preferença as estradas arborizadas.

Os comboios automoveis e a artilharia em automoveis ou puxada por tractores constituem objectivos mais visíveis e seus deslocamentos serão realisados á noite, em condições compatíveis com sua grande mobilidade strategica.

Em principio, e quando os comboios automoveis devam-se, deslocar de dia, tornar-se-á interessante protegê-los com a aviação de caça. Si taes deslocamentos de dia crescerem de importancia, deverão ser protegidos mesmo que se realisem a 50 km. no interior das linhas, porque não escaparia aos reconhecimentos inimigos de grande altura. Então, os horários e os itinerários serão communicados de vespera ao menos, á aeronautica do exercito a quem cabe a sua protecção.

Os deslocamentos da infantaria, que constituem o objecto do presente estudo, são menos visíveis; tomar-se-ão precauções particulares (deslocamentos á noite si possível) com suas viaturas. A protecção dos deslocamentos pela aviação de caça justificar-se-ia nos periodos de crise, quando grandes unidades devessem se deslocar na proximidade da frente e o mais rapidamente possível.

Redobrar-se-ão os cuidados na vizinhança da frente, na zona favorável ao trabalho da aviação de observação inimiga, zona que abrange uma profundidade de 15 a 20 km. a contar da frente e na qual os movimentos importantes de dia serão evitados o mais possível. As pequenas unidades então utilizarão plenamente os caminhamentos, o dispositivo se articula ainda mais e os grupos evitam cuidadosamente os pontos característicos da planimetria: corredores, pontes, villas, ou as atravessam rapidamente e muito espaçados.

E' justamente no decorrer de taes deslocamentos que o papel dos vigias especializados adquire importancia capital. Collocados em pontos salientes e conhecidos pela tropa, vigiam o céu, lançando os foguetes combinados em caso de surpresa, enquanto as metralhadoras contra avião intervêm em condições que serão estudadas em seguida.

Qual deve ser a attitudo da infantaria surprehendida em marcha pelo avião inimigo?

Na maioria das casos tratar-se-á de aviões de reconhecimento que descobrirão e fornecerão precisas indicações ao commando inimigo.

Si o acontecimento se produzir a 10 km. das linhas, a tropa poderá logo receber tiros da artilharia inimiga.

Emfim, em certos casos, o avião ou a patrulha inimiga atacará a tropa descoberta, caso que constituirá o objecto particular da ultima parte deste estudo.

No caso da surpresa pelo avião de reconhecimento inimigo, a infantaria deverá se immobilisar sempre que sua missão lh'o permittir. Tal medida constitue a melhor defesa a adoptar; o centro da estrada é rapidamente abandonado, os homens se lançam nos vallados, aproveitam os limites das culturas e os matos, utilisam todas as cobertas: muros, cercas, arvores; sobretudo ficarão immoveis, evitando se quer mexer a cabeça. Si a columna estiver convenientemente articulada e as tropas tomarem depressa taes medidas, passarão certamente despercebidas pelo avião de reconhecimento que voa entre 2.000 e 4.000 metros. Como já se viu, o ponto delicado reside nas viaturas hyppomoveis que só poderão se esconder si marcharem por estradas arborizadas.

Quando a tropa em marcha pode cahir sob o fogo da artilharia inimiga por indicação evidente do avião, deverá evitar os pontos de referencia que avultem no terreno; abandonará a estrada, não passará pelos corredores e variará seu andamento de marcha.

De noite. — Sempre que possível, os deslocamentos devem ser feitos durante a noite. Viram-se já as possibilidades da aviação nos reconocimentos nocturnos e especialmente, o numero restricto de noites que se prestam á boa observação. Mediante pequenas precauções nos movimentos, as tropas gozarão de immuniidade relativa.

As luzes constituem o principal indicio para a observação aerea e serão absolutamente proscriptas nos comboios e columnas, mesmo com tempo chuvoso. Naturalmente, em noites claras, de lua, as precauções se multiplicarão e crescerão com a claridade lunar, chegando-se, por vezes, a se proceder como se dia fôra. No caso de surpresa pelo avião inimigo com utilização das bombas Michelin illuminativas, a melhor defesa consiste em se immobilisar a tropa illuminada.

Estacionamento.

Nos bivaques e nos acantonamentos, igualmente algumas precauções se tornam indispensaveis.

De dia — Os acantonamentos são, ás vezes, denunciados pelos viaturas formadas nas circunvizinhanças. Taes viaturas deverão se occultar em bosques ou se abrigar nos acantonamentos, si sua capacidade o permittir.

Os movimentos nas ruas serão reduzidos ao minimo, ou então cobertos por serviço de vigias contra o avião.

Os bivaques se denunciam principalmente pela fumaça das cozinhas e pelas pistas que nelles terminam. Estarão bem collocados no interior

dos bosques ou nas ravinhas, valles e cobertas que apresentem aspecto variado. Os fogos serão reduzidos ao minimo, pondo-se as cozinhas roletes em casas, se possível. A circulação será exclusivamente feita pelos caminhos existentes, para evitar as pistas pelos campos. (1).

De noite — As luzes serão cuidadosamente veladas nos acantonamentos e proscriptas nos bivaques.

O serviço de vigias será organizado para dar alerta: trincheiras e abrigos serão previstos para o caso de bombardeio aereo.

(Continúa.)

(1) — Nota do traductor —

O autor do presente artigo não cogita do acampamento, caso anormal na França, mas naturalissimo e usual no Brasil.

Devendo, porém, em obediencia ao artigo 144 (final) do R. S. C. brasileiro (1923) serem desarmadas as barracas diariamente, ao amanhecer, nunca se dará o caso de um acampamento para descanso durante o dia, proximo do inimigo. Será sempre em bivaque. E á noite, tudo é facil, bastando evitar as formações regulares das barracas.

BRAGA, IRMÃO & C^a

RIO DE JANEIRO — BRASIL
RUA BUENOS AIRES Nº 77 - 1º e 2º and.

Caixa postal nº 1827 — ende. Teleg.

"Bragalex"

Cod.: Ribeiro, A. B. C. 5ª e 6ª Ed. e Moss
Fornecedores dos Governos Federal, Estaduaes e Municipaes do Brasil.

Especialistas em: Armas e munições de guerra, polvoras, explosivos, material de aviação, de sapa, engenharia, minas submarinas, equipamento militares, aparelhos de optica para exercito e marinha, tintas, etc.

Representantes exclusivos para o Brasil de:
Dansk Rekyllriffeld Syndikat — Copenhague
— Metralhadoras e canhões anti-aereos "Madsen".

Hollandsche Industrie — en Handelmaatschap. p.j. — Haya — Artilharia de campanha, de montanha, de sitio e de costa e respectivas munições.

Aktieselskabet Skandinavisk Vaaben og Ammunition Kompagni Copenhague — Fuzis e mosquetões "Mauser" e respectiva munição de guerra.

Sociedade Industrial Suissa — Neunhausen — Mosquetão automaticos metralhadores "Berbmann".

Société des Établissements Krauss* — Paris — Apparellhos militares de optica, compassos de aviação, etc.

Garate, Anitua & C^a. — Eibar — Revolvers de guerra "Detective".

Emil G. v. Hoeveling — Hamburgo — Tintas para navios de guerra.

Estudo da progressão da Infantaria sob o fogo da Artilharia

Pelo Cap. LAFARGUE

Trad. da Revue d'Infanterie pelo Cap. PORTOCARREIRO.

(Continuação do n. 188)

Em nossa baixada, cavamos abrigos individuais e esperamos a noite para avançar. Em toda a frente, a linha está detida só pelo tiro da Artilharia inimiga?

Tenho a impressão, falsa aliás, de haver percorrido um trajeto considerável. Devo estar em **ponta**; nestas condições, parece-me difícil imaginar em desembocar isoladamente, de dia, no valle descoberto que se estende mesmo aos pés das posições inimigas; seria offerecer-me á destruição.

Enfim a noite cahiu, esta noite amiga que nos vae cobrir com sua sombra. Ella nos chega com sua frescura, como uma especie de reconforto; parece que se revive. Agachados em nossos abrigos, temerosos de sermos descobertos e assediados pelos obuzes, estavamos até então como animaes acuados. Agora, a coragem e o ardor nos voltam. Retomaremos a progressão e, desta feita, avançaremos até a distancia do assalto das linhas inimigas. Ao corrente desta resolução o commandante da Cia. é posto, mediante uma parte, que lhe envio; peço-lhe que me apoie com toda a Cia. Mas, em resposta, recebo a ordem de alcançar a grande estrada para bivacar proximo a Achain.

Mas porque não aproveitar esta bella noite de verão, porque ir-se embora? Tenho de obedecer e executar esta ordem. Custa-me deixar esta pequena ravina que attingimos á custa de tantas emoções...

Subimos de novo a rampa. Em cima, encontro meu capitão; está consternado. "A Cia. perdeu já 33 homens", disse-me. Percebo, pelos destroços que juncam a estrada, como o fogo inimigo causou estragos na elevação.

Principio severo que nos mostra os danos que pode causar, sobre estas longas faixas de terreno, uma Artilharia, quando percebe as menores aparições.

Não combatemos; em parte nenhuma conseguimos ver um só infante inimigo; apenas alguns feixes de balas sibillaram, em certos momentos, sobre nossas cabeças, e entretanto 33 graduados ou soldados de nossa Cia. jazem no sólo ou nas palhoças.

Deste modo, servimos, simplesmente, de alvo aos canhões. Aprendemos ainda melhor, posteriormente, que, muitas vezes tal é o destino da Infantaria.

CONSIDERAÇÕES GERAES

Difficuldades da progressão sob o fogo da Artilharia, em campo descoberto.

Tinhamos assignalado estas difficuldades na primeira parte deste estudo. Este exemplo o su-

blinha bem nitidamente. De facto tratava-se de uma Infantaria pela primeira vez submettida ás emoções do campo de batalha, e que não deixou de ser vivamente impressionada pelos tiros de Artilharia. Outrosim, esta Infantaria se encontrou em uma situação particularmente penosa.

Desde que ella atravessou, com effeito, a linha principal das cristas que segue a estrada de Château-Salins a Morchange, teve de se mover sobre uma especie de vasto anteparo constituido pelas encostas norte da cadeia de alturas; encontrou-se desde então em presença de uma Artilharia já assentada em posição sobre o terreno e que pudera reparar, com tempo, os menores detalhes do terreno; não poudo dar um passo sem que fosse batida por uma rajada precisa. Assim, experimentou immediatamente, de modo muito vivo, a impressão de que era espreitada de todos os recantos do horizonte, e que o menor de seus movimentos não escaparia ao inimigo. Esta sensação, muito mais que o fogo inimigo, a paralyzou. Deste modo, a linha franceza se deteve no limite das ultimas cobertas, tentando agrupar-se até a noite nas menores depressões.

Esta Infantaria experimentou perdas sensiveis, aliás, (33 homens para uma Cia.), nas duas ultimas horas do dia, horas de pavor para os pelotões que attingiram em pleno dia o vertice do planalto, e que, deitados sobre um sólo endurecido pelo calor, mal podiam utilizar a ferramenta de sapa.

E, entretanto a Artilharia inimiga atirou, relativamente, muito pouco, suas bruscas rajadas foram bastante espaçadas. Este ponto merece ser griphado; elle mostra a que ponto o fogo de uma Artilharia pode ser efficaç nas acções em campo raso, sobretudo num terreno largamente semeado de mamelões, que apresenta a Infantaria ás vistas e aos tiros da Artilharia, sobre estes declives tão perigosos.

Metamorphoses successivas de uma unidade de Infantaria sob o fogo da Artilharia.

As unidades, tanto do 153º como do 160º R. I., que se apresentaram nesta parte do campo de batalha, não sabiam progredir sinão em linha de grupos por 2º ou em atradores por lances de pelotões ou de grupos.

Eram por assim dizer viciadas no emprego destes dous processos; os movimentos homem a homem, por exemplo, que tinham tido seus dias em outras épocas, foram substituidos pelos lances collectivos, sob o pretexto de que prejudicavam a cohesão.

Assim, desde que tentaram avançar, conforme seus habitos, por pelotões inteiros ou por

grupos, quaesquer fossem as circunstancias, estas unidades não deixaram de attrahir rajadas inimigas.

Comportaram-se, desde então de tres maneiras differentes:

Umas, não sabendo operar as metamorphoses desejadas, detiveram-se desde a primeira rajada; devido á sua rigidez, não puderam avançar além do limite que a Artilharia inimiga permite atravessar em grandes moles; o pelotão do 16º e o da 8ª Cia. encontraram-se neste caso.

Outras, mais energicamente commandadas, esforçaram-se por progredir custasse o que custasse, por lances collectivos; não tardou muito para que fossem, também, detidas, e soffreram sensíveis perdas, sobretudo no vertice do planalto.

Emfim, o 4º — Pelotão, depois de haver desembocado, também, na formação em bloco, sentiu ser preciso mudar-se de formação afim de escapar ás vistas e aos fogos da Artilharia inimiga. Foi feliz, por seu lado, em progredir um pouco mais longe que as outras unidades, sem acrescentar novas perdas aos dois feridos, sanções das duas inaptidões precedentes.

Aliás, si este Pelotão tinha tirado prova de sua flexibilidade desejada, desde seu desembocar do Signal de Marthil, por quatro estados successivos deveria elle ter passado:

1º) — Marcha em columna por um nas valletas da estrada, metade de cada lado, entre o signal de Marthil e a encruzilhada (1);

2º) — Marcha rastejante sobre os joelhos e mãos, ou movimento homem a homem até a a orla do planalto;

3º) — Lance executado por todo o Pelotão, desenvolvido em atradores para a travessia da primeira vertente;

4º) — Movimento homem a homem, em fila para a travessia da segunda vertente.

A manutenção da ordem e da cohesão

Si a obtenção da invisibilidade deve constituir um dos principios fundamentais da progressão, a par deste cuidado, como dissemos, deve haver a preocupação não menos importante da procura da manutenção da ordem, segunda garantia da conservação da unidade.

No exemplo precedente nem sempre se fez assim. O commandante de Pelotão, com effeito, não se preocupou convenientemente em reconstituir seus grupos e suas esquadras nas duas ravinas successivas que desenfiavam o pelotão das vistas da Artilharia inimiga e que permittiam, por

(1) — Aliás, como Pelotões, resolveram a se alojar na menor toupeira, em vez de passarem por um fundo de agulha com effectivos de 50 a 60 homens. Taes unidades estavam já paralyzadas por sua massa. Para poder trabalhar com um pelotão escamoteal-o em meio da trama cada vez mais cerrada de vistas e de projectia, é preciso que não se tenha mais de 30 homens a manejar. Tal deve ser o effectivo de base dos pelotões actuaes: querer accresce-lo, é sobrecarregar os pelotões não de um supplemento de combatentes, mas de futuros cadáveres.

consequência, operar sem difficuldades os deslocamentos para o restabelecimento da ordem; deixou que seus soldados se estabelecessem inconsideradamente nos abrigos.

Em seguida, omitiu a designação de um cerra-fila para vigiar a execução do movimento homem a homem: assim, o Pelotão, que não teve, por assim dizer, perdas sensíveis, ficou tolhido pelo desmembramento que se produziu. No momento em que attingia a segunda ravina já estava, desta sorte, desfalcado dos seguintes elementos:

dois feridos;

dez retardatarios (1) mais ou menos, (que ficaram na primeira ravina), simples enumeração que mostra nitidamente como muitas vezes a desordem é mais temível que o fogo para diminuir os effectivos combatentes.

Porque esta preocupação foi, em grande parte, esquecida pelo Commandante do Pelotão?

Em primeiro lugar, porque elle não podia fazer idéa, porque nunca havia combatido, da influencia da desordem como factor de destruição de uma unidade.

Em segundo lugar, devido ao principio que dominava nesta época para a marcha de um Pelotão: o commandante de pelotão devia guiar sua unidade e dirigir, por consequência, toda a sua attenção para a frente, enquanto que os commandantes de grupos, estes, deviam se occupar directamente com a tropa.

A experiencia mostrou que esta divisão do trabalho era muito absoluta. De facto, quando o

(1) — Deve-se notar que quasi todos, sinão todos os reservistas affectos ao Pelotão ficaram entre os retardatarios; dezoito dias depois de mobilizados, não estavam realmente incorporados ao Pelotão; ficaram destacados. Enquanto o Pelotão pôde executar movimentos collectivos, cada um conservou o seu lugar na fileira; mas quando, em momentos criticos, foi preciso executar movimentos homem a homem, em longos percursos, destruindo momentaneamente a cohesão material da unidade e não deixando subsistir a cohesão moral, taes elementos separaram-se da unidade.

Si a unidade não deixou na estrada maior numero de retardatarios foi porque ella comprehendia uma proporção de 40 soldados da activa para uns quinze reservistas: sua cohesão permittiu-lhes transformarem-se, sem que fossem reduzidos, desde a primeira prova, ao estado de simples nucleo.

Ora, da mesma maneira que não se pode esticar e recurrar um metal pouco dúctil assim também a falta de cohesão das unidades pode impedi-las de passar por todas as metamorphoses desejadas para se infiltrar entre as malhas desta cortina de fogo, que se aperta sem cessar. A aptidão para a manobra e a solidez de nossas futuras unidades mobilizadas, correriam portanto, o risco de serem reduzidas a proporções inculcaveis, si se engajassem nas primeiras batalhas unidades organizadas sobre o papel com a poeira de reservistas, e não de unidades constituídas em tempo de paz, integralmente conservadas na reserva, e tendo assim varios mezes de vida comum (factor fundamental da cohesão) na hora angustiosa do primeiro encontro.

perigo é grande, o commandante de pelotão deve ter fixado um olho na tropa e outro no inimigo: isto mereceria, aliás, desenvolvimento nos quaes não entraríamos, porque escapam aos limites do quadro de nosso assumpto.

Conservação da direcção

A progressão regular de um dispositivo muito largamente articulado, afim de escapar ao fogo da Artilharia, não será possível senão quando a trajectoria de cada elemento de marcha for definida de maneira firme e precisa. Tentámos mostrar-o na primeira parte deste estudo.

Este exemplo contém, sobre o assumpto, ensinamentos que parece interessante fazer sobre-sahir.

Si estudarmos a marcha do Pelotão, collocando-nos no unico ponto de visto da **direcção** verificamos que esta progressão se divide em tres phases que passamos a examinar.

Primeira phase. — marcha de aproximação da floresta de Château-Salins ao Signal de Marthyl. — Conforme os habitos de manobra, o Pelotão posto em primeira linha e á direita do dispositivo de aproximação da Cia. servia de guia; os Pelotões subordinados não deviam, pois, receber indicação particular de pontos de direcção.

O 4º Pelotão, encontrando-se á esquerda do dispositivo, devia portanto regular sua marcha pelas unidades da direita. Ora, após a sahida da floresta de Château-Salins, estas unidades da direita desapareceram nas baixadas e campos, de sorte que o 4º Pelotão e o seguinte ficaram isolados; nestas condições, foi a grande estrada, em summa, que lhes serviu de guia.

Segunda phase: — engajamento no Signal de Marthyl. — A fixação do ponto de direcção, neste instante, é decisiva; é então que a unidade, com effeito, se acha empenhada na luta, lançada como um projectil; para que possa produzir seu effeito, é necessario que seja apontada exactamente para seu objectivo: é uma condição essencial.

Ora, o que se produziu?

O Coronel não deixou, desde as primeiras palavras, de manifestar esta preocupação: "Escolham um ponto de direcção", disse elle. Assim, como o terreno limitasse as vistas, o Coronel deixou ao Commandante do Pelotão a missão de precisar uma indicação que, antes de tudo, era uma questão de commando.

Era testemunhar ao commandante de Pelotão uma extrema confiança; ora, em materia de direcção, no combate, é preciso não confiar em ninguém.

O campo de batalha constitue, com effeito, um campo magnetico atravessado por multiplas forças de atracção e de repulsão, de sentidos e intensidade variaveis. Entrando nesta zona, o espirito, entregue a si mesmo, tende a se comportar como uma bussola desorientada por estas diversas influencias magneticas: é attrahida ou repellida, quer de um lado que de outro. Assim, é preciso **ligar** os subordinados á um ponto de direcção, ou dar-lhes um angulo de marcha.

Tercera phase: — mudança de direcção face a Baronville. — O commandante de Pel. assim lançado no espaço, continuou, primeiro, seu ca-

minho na direcção geral que até então tinha seguido; attingiu a primeira ravina.

Foi quando se desencadeou o tiro de 105.

Desde este momento, o commandante do Pelotão vae mudar, instinctivamente de direcção.

Esta mudança não se produziu, aliás, immediatamente; o commandante de Pelotão é primeiramente importunado entre duas direcções; a de Destry, na qual marchou até ahi, e a de Baronville; em seguida, como esta ultima atracção era mais forte, orientou-se nitidamente para lá.

Qual a influencia que levou o commandante de Pelotão a deixar seu primitivo eixo de marcha? Dupla é a influencia:

1º E', antes de qualquer outra, a acção do tiro inimigo; o commandante do Pelotão faz frente para o lado donde vinha a ameaça.

2º Em seguida, é o **magnetismo da estrada**; como esta ultima se dirige para o Signal de Baronville a partir da encruzilhada, levou as unidades, cuja direcção materealizava, a se orientarem egualmente para a direita.

Facto surpreendente: o 4º Pelotão da 7ª Cia. não foi o unico a obedecer a estas duas impulsões concordantes, a totalidade das unidades empenhadas nesta região, isto é, o conjunto do dispositivo, fez egualmente face á direita, todo elle, desviando-se da sua verdadeira direcção de marcha. Pergunta-se nestas condições, o que seria do Regimento si tivesse recebido tiros de canhão, por exemplo, da esquerda.

Isto mostra que as diversas partes de um dispositivo, muito largamente escalonado sobre o terreno podem ser submettidas **simultaneamente a diferentes influencias** no decurso de uma marcha sob o fogo de Artilharia. Si não se tomar o cuidado de ligar as unidades de um modo extremamente nitido por direcções determinadas, o dispositivo desarticular-se-á litteralmente, e é assim que fracções irão combater no meio de Batalhões ou de Regimentos diferentes, a varias centenas de metros de seu proprio Regimento. São factos constantemente observados em campanha.

Taes são os ensinamentos de conjunto e de detalhe que nos parece possível tirar deste exemplo. Exemplo extremamente moral, aliás, como convém a uma narrativa de instrucção, onde o bem e o mal se encontram perfeitamente recompensados e sancionados.

Cada inadvertencia do commandante de Pelotão, com effeito, foi punida pelo fogo; como uma e outra merecem alguma indulgencia, em vista de certas circumstancias attenuantes, estas faltas não foram sancionadas senão por um ferido ligeiramente, traduzindo-se a insufficiencia das medidas relativas á manutenção da ordem por uma perda momentanea de cerca de dez soldados. Emfim, as demais disposições tendo sido bem tomadas, o inimigo, instructor severo mas justo, neste particular, não quiz infligir ao Pelotão outro castigo, desta vez immerecido.

OITAVO EPISODIO

Travessia de uma elevação de terreno particularmente reparada pela Artilharia inimiga

Estamos novamente proximos da estrada, chegamos assim ao pé de mamello illuminado

por uma luz avermelhada. Na frente o fragor se avoluma. Uma especie de inquietação indefinível perpassa o ambiente. Parece-me que a campanha assume um aspecto tragico: a tempestade se aproxima.

Para um instante meu Pelotão nas valletas; da estrada.

Neste momento passam a meu lado tres sapadores da Cia. divisionaria de Engenharia; parecem mudos.

"Onde vão?"

— Buscar soccorros; ha mortos e feridos lá em cima; a Cia. acaba de ser aniquilada pela Artilharia pesada".

Proseguimos pela estrada. Rapido sigo á frente de meu Pelotão, afim de reconhecer o terreno. Uma silhueta immovel se destaca sobre o céu, no vertice da elevação. Reconheço o Coronel. Parou um pouco atrás da crista e inspeciona o horizonte com o binoculo. De repente, volta-se, procura alguém com a vista, e apercebe-se da nossa aproximação. Logo pergunta: "O Capitão da Cia?"

— Não o vi meu Coronel, mas vou já prevenilo.

— Não vale a pena, pois não ha tempo a perder. O 160º está fortemente empenhado. E' preciso sustentar-o. Engajai-vos, rapidamente. Vós mesmo escolhereis um ponto de direcção".

Entretanto meu Pelotão se approximára Commandei: "Em atiradores, a dois passos, marche marche!"

Desembocamos assim, em passo de carreira, sobre o planalto do Signal de Marthyl, á direita da estrada de Château-Salins. O ajudante, que ouvira a ordem do Coronel, desenvolve egualmente seu Pelotão a cavalleiro da estrada; dest'arte produziu-se um pouco de congestionamento e de confusão durante alguns minutos.

Em seguida retomo a deanteira e alcanço a encruzilhada. Correndo sempre, percebo á minha esquerda pequenos grupos de individuos agachados atrás das moitas de trigo. E' sem duvida a Cia. de Engenharia. Transponho a grande estrada que dobra depois para a direita, e, após haver atravessado o planalto, lanço-me logo numa pequena ravina.

Inopinadamente, uma rajada de obuzes se faz sentir dentro da depressão, rebentando de encontro á vertente que faz face ao inimigo. Deito-me. Foi o primeiro tiro de 105 percentente que experimentei. Impressionou-me vivamente. Applicadas todas as minhas forças contra o solo,

com a cabeça occulta entre os braços, banhado de suor, aguardo o fim do tiro interminavel.

Emfim, a rajada cessou. Estou são e salvo.

COMMENTARIOS

Que idéa fez da situação o Commandante do Pelotão?

Elle sabe que se vai engajar, para o futuro, em uma zona cuidadosamente batida. Recolhe, effectivamente, dois dados successivos dos mais significativos:

1º — A informação fornecida pelos tres sapadores de Engenharia;

2º — A vista dos pequenos grupos de soldados atrás das moitas, em uma attitude apavorada que fallava muito nitidamente aos olhos.

Entretanto, estas duas informações foram registradas de uma forma toda superficial no espirito do Commandante de Pelotão. O trabalho immediato de reflexão, que deveriam provocar, foi com effecto, perturbado pela solicitude com a qual o Pelotão foi lançado em soccorro do 160º de Infantaria.

Qual o problema que se pronupunha ao Commandante de Pelotão?

Transpôr uma elevação de terreno particularmente vigiado pela Artilharia inimiga, preses a desencadear novas rajadas.

Como foi resolvido este problema?

O Commandante do Pelotão, julgando, conforme o que acabara de dizer o Coronel, que devia estar prompto para se engajar no combate, desenvolve sua tropa em atiradores com intervallos reduzidos, e se lança em passos de carreira sobre o planalto, sem reflectir no problema particular que se lhe proprõe, problema que lhe deveria ter occorrido a vista dos grupos de sapadores dispersos atrás das moitas, no ultimo momento e antes que fosse tarde.

Além disto, o Commandante de Pelotão partiu para a frente, sem indicar á sua tropa o abrigo seguinte a attingir.

Crítica das disposições

As circumstancias encarregaram-se de mostrar que estas disposições eram más.

a) — Effectuou-se a transposição da crista em passo de carreira, em linha de atiradores muito densa, formação tanto mais visivel quanto mais se projecta sobre o céu do lado do poente; donde uma nova rajada.

b) — O Pelotão foi surpreendido em pleno campo descoberto, sem ser conduzido de abrigo em abrigo. Não procurou ganhar immediatamente o proximo refugio, deitando-se não importa onde; uma leve depressão felizmente o desenfou das vistas.

Como deveria ter procedido o Commandante do Pelotão?

1º — De um modo geral, o Commandante do Pelotão deveria ter experimentado transpôr a elevação reparada pelo adversario, sem, de novo, chamar-lhe a attenção.

2º — Como a transposição do planalto era



CROQUIS N. 9

A VILLA MILITAR EM ABANDONO

Temos verificado nos dois ultimos annos, o formidável impulso proporcionado á cidade do Rio de Janeiro, em que não ha recanto, por mais escuso, onde não tenham apparecido ou estejam em vias de apparecer as turmas de calceteiros municipaes, no afan febril de melhorar ou crear boas communicações no interior dos diversos bairros e subúrbios, bem como de ligal-os entre si e com o centro da cidade por meios facéis e rapidos.

Exame ligeiro sobre a carta do Districto Federal, quer se enverede pela Central do Brasil ou Auxiliar, quer pela Leopoldina e mesmo a Rio d'Ouro (inutil falar no lado opposto da cidade) comprovará que todas as estações, além de possuírem mais ou menos vultuosa rede interna de boas ruas, têm sua comunicação assegurada com os demais vizinhos e o centro, por regular ou mesmo boa via pública.

Mas ha uma, a unica desherdada dos deuses, excepção que se torna odiosa, desprezada de todos os mandatarios do poder e tambem dos seus moradores que parecem conformados com sua sorte in-crivei.

A estação de Villa Militar, localidade onde habitam cerca de 15.000 pessoas, não se compõe apenas de soldados a quem se fornecem botinas de campanha para que amassem barro; é grande o numero de familias de officiaes e praças que lá reside, sujeitas a horario raro de theorica linha de botões cujos vehiculos constituem por cima, perigo manifesto aos passageiros. Além destes habitantes por obrigação, cresce francamente a população civil (especialmente do Morro do Capão).

Ora, actualmente ir á Villa Militar afigura-se nos obra mais difficil do que atravessar de avião o Atlantico. O buscal-a de automovel, então, numa época em que tal meio de locomoção tornou-se com-esinho e usual, é grave aventura que se transformará em insana loucura se algumas gottas de chuva tiverem cahido na vespera.

Completamente isolada do resto do Districto Federal, a estação da Villa Militar que se apresenta ao viajor descurado que passa pelo trem como ermo temeroso, mais que simples ermo, é pantano intransitável, positivamente inabordable em qualquer dos seus recantos.

E nem ao menos ha esperanças de melhor sorte; não se cogita da Villa Militar neste particular. Ou pelo menos, as cogitações se fazem em absoluto segredo.

relativamente longa, convinha effectual-a em varias etapas, afim de poder abrigar-se rapidamente, caso se desencadeasse o fogo inimigo;

— **primeira etapa:** do Signal do Marthyl a região da encruzilhada, com paradas nas valletas da estrada;

— **segunda etapa:** da encruzilhada á pequena depressão (na que o Pelotão se deitou quando surpreendido pela rajada)ahi fazendo uma parada;

— **terceira etapa:** transposição da orla Norte do planalto... o commandante do Pelotão teria aproveitado as paradas para estudar a maneira de effectuar a etapa seguinte.

3º — Para vencer a primeira etapa o Pelotão

As nossas estradas, recém-melhoradas ou construidas, lhe passam perto, a rodeiam pôde-se afirmar, mas nenhuma lhe chega ao coração. Isto, porém, não importava, que fugissem della os troncos principaes! Bastava, porém, que lhe doassem alguns kilometros de estrada secundaria, mas concretada e conservada para que se transformasse em verdadeiro paraizo, para bem dos seus moradores obrigados e voluntarios e do seu progresso em geral, dando-se accesso facil aos recursos indispensaveis de que sente carencia absoluta.

Assim, ligada a Deodoro de um lado (2 km., se tanto), ao Realengo do outro e afinal por terceiro ramalzinho, directamente á estrada real (hoje Rio-S. Paulo) pela Fazenda dos Afonsos ou mesmo pela orla do Campo dos Afonsos, trechos estes facéis de realizar porquanto já existentes, sendo apenas questão do calçal-os e conservál-os, apresentar-se-ia a Villa Militar, dentro em pouco, inteiramente rejuvenescida, a *pobre decrepita de quinze annos apenas*.

A pretexto de que é militar, descura-se a Prefeitura destes poucos kilometros, esquecendo-se de que quasi a metade actual da população é positivamente civil sujeita aos impostos vigentes, porque porém, se descuram della os militares, isto é que não se sabe a razão. Se é questão do nome, dê-se-lhe outro quanto antes.

Não se vae, porém, pretender o luxo dos tres ramalinhos indicados e que dariam grande impulso á Villa Militar, egualando-a ás suas irmãs mais favorecidas; bastariam em ultima analyse, os mesquinhos dois kilometros que a atassem a Deodoro, á estrada que vae para Anchieta e que depois de volta por marechal Hermes, vae se entorticar na estrada Rio-S. Paulo, logo abaixo da Escola de Aviação Militar.

Feliz do povo em que não secou a fonte sagrada do enthusiasmo. (L. Enault).

A paz universal virá quando o mundo fôr digno della; na hora actual não faria mais, talvez, do que apressar a decadencia universal. Seja como fôr, ninguem me contradirá se eu afirmar que entre as mais bellas figuras da humanidade está a do soldado. (C. Wagner).

poderia com vantagem caminhar em columna por um nas duas valletas de estrada (mení Pelotão de cada lado). A altura do Pelotão acima do sólo poderia assim ficar reduzida á metade; a tropa poder-se-ia abrigar instantaneamente em caso de rajada.

A segunda etapa poderia ser effectuada quer homem a homem em cada uma das columnas, quer rastejando sobre os joelhos e as mãos. Durante a execução relativamente lenta do movimento, o commandante de Pelotão que havia attingido a primeira orla do planalto teria estudado e preparado a transposição do vertice. Desta forma não haveria perda de tempo.

Emprego da artilharia na zona de acção eventual

Pelo Ten. X.

Conhecemos perfeitamente os princípios básicos do emprego da artilharia: massa, surpresa, instantaneidade.

Condições indispensáveis para bem empregá-los: ligações as mais perfeitas possíveis e munições suficientes.

Tanto na ofensiva como na defensiva, temos sempre dado missões a toda nossa artilharia.

Acontece porém que, quando se **ataca**, as unidades que o fazem, não terão resistências eguaes a vencer, resultando dahi a necessidade de uma repartição judiciosa da artilharia. As resistências, porém, podem não se dar ao mesmo tempo ou como mais raramente acontece, uma determinada unidade não soffrer resistência de molde a pedir a intervenção de sua artilharia de apoio directo.

Na defesa, tendo-se organizado o systema de fogos em toda a frente, o inimigo poderá atacar em uma parte sómente.

Então, que se deve fazer da parte da artilharia tornada inutil, em face das situações acima creadas?

Será um crime deixá-la calada, a espera que se apresente occasião opportuna para que possa fazer alguma cousa.

Devemos, pois, aproveitá-la, não nos esquecendo um só momento que, quanto maior a **massa**, tanto mais rapidamente teremos alcançado nosso intento.

Sabemos também que na hora do combate será impossível resolver certas situações, desde que nellas não se tenha pensado previamente e tomado algumas medidas preparatorias.

Da necessaria previsão que deve ter todo chefe, e, afim de utilizar ao maximo a acção de sua artilharia, surgiu o emprego da **zona de acção eventual**, isto é, a zona em que uma unidade de artilharia intervirá no caso de não ter que fazer em sua **zona normal**, principal ou de primeira urgencia.

Quem deve regular a acção das duas artilharias, isto é, da que atira e da que não o faz?

Naturalmente o chefe immediatamente superior (Cmt. da A. D. na D. I.) e que já determinou anteriormente a zona eventual (de accordo com o Cmt. da D. I. na Divisão).

Isto explica-se porque nenhuma das duas artilharias pôde julgar das necessidades da sua vizinha, devido a não ter com ella ligações effectivas, e ainda mais, porque só o chefe das duas, que recebe todas as informações, está em condições de avaliar a situação de ambos os lados.

E' tendo em vista o fogo da artilharia de apoio directo nas zonas normal e eventual, isto é, concentração de meios, que se não deve collocar as unidades de artilharia á disposição da **de ataque**, salvo em casos especiaes mas, mesmo assim, determinando-lhes condições (serviços).

Na **defensiva**, quando o inimigo ataca uma parte da frente somente, os grupos das partes não atacadas, devem ser empregados, em primeira

urgencia para cobrir os intervallos entre as tiros de deter já previstos afim de tornal-os o mais possível continuos na parte da frente atacada e em segundo lugar em reforçal-os.

Quando se pretenda dar á artilharia uma zona de acção eventual, deve-se primeiramente ver quaes as possíveis e dentre ellas escolher em primeiro lugar aquella que maiores vantagens forneça para o cumprimento da missão, (geralmente em beneficio do esforço principal), em seguida a que offereça maiores facilidades de emprego da arma. (Questão de observação).

O ideal será obter as duas condições para uma só zona; mas, é difficil, ás vezes.

Quanto aos tiros, devido á observação, no geral, precaria, de inicio, e á falta de ligação com os elementos de infantaria, não é aconselhavel pedil-os muito proximo ao primeiro escalão de combate.

Da parte do Cmt. artilheiro, seus deveres são:

1º) Informar constantemente o Cmt. immediatamente superior sobre a situação de suas unidades e se estão ou não sendo empregadas.

2º) Escolher os observatorios na hypothese de ter que atirar na zona de acção eventual ou ao menos prever os necessarios;

3º) Ter sempre promptos os elementos para effectuar um transporte do tiro;

4º) Sempre que possível ligar-se com o Cmt. da artilharia da zona na qual terá que agir eventualmente ou com o proprio Cmt. desta;

5º) Orientar os seus Cmts. subordinados sobre as missões possíveis na zona de acção eventual.

Com a artilharia de conjuncto opera-se ao mesmo modo que com a de apoio directo, tendo na D. I. sua zona de acção normal a propria frente desta e a eventual, nas frentes da D. I. vizinhas, determinadas pelo Cmt. da A. D. depois de entendimento com os Cmts. das mesmas ou por ordem do Cmt. do Exercito.

A defesa nacional

A defesa nacional, como a queremos comprehender, não está organizada. Está claro que, se queremos organizá-la desde já, não é porque vejamos, sobre o nosso paiz, perigos immediatos. Mas a verdadeira defesa deve ser preventiva. Se não ha perigos immediatos que nos cerquem, ha incontestavelmente sempre latentes, proximos ou remotos, provaveis ou menos possíveis, que ameacem constantemente todas as nacionalidades, ainda as mais solidas, fortes e armadas: nada é perfeito nem eterno, na contingencia da vida humana. (Olavo Bilac).

Affinidades dos serviços em campanha

MATANÇA DO GADO—MATADOUROS DE CAMPANHA—APROVEITAMENTO DOS SUB-PRODUCTOS E SUAS APLICAÇÕES.

Pelo Ten. Vet. M. BERNARDINO DA COSTA

(Da Escola Militar)

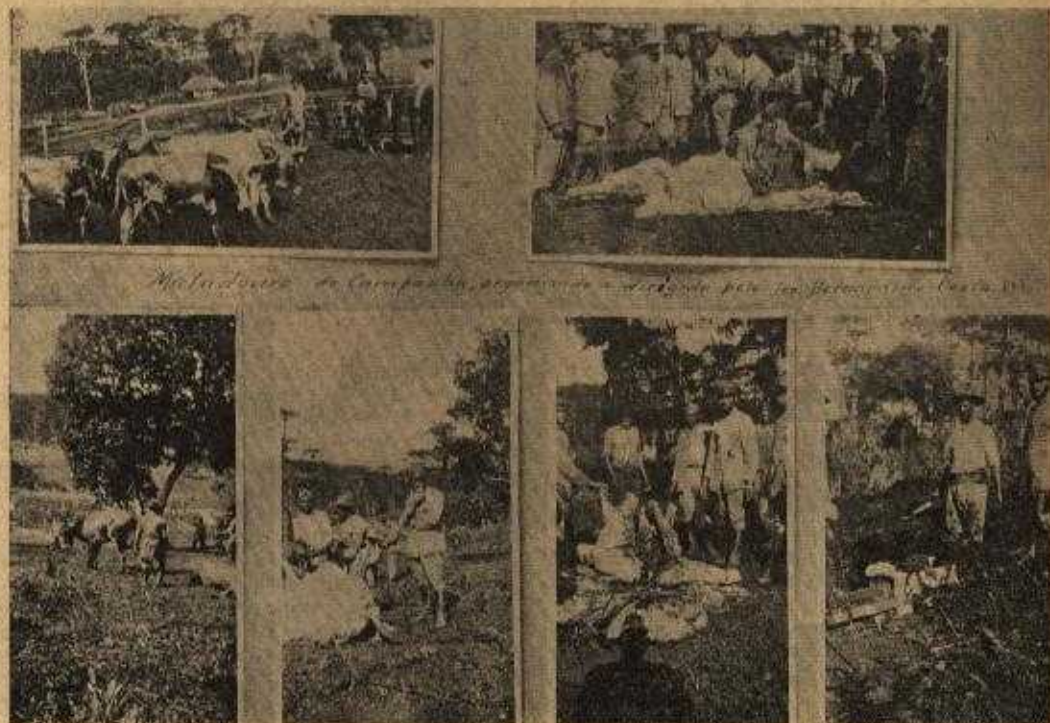
Observador "de visu" e modesto collaborador junto ao importante Serviço de Subsistência na columna do Cel. Almada, das Forças em Operações no Paraná, desde a cidade de Guarapuava até a Foz do Iguaçu, vimos neste artigo unicamente mostrar a necessidade não prevista em nossos regulamentos da íntima afinidade existente entre os Serviços de Subsistência e Veterinária, dentre outras nas partes relativas à inspecção de carnes para o consumo da tropa, na compra do gado, na matança, e no aproveitamento economico dos sub-productos.

Sob duas faces apresenta-se a nossa observação: a primeira, quando não faltam recursos, como acontece nas cidades, onde existem matadouros municipais promptos para tal fim, a segunda, no sertão propriamente dito ou zonas em que tudo é preciso criar.

Quanto á primeira por ser bastante simples, é sufficiente a assistência de um veterina-

rio para acompanhar, classificar e examinar a carne para o consumo. Quanto a segunda porém, que constitue o principal objectivo deste artigo, nada existe legislado sobre o assumpto e foi a necessidade do momento aperfeiçoada com o succeder das installações em logares differentes, porém, iguaes na falta absoluta de recursos que, fez pensar num meio pratico e efficaç, embora rustico, que se chamou "MATADOURO E ACOUGUE DE CAMPANHA, TYPO TEN. BERNARDINO".

O primeiro creado foi em Arroio Borman, longinquo logarejo no interior paranaense. Consistiu apenas em estacas terminadas em forquilhas fincadas no solo, tendo uma trave transversal onde eram amarrados galhos de arvore que tinham o feitio de um gancho para ser dependurada a carne. A cobertura era feita de ramos verdes, renovados de tempos em tempos. A matança ali era feita, até então, a tiro de



(Fig. 1)

De cima para baixo e da esquerda para a direita: 1 — O gado na mangueira e os laçadores a cavallo. 2 — Inspeção preliminar. 3 — Sangrando a rez. 4 — O animal prompto para ser aberto. 5 — Retirada das visceras. Prompto para a divisão. 6 — A padiola dos destriectos á beira da fossa.

andando a rez muitas vezes ferida por o do acampamento, produzindo estragos e poço entre barracas e soldados. Era muito um, perderem-se rezes que embrenhavam natto a dentro e que demandavam trabalho o e improficuo em procural-as. O lugar

uma "mangueira", em lugar proprio e seguro; fez-se o açougue e matadouro ao lado, ainda com certas imperfeições, porém, o açougue melhorou muito, apesar de seguir em linhas geraes o primeiro. Ahi já se pensou em defendel-o das chuvas, fazendo-se uma cobertura mais bem aca-



(Fig. 2)

3º AÇOUQUE E MATADOURO EM RONCADOR

A esquerda: 1 — O exame da carne no açougue 2 — Distribuindo para as unidades. 3 — O açougue vazio. Officiaes do Dest. A direita: 1 — Exame das vísceras. 2 — Pessoal do Serviço.

nde fosse feita uma matança era reconhecido pela quantidade de moscas que se accumulavam devido ao sangue espalhado pelo terreno. A quantidade de gado abatido era pequena, fazia-se como ficou dito, dentro do proprio acampamento; não havia uma organização por não ter um profissional que a dirigisse; e a carne não podia ter as condições exigidas pela hygiene para um bom producto. Foi quando o Serviço de Veterinaria começou a prestar o seu concurso ao de Subsistencia, tomando a si a direcção da matança que passou a ser feita em lugar mais proprio e afastado, a carne passou a ser dependurada para melhor escoamento do sangue, etc. Em virtude de não se saber o tempo que se ia ficar nos logares que hoje eram pontos de defesa e amanhã ficariam para a retaguarda, era-se obrigado a fazer tudo provisório.

No segundo estacionamento que foi em Formigas, já mais orientado quanto as necessidades do trabalho, tratou-se primeiramente de logar seguro para deter-se o gado reconstruindo

bada, com sapé, com inclinação para as aguas; augmentou-se o numero de traves e columnas para maior capacidade de carne visto ter augmentado o consumo. O numero de homens para o serviço foi majorado também. Corria elle normalmente, a carne era examinada e entregue limpa aos corpos, não se podia desejar melhor trabalho em relação com as circunstancias.

De Formigas passou-se para Roncador, proximo de Catandubas onde ficou o serviço instalado por longo tempo e deu os melhores resultados, tendo sempre correspondido ás necessidades. Foi feita a terceira instalação, em lugar adequado, com uma boa mangueira, tendo desta vez o matadouro uma trincheira para enterrar os detritos que, até então, eram enterrados em covas abertas diariamente em logares distantes ou jogados a flôr da terra. Ahi já o pessoal estava mais treinado. Abatia-se o gado pelo processo Riograndense do Sul. A rez era laçada dentro da mangueira e retirada por homens a cavallo (fig. 1) para o logar destinado á matan-

ça, sendo do arvo offerece preso n noutro, homem sangrav face a coração desven tomba gue.

Sul da um pessoal o ar, e mento dando mal pel e ligam examin tebral, destas do "ur seguin para o maneci gue e buição feito

ca, sendo este espaçoso e junto á mangueira, tendo arvores espalhadas para servirem de apoio e offerecerem resistencia aos esforços do animal preso num laço de couro cru, pelas aspás, e noutro, por um dos pés e puxado para traz. Um homem a né, affeito a este genero de serviço, sangrava o animal varando com uma aguçada faca a cava do peito e pela frente, attingindo o coração. O animal ferido de morte procurava desvencilhar-se dos laços, o que não conseguia, tombando pesadamente no sólo, esvaído em sangue.

Submettia-se outro ao mesmo trabalho, ainda um terceiro ou mais conforme o numero do pessoal e material. Colocado com as patas para o ar, era retirado o couro que servia de pavimento para as operações que seguiam, resguardando do contacto com o terreno. Aberto o animal pela linha mediana, cortadas as adherencias e ligamentos, eram todas as visceras retiradas e examinadas; partida a machado a columna vertebral, no sentido longitudinal, era cada uma destas partes ainda dividida ao meio constituindo "um quarto" da rez. Retirados os quartos, seguiam carregados num pão por dois homens para o açougue onde, depois de examinados permaneciam pendurados para escorrer o sangue e secar a carne até o momento da destribuição para as respectivas unidades, o que era feito em bellas condições. (Fig.2) As partes

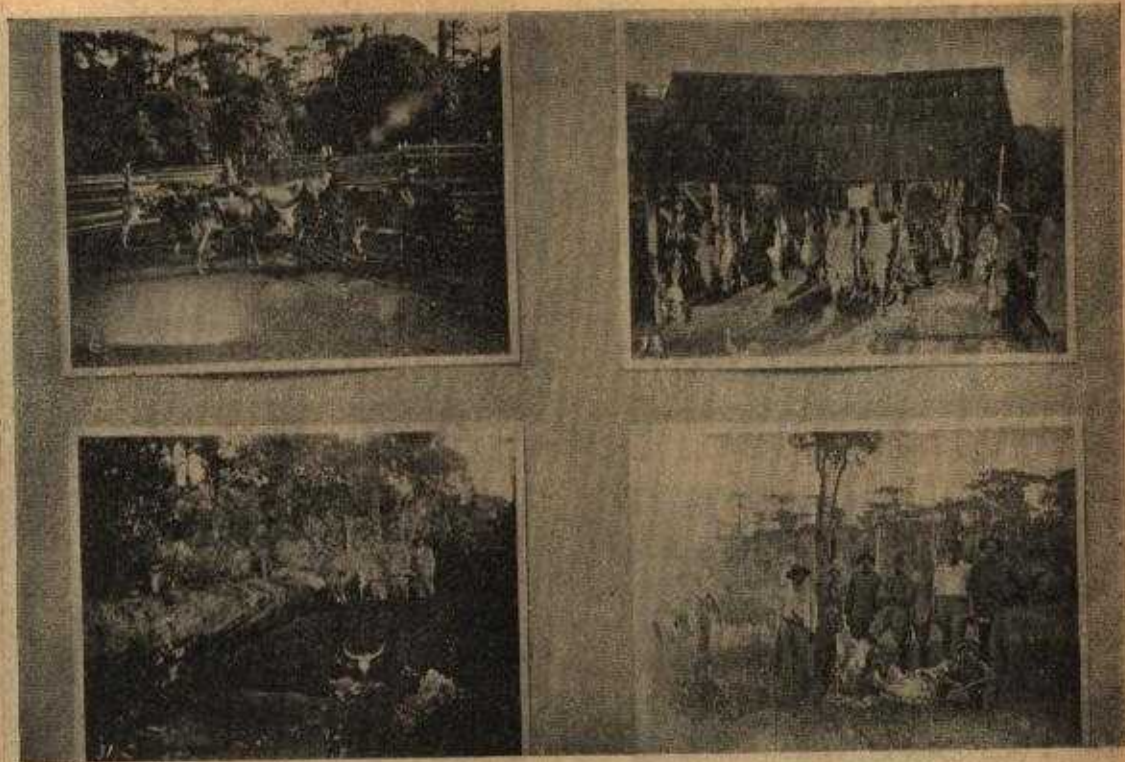
não aproveitadas seguiam em padiolas para a cova onde eram enterradas. O pessoal da tropa já se havia habituado com a nossa organização e o serviço era feito na melhor ordem possível.

Os couros eram estaqueados no chão ou em varas e depois de secco recolhidos a lugar abrigado.

Pensou-se no aproveitamento e preparação do oleo de mocotó, para lubrificação. Foi feita a experiencia com resultado e passou-se a fornecer-o. Verdade é que não se podia obter um oleo fino e distillado com os recursos que existiam, teve aceitação e foi utilizado.

A quarta e ultima instalação em Catanduvás foi de todas a de melhor aspecto, isto é, menos rustica conforme attestam as photographias abaixo. Aproveitou-se a cobertura de uma casa abandonada que serviu para o açougue; reconstruiu-se uma mangueira; preparou-se a area para a matança; abriu-se a fossa para os detritos; aproveitou-se o sêbo para a fabricação de velas e sabão, etc. Graças ao Tenente Raymundo Camillo de Souza, official de Administração, activo e de rara operosidade, foi adquirido na retaguarda o complemento necessario para então iniciar-se o fabrico do sabão com resultados surprehendentes, devido á grande falta de recursos na zona de operações.

O fabrico do sabão era pelo processo comum com sêbo, soda caustica, breu e agua nas



(Fig. 3)

4º AÇOUQUE E MATADOURO, EM CATANDUVAS

Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Gado na mangueira; açougue com carne dependurada; fossa atraz de um enorme pinheiro cahilo e uma rez sendo trabalhada.

devidas proporções, sendo a mistura fervida até tomar ponto e depois de solidificado e secco era cortado em fatias e estava elle prompto para o uso. (Fig. 4).

Podia tambem ser applicada a lixivia de cinza ou decoada como mais vulgarmente é conhecida, porém, demandava mais trabalho e tempo.

As vellas não tiveram menor successo, grande foi a sua utilização. Eram feitas com sebo derretido, collocado em fôrmas de taquara ou bambu enterradas em terreno previamente humedecido; os pavios eram de barbante, pannos, ataduras etc. (Phot. acima).

Houve porém uma parte que não foi possível ser realizada com grande aproveitamento, a de utilizar em maior escala as visceras que demandavam certo trato, por falta de vasilhame para ferver-as, preparal-as para fornecel-as limpas, porem, os que quizessem ter este trabalho recebiam e por ser pequena a quantidade podiam preparal-a com mais facilidade.

As outras visceras e órgãos, eram normalmente fornecidas depois de examinadas; eram ellas: lingua, coração, figado, rins, pés para motô, etc.

Do exposto chega-se á conclusão que, para uma campanha precisa-se estar prevenido quanto á parte que diz respeito á matança do gado e ter-se para tal fim o material necessario e indispensavel, como seja: facas, chopes (afiado-

res para facas), lagos de couro cru, ganchos de aço em forma de "S" para dependurar a carne, machinas para esquartejar a rez e uma balança romana para pesar a carne na occasião da destruição; soda caustica e breu, para o preparo do sabão. Ficando o restante ao cargo da iniciativa dos officiaes encarregados.

Ao terminar, torna-se preciso frisar a necessidade que têm os Serviços de serem organizados com technica e de accordo com as necessidades e recursos da occasião. Foi dahi o successo obtido pelos Serviços de Veterinaria e Administração fructo da comprehensão e auxilio mutuo dispensados, em beneficio da enorme tropa (cerca de 3.000 homens) abastecida com um producto de tão facil deterioração, vehiculo de tantas doenças, sem que tivesse havido um caso attribuido á elle, graças ao cuidado e zelo com que era tratado.

Para que este primeiro contacto intelligente, que tiveram dois Serviços do nosso Exercito, surta effeito para o futuro, não dependendo então de boa vontade, torna-se preciso que, seja elle estudado convenientemente e incluído nos nossos Regulamentos de Campanha, com pessoal e material descriminados, para a boa execução da finalidade que se destina, tendo sua applicação em todo o Exercito.

Rio, 14 de Junho de 1929.



(Fig. 4)

FABRICO DE SABÃO E VELLAS, EM CATANDUVAS

A esquerda: em cima, preparando sabão. Em baixo, as vellas nas fôrmas de taquara.

A direita: Armazem de campanha em Roncador. Em baixo, açougue em Formigas.

13º Batalhão de Caçadores

PROGRAMMA DE INSTRUÇÃO PARA 1º PERÍODO DO ANNO DE 1929-1930

A instrução do B. C. se sub-dividirá durante o anno de 1929-1930, de accordo com o R. I. Q. T. e as directivas do Sr. General Cmt. da 5ª Região Militar, do seguinte modo, no primeiro período:

- Instrução dos quadros, comprehendendo officiaes, sargentos e cabos.
- Instrução da tropa
- Instrução dos especialistas.
- Instrução dos candidatos a cabo
- Instrução do pessoal de contabilidade

ORGANIZAÇÃO DA INSTRUÇÃO

a) A instrução dos officiaes (inclusive os dos serviços), sargentos e cabos antigos, ficará a cargo d'este Commando, que, para attender com vantagem a esse triplice encargo, delegará as suas attribuições a officiaes especialmente escolhidos, de preferencia os que tenham curso da E. A. O., da E. M. ou qualquer outro curso especial, subordinando-se, porém a orientação e execução, á sua fiscalização directa.

b) A instrução da tropa será dada pelos instructores das sub-unidades, sob as vistas dos Cmts. de Cia, gradual e sucessivamente, partindo da escola do soldado (instrução individual) até a escola do pelotão, comprehendendo todos os pontos indicados no art. 80 e seguindo as normas indicadas nos arts 81 e 82, tudo do R. I. Q. T. Cumpre, no entanto, ser dado um cuidado particular aos pontos que serão salientados, a respeito dos quaes a observação da instrução do anno passado demonstrou a necessidade de se fazer esta recommendação

c) A instrução dos especialistas ficará distribuída da seguinte maneira: a cargo do official de transmissões — todos os signaleiros, telephonistas e especialistas de radio, corneteiros (Sarg. e cabo) do P. E. no papel de agentes de transmissão; descentralizados nas Sub-Unidades, sob a responsabilidade directa dos Cmts. d'estas — os agentes de ligação, mensageiros, observadores, telemetristas (r. M. Mixta) e corneteiros e tambores da Sub-unidade (no papel de agentes de transmissão); sob a direcção do medico do Batalhão — enfermeiros e padoleiros (inclusive os musicos); e sob a direcção do Ajudante — os sapadores do P. Extranumerario.

NOTA — Essa instrução, embora assim descentralizada, deverá começar toda na mesma época. Para isso vejam-se depois o calendario e recommendações a respeito.

O objectivo principal é obter — a instrução de todos os especialistas do corpo, deixando os do Pel. de Cmdo., Secção de Commando, Serviço de Saúde, a cargo de instructores que terão sempre, normalmente, de exercer fiscalização sobre elles, verificando, consequentemente, o seu aproveitamento.

d) Para os candidatos a cabo será designado, na época opportuna, o respectivo instructor.

e) A instrução do pessoal de contabilidade ficará a cargo do Fiscal secundado pelo official Thesoureiro. Nella deverão tomar parte os sargentos e cabos contadores, sargentos e cabos furrieis.

OBSERVAÇÃO — Será creado neste anno um curso especial para sargentos, notadamente os promovidos sem concurso, que versará sobre: Portuguez, Arithmetica, Chorographia do Brasil, Historia do Brasil, Geographia e Desenho. Esse ensino será ministrado pelo Director da Escola Regional.

METHODO DE INSTRUÇÃO E PONTOS IMPORTANTES A OBSERVAR

1) Os programas de instrução convem sejam levados até os menores escalão (no minimo pelotão e grupo), tomando mais um caracter de planos de lição, preparados de vespera com consultas aos regulamentos e disposições a respeito da materia a ensinar. Evitem-se as improvisações, que, na generalidade, não dão resultado.

2) Os Cmts. de Sub-unidade deverão designar, no inicio da instrução, instructores para determinadas partes da mesma. Como conhecedor das especialidades e aptidões dos seus subalternos e graduados, cada Cmt. de Sub-unidade pôde muito bem distribuir entre elles os diferentes ramos de instrução, pois está provado pela pratica que esse processo dá mais rendimento, apesar de ser necessario que cada official ou graduado esteja em dia com todos os assumptos. Devem ser designados dois subalternos: um para encarregado da instrução de tiro, outro para a instrução physica.

A instrução moral é preferivel que fique a seu cargo, devendo assisti-la, tanto quanto possivel, todos os homens da Cia.

3) Recommendo muito particularmente o modo de iniciar a instrução dos recrutas. E' preciso que todos se convençam que a instrução no campo tem mais importancia que a instrução de ordem unida; que a noção de direcção tem mais importancia que a de alinhamento; que, finalmente, o objectivo principal da instrução é preparar o homem para o combate; cumpre, por isso, dar a instrução fóra do quartel o mais breve possivel e, como norma, convem que todos os pontos sejam atacados simultaneamente, procurando-se um desenvolvimento, tanto quanto possivel, paralelo e harmonico dos diversos assumptos que o soldado deve conhecer.

4) E' de maxima importancia que todos os officiaes façam da sua profissão um verdadeiro sacerdocio, não se esquecendo, ainda, de aperfeiçoar a sua cultura geral, que servirá, sobretudo, para elevar o conceito da nossa classe fóra do quartel. A pratica constante da cultura physica deverá constituir uma preocupação, cultivando, sempre que se apresentar oportunidade.

todos os esportes que contribuem para o revigoramento do corpo, além da participação na sessão de instrução physica diaria, que será obrigatória para os officiaes subalternos.

5) Todos os officiaes e sargentos deverão ministrar, periodicamente, a instrução á unidade immediatamente superior á correspondente á seu posto.

6) Os programmas de instrução das sub-unidades serão apresentados ao Fiscal no sabado da semana anterior.

7) As marchas de treinamento serão realizadas semanalmente, aos sabbados pela manhã, começando com a distancia de 8 kilometros, que irá augmentando seguidamente até 25, comprehendendo os percursos de ida e volta. A partir do terceiro mez de instrução (Julho) haverá uma marcha ou exercicio nocturno, de 15 em 15 dias, ficando no dia seguinte dispensada a instrução principal da sub-unidade que os executar.

8) A instrução physica no primeiro mez será dada sob o regimen de fracos e sob a forma de sessões de estudo. Nella será obrigatória, durante todo o periodo, a participação de todos os graduados da Companhia.

9) No dia 6 de Julho deverão ser propostos os serventes de metralhadora e petrechos, para serem incluídos na C. M. Mixta.

10) A relação dos analphabetos será apresentada o mais cedo possível. Fica marcada a data de 18 de Maio para abertura das aulas da E. Regimental. O ensino dos analphabetos, porém, será intensificado nas sub-unidades, fóra das horas de instrução, por homens seleccionados para esse myster.

11) Ficará a critério dos Cmts. de sub-unidade a escolha dos locais para os exercicios de manobabilidade e combate, devendo ser communicado, porém, a este commando, onde e quando os mesmos se realizarem.

12) Cada jornada de instrução será dividida em tres sessões, sendo uma principal pela manhã e duas outras á tarde. A sessão intermediária será destinada á instrução geral e instrução moral e civica. Esta ultima terá lugar também nos dias feriados, nos quaes os grandes feitos politicos e militares nacionaes deverão ser convenientemente explorados e citados como exemplo ás modernas gerações.

13) As quartas e sabbados não haverá instrução no 3º tempo, sendo reservado o das quartas-feiras para o reparo dos uniformes e limpeza geral do quartel e, o dos sabbados, para as revistas de armamento, fardamento, equipamento e arreiamento.

14) Pelo menos uma vez por mez, nos sabbados, o medico da Formação sanitaria do B. C. fará, das 14 ás 16 horas, uma preleção ás praças sobre hygiene pessoal, primeiros socorros medicos, molestias epidemicas e molestias venereas, convindo assistil-a, tanto quanto possível, todos os officiaes.

15) Compete a cada commando subordinado a iniciativas de fazer resaltar as necessidades materiaes, para o bom desempenho e consequente execução do presente programma.

16) A observação do anno anterior demonstrou a necessidade de se encarar com mais rigor a instrução moral, disciplinar e as noções

de hierarchia para os sargentos, cabos e soldados. A perfeita noção do circulo dos seus parâmetros á maxima vantagem, sob todos os pontos de vistas á vida do Batalhão. "Os superiores tratarão os subordinados com brandura e consideração, mas sem nunca descer á intimidade". Um subalterno, dentro de cada sub-unidade, de verá ficar responsavel por isso.

17) Chamo especial attenção para os seguintes pontos:

a) O tiro dos officiaes deverá ser praticado, não somente com a pistola, mas com as diferentes armas da infantaria, para que cada um possa tornar-se um instructor do tiro d'essas armas e conhecer o rendimento que são capazes de fornecer.

b) A instrução de organização do terreno e adaptação ás necessidades, que tem tido até agora, por diversas circumstancias, um desenvolvimento aquem do que é para desejar, deve ser no 1º periodo do corrente anno levado, á organização do terreno até á construção das redes de arame e arranjo das trincheiras e das sapas (capitulo IV e V-2ª parte do R. O. T. J. e a de adaptação ás especialidades, até o final do R. Phy. M-2ª parte (Treinamento do granadeiro), ficando as provas de adeantamento para o 2º periodo.

c) O treinamento particular dos observadores das Sessões de Commando no emprego do binocular.

d) O aproveitamento dos soldados antigos para as funções de observador, patrulheiro, agente de ligação, monitor de recrutas e para o desempenho de certas missões que sirvam de exemplo aos soldados novos.

e) A instrução dos sapadores deve ser encarada, considerando o seu emprego no combate. Os sapadores do Pel. Extranumerario são encarregados da construção do P. C. do Cmt. do B. C., P. C., esse que, numa parada, durante uma situação offensiva, é organizado summariamente mas numa situação defensiva é abrigado, exigindo certos requisitos de instalação, resistencia, distarce, etc. Além disso devem praticar destruições e preparar passagens nos cursos d'agua. E' com esse objectivo que a instrução dos sapadores deve ser dirigida em separado.

18) O medico deverá acompanhar, durante todo o periodo, os exercicios physicos, para poder formar juizo sobre o desenvolvimento dos homens e orientar os instructores no que for necessario.

19) A frequencia ao Stand de tiro pelas sub-unidades, será feita do seguinte modo:

1ª Companhia — As Segundas-feiras: durante todo o dia.

— Quartas-feiras; sómente pela manhã.

2ª Companhia — As Terças e Sabbados — do mesmo modo que a 1ª.

C. M. Mixta — As Quintas-feiras: durante todo o dia.

P. Extranumerario — As Sextas-feiras; Idem

20) A montagem e desmontagem das armas automaticas e petrechos, deve ser levada até á execução com os olhos vendados.

21) Além dos livros de registro de instrução das Sub-unidades, os instructores dos Sa-

os, cabos e especialistas, deverão ter um próprio para registrar essas instruções.

MATERIAES POSTOS A' DISPOSICÃO DAS SUB-UNIDADES

São postos á disposição das sub-unidades:

1) Todo o material de instrução physica ao do official encarregado dos esportes (disparadores, pesos, halteres, barreiras, chronómetros,apparelhos de salto, etc), material esse deverá ser retirado e recolhido logo após a rucção physica.

2) O Stand de tiro do B. C. (até á distancia de 200), para ser frequentado nos dias marcos; de 200m até 500m no terreno da inver-

3) Alvos para pistolas, fuzil, mosquetão, F. Metr. L. e Pesadas, com official encarregado de retirados e recolhidos pelas sub-unidades á instrução.

4) Ferramenta de sapa grossa(pás, picas e foices) que deverá ser retirada do armazém quando for necessario para a instrução de organização do terreno.

5) Arame lizo e farpado, pregos e grampos para o mesmo fim acima.

6) Lanternas para as marchas nocturnas.

7) Fuzis, luvas, e mascaras proprios para esgrima de bayoneta, na proporção de 10 por pelote e 5 para o P. Extranumerario.

8) O resto do material para a instrução adaptado ás especialidades, bem como o terreno e pistas de treinamento, serão providenciados em tempo.

9) Paineis de identificação e demarcação de cargo do official de transmissões).

INSTRUCCÃO DOS QUADROS

a) Officiaes —

1) Estudo commentado dos regulamentos de arma de infantaria e das outras armas, quer sessões especiaes, quer durante a realização de exercicios na carta e jogos da guerra. Esse estudo, como base do preparo profissional, ainda que, por muito tempo, continuar neste corpo, tem o caracter de obrigatoriedade.

2) Exercicios na carta — compreendendo os de Companhia, Batalhão e Regimento, com soluções creadas no momento, afim de desenvolver o espirito de decisão; esses exercicios serão dados até o ponto, em que o preparo geral seja mais ou menos sufficiente para a comprehensão de solução prompta dos themas de tactica geral, em o emprego combinado das outras armas.

Serão pedidos calcos, ordens e soluções particulares aos escalões subordinados, que serão dada e variadamente attribuidos aos interessados.

3) Conferencias mensaes — Mediante aviso previo, será designado, em cada mez, um official para apresentar uma conferencia sobre qualquer acto, combate ou batalha importante das guerras passadas ou da grande guerra de 1914-1918. Essas conferencias terão mais o caracter de fazer retratar situações e consequencias tacticas importantes do que o de longos discursos, sem nenhum objectivo á attingir, mas com a preocupação de demonstrar illustração

4) O armamento da infantaria (Neste periodo) — Pistola, F. M., Mtrs. L. e Pesada,

- Conhecimento geral.
- Funcionamento.
- Montagem e desmontagem.
- Emprego.
- Rendimento.

5) Topographia — Estudo que proseguirá até o fim do anno de instrução, abrangendo leitura de cartas, nivelamento, construcções de perfis, partes vistas e occultas (com o objectivo de se escolher logar para um observatorio ou collocação de uma arma automatica) — Estudo do terreno, esboços topographicos e panoramicos.

6) Esgrima e equitação — Estas duas partes da instrução serão tambem centralizadas para todos os officiaes, dadas em reuniões especiaes para esse fim. A esgrima a ser cuidada em particular será a de sabre.

INSTRUCCÃO DOS OFFICIAES DOS SERVIÇOS

1) Os officiaes dos Serviços (medico, contador, aprovisionador e almoxarife) assistirão, em principio, a todas as sessões destinadas aos officiaes, principalmente quando se tratar de exercicios ou themas na carta, em que haja oportunidade do emprego dos diferentes Serviços. Serão, para isso, com antecedencia avisados.

2) Fora d'essas reuniões normaes, serão reunidos separadamente para estudo do Serviço de saude, reabastecimento e reaprovisionamento, com especialidade em tempo de guerra.

INSTRUCCÃO COMMUM DOS OFFICIAES COMBATENTES E DOS SERVIÇOS

1) Noções indispensaveis sobre mobilização do corpo.

2) Estudo cuidadoso dos processos de informações).

b) SARGENTOS.

O sargento é o substituto do official. Por esse motivo mesmo, a sua instrução profissional e geral deve ser cuidada com desvelo.

1) Estudo dos regulamentos da arma e complementares — Por meio de sessões especiaes com o official encarregado da instrução dos sargentos (vide distribuição do tempo no final d'este programma) e continuado no ambito das sub-unidades.

2) Exercicios na carta — Comportando themas simples, onde haja oportunidade de destacar accões de pelotão e companhia.

3) Topographia — Compreendendo: emprego da bussola; leitura de cartas; angulo de marcha; nome dos accidentes do terreno; coordenadas hectometricas; levantamento de um itinerario; confecção de esboços e croquis.

4) Armamento: Pistola, Fuzil, Mosquetão, Metr. L. e Pesada; Granadas. Durante este periodo, somente conhecimento geral, emprego, rendimento, montagem e desmontagem; nomenclatura das partes principaes.

Este estudo será aprofundado nos 2º e 3º periodos, addicionando-se-lhe o estudo dos petrechos e carros de assaltos.

5) Orientação; designação de objectivos e avaliação de distancias — Conhecimento dos processos mais usuais (orientação pela bussola, pelo sol, estrelas; designação de objectivos por coordenadas, millesimos e referencias do terreno; avaliação de distancia á vista, telemetros e binoculos-telemetros).

6) Conhecimento das possibilidades das unidades da sua arma até o Regimento (inclusive) e do concurso que as outras armas, podem prestar á Infantaria (especialmente a Artilharia e Aviação).

7) Instrução physica e esgrima de combate — Com o objectivo de especializar os sargentes nesses dois ramos da instrução.

c) CABOS

A instrução dos cabos terá por escopo torná-lo aptos a commandar o grupo de combate.

Constará de:

1) Estudo dos regulamentos somente da arma

2) Conhecimento perfeito do grupo de combate — comprehendendo o seu emprego em diversas situações: combate offensivo, como patrulha, pequeno posto etc.

3) Exercícios na carta — apenas os exercícios simples, que interessem até o pelotão.

4) Emprego das armas do Grupo e Secção de Mtr.

5) Avaliação de distancias pelos diversos meios

6) Estudo minucioso da procura e designação de objectivos.

7) Noções simples de ligações e transmissões.

8) Instrução physica e adaptação ás especialidades — Interessando o preparo dos cabos para especialistas d'esses ramos da instrução, afim de torná-los verdadeiros monitores.

INSTRUÇÃO DA TROPA

A instrução da tropa, no 1º periodo, comprehenderá:

a) Instrução moral.

b) Instrução physica.

c) Escola do Soldado.

d) Escola do grupo.

e) Escola do pelotão.

f) Instrução de tiro.

g) Organização do terreno.

h) Orientação.

i) Procura de objectivo e avaliação de distancias.

j) Instrução especial: patrulheiro, observador, agente de transmissão).

k) Instrução do serviço em companhia (marchas, estacionamentos, segurança).

Esta instrução depende muito mais do devotamento e carinho dos instructores do que propriamente das prescripções que os programas costumam enumerar; não é demais entretanto ressaltar os seguintes pontos:

1) A instrução moral é preciso ser enfrentada com verdadeiro amor. As noções do cumprimento do dever, sacrificio, patriotismo, dignidade individual, subordinação, conhecimento da missão do Exército, dos grandes feitos nacionaes, deverão constituir preocupação constante.

2) A instrução physica, deve comprehender não somente a parte de gymnastica, mas tambem de adaptação ás especialidades (esgrima de bayoneta, treinamento dos fuzileiros, metralhadores, serventes de petrechos e granadeiros) e todos os esportes, de um modo geral.

3) A marcha da instrução nas escolas de soldado, do grupo e do pelotão, deve cingir-se ás determinações dos Arts. 81 e 82 do R. I. Q. T. O pelotão será constituído quer com o effectivo de paz, quer com o de guerra.

4) A observação mais importante referente ao tiro é que a instrução preparatoria e a execução do tiro real e de combate, devem ser feitas para todas as armas usadas nas sub-unidades (fuzil, mosquetão, pistola, Mtr. L. e Pesada), de accordo com a utilização das mesmas pelos homens.

5) A instrução de orientação, procura a designação de objectivos, avaliação de distancias; instrução especial do patrulheiro, observador, agente de transmissão; instrução do serviço em campanha, devem ser dadas sempre no campo.

INSTRUÇÃO DO PESSOAL DE CONTABILIDADE

Esta instrução abrangerá principalmente:

1) Conhecimento geral da contabilidade administrativa do corpo e da sub-unidade; prestação de contas e balancetes.

2) Organização das tabellas de vencimentos; modo de proceder os descontos; calculos das porcentagens, diarias, indemnizações, soldo, etapa e gratificação.

3) Instrução para distribuição de fardamento; tabellas e pedidos.

4) Tempo de duração do equipamento, arreamento e outros materiaes.

5) Modo de fazer economia de fardamento.

6) Duração e descarga do material a cargo das sub-unidades e do corpo.

7) Tabella de rações.

8) Noções sobre o trem de combate e de estacionamento.

9) Conservação, limpeza e atrelagem das viaturas.

10) Reabastecimento e remuniamento.

11) Accionamento de todos esses serviços em tempo de guerra.

INSTRUCTORES

São desde já nomeados:

Instructor dos officiaes subalternos e sargentos — 1º Tenente Xavier Leal.

Instructor dos especialistas — 1º Tenente Manoel Alire Carneiro.

(cujo preparo ficará a cargo do Batahão).
Instructor dos sargentos promovidos sem concurso e dos cabos — 2º Tenente Silvino Castro da Nobrega.

Instructor do pessoal de contabilidade — Aspirante a Official Contador Agenor de Carvalho Peixoto.

Os demais serão nomeados, na época designada, em boletim.

Quartel em Joinville, 2 de Maio de 1929.

13º BATALHÃO DE CAÇADORES

Annexo ao programma de instrução para o 1º periodo do anno de 1929-1930

HORARIO PARA O PRIMEIRO PERIODO

DESIGNAÇÕES	MAIO E AGOSTO	JUNHO E JULHO	SETEMBRO
Alvorada	6 hs.	6,30.	5,30.
1ª refeição	6,30.	7 hs.	6 hs.
Instr. e exerc. principal	7 às 9,30.	7,30 às 9,30.	6,30 às 9,30.
2ª refeição (almoço)	10 hs.	10 hs.	10 hs.
Parada	11 hs.	11 hs.	11 hs.
E. Regimental	19 às 21 hs.	19 às 21 hs.	19 às 21 hs.
Instr. e limp. dos animaes	11,30 às 12,30.	11,30 às 12,30.	11 às 12,30.
Ensaio de musica	8 às 11 hs.	8 às 11 hs.	8 às 11 hs.
Ensaio de corneteiro	11 às 12 e 16 às 17.	11 às 12 e 16 às 17.	11 às 12 e 16 às 17.
3ª refeição	13 hs.	13,30.	13,30.
Instrução	14 às 16 hs.	14 às 16 hs.	14,30 às 16,30.
Ensaio para aprendizes	14 às 16.	14 às 16 hs.	14 às 15,30.
Boletim	16,30.	16,30.	16,30.
Form. para leitura boletim	16,50.	16,50.	16,50.
4ª refeição	17 hs.	17 hs.	17 hs.
Revista do recolher	21 hs.	21 hs.	21 hs.
Silencio	22 hs.	22 hs.	22 hs.

Distribuição do tempo para as instruções especiais

DIAS	HORAS	DESIGNAÇÃO
Segunda	11 às 12,30.	Instrução dos especialistas.
Terça	10,30 às 12.	Instrução dos officiaes.
Quarta	16 às 17.	Instrução dos cabos.
Quinta	11 às 12,30.	Instrução dos sargentos.
Sexta	10,30 às 12.	Instrução dos officiaes.
Sabbado	16 às 17.	Instrução dos especialistas.
	11 às 12,30.	Instrução dos sargentos.
	16 às 17.	Instrução dos cabos.
	9,30 às 10,30.	Instrução das bandas de musicas e corneteiros.
	10,30 às 12.	Instrução dos officiaes.

OBSERVAÇÕES

- 1) A instrução das bandas de musica e corneteiros, aos sabbados, será em conjuncto
- 2) O ensino dos analphabetos nas sub-unidades será ministrado das 19,30 às 21 horas

Quartel em Joinville, 2 de Maio de 1929.

COMMANDANTE

O DIA DO SOLDADO

Sua instituição

Sr. Chefe do Departamento do Pessoal da Guerra.

Coube-me a iniciativa de instituir, por acto de 25 de Agosto de 1923, a festa de Caxias para o fim rendermos, cada anno, á memoria desse glorioso general, a homenagem de nossa profunda admiração pelas raras virtudes de que são eloquente testemunho tantos e tão fecundos serviços, que, assim na paz como na guerra, prestou elle ao paiz com a devoção patriótica que o consagrou, para todo o sempre, benemerente da gratidão nacional, e nos herdou um grande exemplo para a educação moral e civica dos jovens brasileiros.

Nenhuma ephemeride é, por isso mesmo, mais que a data natalicia do Duque de Caxias, propria a ser escolhida para "Dia do Soldado".

E! essa escolha que me honro sobremaneira de fazer agora, accetando a suggestão do illustre commandante da 1ª Região Militar.

Terão, nessa data, os nossos bravos camaradas a festa militar destinada especialmente a exaltar o sentimento do dever, acendrando o culto da nobreza civica e da lealdade patriótica, que é o traço dominante da vida do Duque de Caxias.

Os commandantes de unidade organizarão annualmente a festa militar de 25 de agosto com o espirito civico recomendado no capitulo VIII do R. I. S. G.

Saúde e fraternidade.

Setembrino de Carvalho.

BIBLIOGRAPHIA

SUMMARIO DAS REVISTAS

Recebemos e agradecemos:

NACIONAES

Brasil

Revista Militar Brasileira Outubro a Dezembro de 1928 e Janeiro a Março de 1929.

A região Sul de Matto Grosso — A ligação Infantaria-Artilharia — Artigas — Notas de estudo do regulamento de artilharia — Campanha do Paraguay — Regulamento geral do commando do Ex. Uruguayo.

O Tiro de Guerra Maio-Junho.

Reservas — Resultado contentador — A margem do novo R. L. S. G. — Curso de Educação physica.

Revista de Intendencia Maio-Junho.

O serviço de subsistencias no Exército Português — A Convenção preliminar de paz de 1823.

Liga Maritima Brasileira Junho.

Nova phase — A Aviação civil no Brasil — Visita do Ministerio da Marinha aos Portos do Norte.

BOLIVIA

Revista Militar Maio e Junho

Alguns aspectos da organização militar do

Brasil (continuação) — A educação do indio na Bolivia — Importancia da especialização — A moral profissional — As escolas technicas nos exercitos modernos — Artilharia de acompanhamento e artilharia de infantaria.

CHILE

Memorial del Ejercito de Chile Maio.

A Batalha de Tacna — Artilharia em posição — A personalidade de Foch e o commando unico.

EQUADOR

El Ejercito Nacional N. 44.

Numero commemorativo do Centenario da Batalha de Tarqui — A mobilização da imprensa — A mobilização moral do paiz.

COLUMBIA

Revista Militar del Ejercito Janeiro a Abril.

A Batalha de Tarqui — A cavallaria na ultima guerra — Apontamentos sobre cavallaria — Instituto de preparação militar — Acção das tropas ante um movimento subversivo — Qual deve ser o armamento da cavallaria columbiana? — novo exercito allemão.

Ribeiro Junqueira, Irmão & Botelho

(Casa Bancaria - Rua da Quitanda, 113) — Rio de Janeiro

Associadas em:

LEOPOLDINA

RECREIO

PORTO NOVO

SYLVESTRE FERRAZ

MUQUY — ESTADO DO ESPIRITO SANTO

MINAS GERAES

MIRACEMA

ITAPERUNA

FORCIUNCULA

BARRA MANSA

REZENDE

E. DO RIO

Brevemente associadas em:

PETROPOLIS, SÃO FIDELIS E PADUA — ESTADO DO RIO

Faz todas as operações bancarias:

ADEANTAMENTOS, DESCONTOS, EMPRESTIMOS, COBRANÇAS, TRANSFERENCIAS DE FUNDOS, RECEBIMENTO DE JUROS, COMPRA E VENDA DE APOLICES E OUTROS TITULOS. Aceita DEPOSITOS EM C/C e A PRAZO FIXO, pagando juros.

CONVÉM a todos a abertura de uma conta corrente e o USO DO CHEQUE:

Fazei todos os vossos pagamentos por meio de cheques — é seguro e facil; evita erros, enganões e furtos.

4º — Facilitaremos aos nossos assignantes a obtenção de quaesquer livros militares à venda nas livrarias do Rio de Janeiro mediante a taxa de \$500 para registro e expediente. A quantia correspondente deverá ser remettida adiantadamente, em vale postal.

Soares de Sampaio & Cia. Ltd.

Avenida Rio Branco n. 63 - 2º and.

Rio de Janeiro

Teleg. — GUIRIRY

Teleph. $\left\{ \begin{array}{l} \text{N. 7971} \\ \text{N. 5559} \end{array} \right.$

REPRESENTANTES NA EUROPA:

Sté. Anón, Soares de Sampaio & Cie.

4, Rua Pasquier — PARIS

**Material fixo e rodante para
Estradas de Ferro**

P O N T E S

Estructuras Metallicas

TUBOS PARA AGUA -- GAZ -- ESGOTOS

CONSTRUCCOES NAVAES

Carga - Passageiros

NAVIOS DE GUERRA